

# IMIGRAÇÃO VÊNETA, CULTURA E LÍNGUA DE HERANÇA

## O TALIAN EM COLOMBO-PARANÁ



Karine Marielly Rocha da Cunha  
Mara Francieli Motin  
Diego Gabardo  
Fábio Luiz Machioski



# IMIGRAÇÃO VÊNETA, CULTURA E LÍNGUA DE HERANÇA

O TALIAN EM COLOMBO-PARANÁ



Karine Marielly Rocha da Cunha  
Mara Francieli Motin  
Diego Gabardo  
Fábio Luiz Machioski

---

## Conselho Editorial

Profa. Dra. Andrea Domingues	Prof. Dr. José Rubens Lima Jardimino
Prof. Dr. Antônio Carlos Giuliani	Prof. Dr. Juan Droguett
Prof. Dr. Antonio Cesar Galhardi	Profa. Dra. Ligia Vercelli
Profa. Dra. Benedita Cássia Sant'anna	Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes
Prof. Dr. Carlos Bauer	Prof. Dr. Marco Morel
Profa. Dra. Cristianne Famer Rocha	Profa. Dra. Milena Fernandes Oliveira
Prof. Dr. Cristóvão Domingos de Almeida	Prof. Dr. Narciso Laranjeira Telles da Silva
Prof. Dr. Eraldo Leme Batista	Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins
Prof. Dr. Fábio Régio Bento	Prof. Dr. Romualdo Dias
Prof. Dr. Gustavo H. Cepolini Ferreira	Profa. Dra. Rosemary Dore
Prof. Dr. Humberto Pereira da Silva	Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus
Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa	Profa. Dra. Thelma Lessa
	Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt

---

## Comitê Editorial para Publicações de História

Dr. Hidelberto de Sousa Ribeiro, Dr. Magno Francisco de Jesus Santos,  
Dra. Marileide Lázara Cassoli, Dra. Silene Ferreira Claro, Ma. Tatiane de Jesus Chates

©2023 Karine Marielly Rocha da Cunha; Mara Francieli Motin;  
Diego Gabardo; Fábio Luiz Machioski

Direitos desta edição adquiridos pela Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

---

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

---

132

Imigração vêneta, cultura e língua de herança: o Talian em Colombo-Paraná /  
Karine Marielly Rocha da Cunha, Mara Francieli Motin, Diego Gabardo, et al. –  
Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2023.

Outro autor: Fábio Luiz Machioski

164 p., fotos.; 16 X 23 cm

ISBN: 978-85-462-2298-8

1. Imigração italiana. 2. Cultura italiana. 3. Língua de herança. 4. Dialectos vênets. I. Cunha, Karine Marielly Rocha da. II. Motin, Mara Francieli. III. Gabardo, Diego. IV. Machioski, Fábio Luiz. V. Título.

CDD: 305.851081

---

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Índice para catálogo sistemático

I. Imigração italiana

PACO  EDITORIAL

Av. Carlos Salles Block, 658  
Ed. Altos do Anhangabaú, 2º Andar, Sala 21  
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100  
11 4521-6315 | 2449-0740  
contato@editorialpaco.com.br

Foi feito Depósito Legal

Dedicamos este livro aos que  
valorizam suas origens e  
transmitem às novas gerações  
as culturas<sup>1</sup> que herdaram.

---

1. Associamos às “culturas herdadas” o conceito de “Cultura de Herança” cunhado por Fornasier, Ortale e Cunha (2022, p. 224) definindo-a como “patrimônio imaterial que nasce da confluência de duas ou mais culturas. É o conjunto de valores, crenças, língua(s) e práticas sociais de uma comunidade, herdado por indivíduos que se identificam com esse modo de viver e significar o mundo.”



# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	<b>9</b>
O Talian em Colombo: um diálogo entre herança cultural e fraternidade	9
<b>PRIMEIRAS PALAVRAS</b>	<b>15</b>
<b>1. DO VÊNETO PARA COLOMBO</b>	<b>19</b>
1.1 A decisão de emigrar dos camponeses católicos da região do Vêneto	19
1.2 Um recrutador de rebanho no Canal do Brenta: a atuação do padre Angelo Cavalli	33
1.3 A formação da Região de Colonização Italiana do Paraná	36
1.4 As colônias e a origem dos imigrantes italianos de Colombo	47
<b>2. OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS ÍTALO-COLOMBENSES</b>	<b>57</b>
2.1 O catolicismo como propulsor de uma etnicidade	57
2.2 A escolarização e as relações com a Itália	65
2.3 As pretensões da Campanha de Nacionalização	72
2.4 A Festa da Uva e a “projeção” de uma italianidade	75
2.5 O centenário da imigração italiana em Colombo	81
<b>3. A RESSIGNIFICAÇÃO DE UMA LÍNGUA DE HERANÇA</b>	<b>91</b>
3.1 As associações culturais italianas em Colombo	93
3.2 A <i>Santa Messa</i> como estratégia de valorização do Talian	95
3.3 <i>Fiò</i> : o (re)encontro com o Talian	101
3.4 Outras iniciativas em prol do Talian	105
3.5 Talian: referência cultural brasileira	106
3.6 Centro de Estudos Vênetos no Paraná e a Língua de herança	108
3.7 Produções recentes do Talian em Colombo	110

<b>4. O TALIAN DE E EM COLOMBO</b>	<b>117</b>
4.1 A denominação de uma língua	119
4.2 As línguas variam no espaço e mudam com o tempo	124
4.2.1 Os contatos linguísticos e culturais	125
4.3 A formação do Talian de Colombo	126
4.3.1 A normatização da língua	132
4.4 O Talian (não) está só no museu	138
<b>PALAVRAS FINAIS</b>	<b>141</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>145</b>
Fontes	151
<b>BIOGRAFIA DOS AUTORES</b>	<b>153</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b>	<b>157</b>



# PREFÁCIO

## O Talian em Colombo: um diálogo entre herança cultural e fraternidade

Foi com enorme satisfação que aceitei redigir o prefácio do livro *Imigração vêneta, língua e cultura de herança: o Talian em Colombo – Paraná*, uma preciosa contribuição no âmbito das políticas de valorização da língua e da cultura como patrimônios imateriais.

Começo por ressaltar que os autores são provenientes de diferentes campos do conhecimento – Educação, História, Antropologia e Linguística –, fato que julgo positivo, uma vez que a língua deve ser compreendida como um fenômeno social complexo, como forma de ação e lugar de interação humana, em que os interlocutores são sujeitos socio-historicamente situados e em constante (re)construção.

É essa aceção ampla de língua que está subjacente ao trabalho ora proposto por Karine, Mara Francieli, Diego e Fábio, no qual exploram diversas facetas do contexto em que atuam como pesquisadores: a história da imigração e dos diversos contatos linguísticos na região de Colombo, o processo de formação de grupos de herdeiros/detentores do Talian, o papel das associações italianas e da comunidade no reconhecimento da língua e da cultura de herança e, por fim, a descrição de propriedades estruturais do Talian que abriga, inevitavelmente, heterogeneidades e constantes mudanças.

No que concerne às contribuições relevantes para compreender os fenômenos de constituição e de resignificação das línguas de herança, cito os seguintes pontos de reflexão desenvolvidos na obra:

- o êxodo como opção para os italianos em contexto de extrema vulnerabilidade social;
- as influências mútuas entre as línguas dos imigrantes e a língua dominante do país de acolhimento;
- os prejuízos advindos da estigmatização da língua de herança;
- a importância de considerar a língua de herança não como obstáculo, e sim como um rico recurso na comunicação;
- o papel das associações italianas, de grupos folclóricos e festas tradicionais;

- a produção de materiais de vivências na língua de herança como forma de (re)criar o elo entre passado e presente;
- a catolicidade como instrumento para unir a comunidade diante das adversidades e criar um espírito de coletividade.

Em relação ao último item, destaco a importante função do catolicismo como “propulsor de uma etnicidade italiana”, mencionada no capítulo 2. Essa afirmação corrobora a ideia de que não basta ser de origem italiana para se identificar com a cultura e com a língua de seus ancestrais e que, por outro lado, pessoas sem qualquer ascendência italiana podem se sentir em certa medida italianas por conviverem na comunidade e por tomarem para si a língua e/ou elementos típicos da cultura italiana.

É possível dizer, portanto, que é o próprio indivíduo quem deve declarar se uma língua é ou não de herança para si, independentemente de laços ancestrais com famílias de imigrantes. O pressuposto da primazia da autopercepção do sujeito em relação a uma língua justifica a minha preferência pelo termo “língua de herança” em detrimento de “língua de imigração”.

Essas observações estão em consonância com a definição de língua de herança, proposta em 2016, a partir do estudo sobre uma ex-colônia italiana do interior do estado de São Paulo, em que propus como critério principal o sentimento de pertencimento do indivíduo em relação a determinada comunidade que a usa. Em 2022, com base na literatura sobre o arcabouço institucional das políticas públicas em prol das línguas de descendentes de imigrantes, propus, juntamente com Salvatto, uma atualização do conceito de língua de herança, no qual acrescentamos como requisitos para a sua definição: a dimensão patrimonial e a dinamicidade das confluências linguísticas e culturais que articulam passado e presente.

A inclusão desses critérios na definição de língua de herança é de suma importância, pois traz à luz o papel do Estado e das instituições no reconhecimento e na responsabilidade pela sua re(existência). Nesse sentido, cabe lembrar a papel crucial da Constituição Federal de 1988 que, em seu artigo 216, define patrimônio cultural brasileiro como

os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (...)

A Carta Magna, fundamental para a consolidação da democracia no Brasil, traz à cena o conceito de patrimônio imaterial, o reconhecimento de uma sociedade plural e ainda, emergência de novos sujeitos de direitos: indígenas, quilombolas e populações tradicionais. Da mesma forma, importantes atos legislativos foram mencionados pelos autores no terceiro capítulo: a lei 13.178 de 2009, que declara o Talian como integrante do Patrimônio Histórico e Cultural do estado do Rio Grande do Sul; a cooficialização do Talian por diversos municípios a partir de 2009; o decreto que institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística em 2010; o reconhecimento do Talian como Referência Cultural Brasileira em 2014; e a lei estadual 20.757, que reconhece Colombo como a capital do Talian no Paraná.

Saliento a afirmação dos autores, ainda no terceiro capítulo, de que leis de tutela não são suficientes para garantir a sobrevivência das línguas de herança, uma vez que os elementos determinantes são a autopercepção dos falantes e os usos que fazem dessa língua. Isso justifica o espaço dado no livro às tradições herdadas e ressignificadas – a “Festa da Uva”, a “Santa Messa” e a “Settimana Italiana” de Colombo – assim como aos materiais de vivência em Talian, devidamente detalhados no terceiro e quarto capítulos: “A máquina do tempo” e “As palavras da Nona Dete”. Destaco ainda, o vocabulário trilingue “Eco di una Valle”, fruto de um profundo estudo sobre o léxico e que contou com os saberes compartilhados pelos membros da própria comunidade, detentores do Talian. Todas essas produções reforçam a ideia de que a língua de herança não é uma “forma errada de falar” e que, ao contrário, é uma língua legítima e autônoma em relação às línguas das quais se origina.

O reconhecimento da língua e da italianidade em Colombo foi resultado de um prolífero conjunto de pesquisas e de ações institucionais junto à comunidade, que só se tornaram possíveis graças aos laços de colaboração entre pessoas guiadas por generosidade, respeito e afeição. Esses são elementos que, sem dúvida, aludem ao princípio da fraternidade.

Antonio Maria Baggio, filósofo vêneto e professor universitário, em sua obra *O princípio esquecido*, propõe uma discussão sobre a tríade que serviu como lema da Revolução Francesa – Liberdade, Igualdade e Fraternidade – para argumentar que foi justamente a fraternidade, o princípio, que acabou sendo relegado, enquanto os outros dois estiveram amplamente presentes nos debates políticos e foram integrados, de certa forma, no seio dos sistemas democráticos. Mas o autor salienta que a fraternidade, nos últimos anos, vem surgindo como exigência da própria política, sobretudo a partir da constatação de que a realização dos outros dois princípios – liberdade e a igualdade – ficou incompleta ou até mesmo fracassou.

É na esteira desse pensamento que este volume poderá contribuir para o desenho de futuras pesquisas que objetivam dissipar a naturalização da ideia do Brasil como um país monolíngue e dar visibilidade às minorias bi/multilíngues. Para isso será preciso que os estudos sejam guiados pelo princípio da fraternidade, que pressupõe um relacionamento horizontal e a ajuda recíproca entre sujeitos por meio de movimentos concretos no âmbito da defesa de direitos. E esse foi o caso de Colombo, pois a fraternidade tornou-se parte constitutiva do desenvolvimento das pesquisas sobre a história e sua(s) língua(s) de herança.

Por fim, gostaria de revelar que evoquei a obra de Baggio porque fui tocada pelo sentimento de fraternidade que ecoou da leitura de cada um dos capítulos. As reflexões suscitadas por esse livro levam-me a finalizar este prefácio, afirmando que a fraternidade, entendida como “a harmonia e a união entre aqueles que vivem em proximidade ou que lutam pela mesma causa” (Houaiss) –, parece ser o principal ingrediente para a re(existência) da italianidade em Colombo e, por que não dizer, das línguas e culturas de herança dispersas pelo mundo.

Boa leitura!

*Fernanda Ortale*

Professora Titular na área de Língua Italiana da Universidade de São Paulo

## Referências

BAGGIO, Antonio Maria. **O princípio esquecido**. São Paulo: Cidade Nova 2008. Tradução de **Il principio dimenticato: la fraternità nella riflessione politologica contemporânea**, 2007.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496f. Disponível em: <http://bit.ly/2VZEXTa>. Acesso em: 24 fev. 2023.

ORTALE, Fernanda Landucci. **A formação de uma professora de italiano como língua de herança: o pós-método como caminho para uma prática docente de autoria**. Tese (Livre Docência em Língua italiana) - USP, São Paulo, 2016.

ORTALE, Fernanda Landucci; SALVATTO, Gabrielle Cristina. Dai nonni ai nipoti: práticas familiares em língua de herança. **Revista de Italianística**, n. 44, 2022.



# PRIMEIRAS PALAVRAS

O imigrante tem um mundo do passado ao qual pertence e um mundo do presente ao qual será sempre, mais ou menos, estranho; mas seu filho está em ambos e frequentemente em nenhum.  
(Antonio Miñoz Molina, tradução nossa)<sup>2</sup>

A imigração sempre fez parte da história da humanidade e esse traslado não é só de pessoas na forma física, mas de suas culturas e de suas tradições que se unem a novos elementos em um novo local. O resultado dessas interações produz uma cultura que já não é mais aquela que elas deixaram, mas uma nova. Nesta obra abordaremos essas interações que resultaram na produção de uma cultura e língua de herança na cidade de Colombo, no Estado do Paraná.

Desde a fundação da primeira colônia italiana, em 1878, que mais tarde veio a se tornar o centro dessa cidade, essa localidade e os seus bairros rurais abrigam um número significativo de descendentes de imigrantes italianos, com prevalência os de origem vêneta, chegando a aproximadamente 80% da população dessa área<sup>3</sup>.

Essa representatividade reverbera em alguns títulos como “a maior colônia italiana do Paraná” e a “Capital paranaense do Talian” e também em algumas atividades como o Circuito Italiano de Turismo Rural e a realização da Festa da Uva, atualmente em sua 56ª edição. A cidade conta ainda com associações culturais (Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia e Associazione Veneti nel Mondo-Colombo), que são um espaço de sociabilidade, valorização e manutenção das tradições herdadas daqueles primeiros imigrantes

---

2. *L'immigrato ha un mondo del passato a cui appartiene e un mondo del presente al quale sempre, più o meno, sarà estraneo; suo figlio invece sta in tutti e due e molte volte in nessuno.*

3. Este percentual é a constatação de uma pesquisa fomentada pela Lei Federal de emergência cultural Aldir Blanc, de nº 14.017/2020, regulamentada pelo decreto presidencial nº 10.464, de 18 de agosto de 2020. O fomento refere-se ao ano de 2022, disponibilizado pelo Departamento de Cultura da Cidade de Colombo. Trata-se, em poucas palavras, do mapeamento dos elementos do patrimônio imaterial da cultura dos ítalo-colombenses, tendo como base o Talian. Estudos e análises sobre os resultados da pesquisa serão divulgados em trabalhos futuros à publicação deste livro.

e ressignificadas no presente. Uma das principais promoções dessas instituições é a *Settimana Italiana di Colombo*, realizada desde 2006.

A academia é carente de estudos que tratem de língua e imigração ao mesmo tempo. O que percebemos é que há muitos estudos isolados sobre estas temáticas, mas são raros os que apresentam os resultados que este deslocamento intercontinental produziu do ponto de vista cultural e linguístico simultaneamente. Dessa forma, com esta obra, pretendemos começar a preencher essa lacuna e dar a atenção que esta temática merece, trazendo para isso uma abordagem multidisciplinar que perpassa a História, a Educação, a Antropologia e a Linguística voltadas a Colombo. Trata-se de uma soma de esforços entre a academia e a comunidade, cuja participação efetiva permitiu lançar um olhar de dentro para fora. Esse dar voz à comunidade pôde trazer elementos linguísticos que até então não tinham sido contemplados pelas publicações existentes sobre o Talian, língua de imigração italiana considerada referência cultural brasileira.

Diante deste desafio, iniciamos a discussão, no primeiro capítulo, sobre os motivos que levaram os camponeses católicos do norte da Itália a migrar para o Brasil, particularmente o grupo de vênetsos que se estabeleceu no Paraná, detalhando seus locais de origem. Para chegarmos a essas informações e apresentarmos os percentuais de imigrantes, foram consultados os assentos paroquiais, registros civis de nascimento, casamento e óbito, entre meados do século XIX até meados do século XX, em Colombo e no Vênetsos. Foram também consultadas as listas de entrada dos imigrantes em Paranaguá, as listas de serviço militar das províncias do Norte da Itália e os requerimentos dos colonos às autoridades do já referido período.

No segundo capítulo, discorreremos sobre a atuação das congregações religiosas em Colombo, sobretudo, dos padres Passionistas, adentrando na educação católica dos imigrantes e descendentes. Esses religiosos traziam uma nova imagem da Itália como um todo e não só do Vênetsos para a comunidade. A discussão perpassa também a Campanha de Nacionalização e a tentativa de veto de se falar a língua de imigração, além da Festa da Uva e o centenário da imigração italiana, comemorações que demarcam a construção de uma italianidade entre os colombenses.



Já no terceiro capítulo, trazemos as ressignificações que a cultura e a língua passaram nas últimas duas décadas, destacando o trabalho das associações da cidade nesse processo. As iniciativas contemplaram a realização de missas em Talian, encontros com falantes dessa língua, materiais de vivências culturais e linguísticas, além de uma literatura e de um instrumento normatizador (dicionário on-line), voltadas para públicos diferentes e que possibilitaram a escrita do Talian, língua predominantemente oral nesta cidade.

Por fim, no quarto capítulo, abordamos a formação do Talian de Colombo, enquanto língua de contato, apresentando suas particularidades, dada a origem étnica dos seus falantes e suas interações com o ambiente. Para tanto, estabelecemos as relações de substrato, superstrato e adstrato, para essa língua enquanto estrato. Abordamos ainda a importância da normatização para a difusão de obras escritas em Talian, o que possibilita o seu ensino/aprendizagem formal. Para descrever essa língua de herança de Colombo, utilizamos exemplos fornecidos pela própria comunidade.

Para a publicação desta obra, contamos com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), verba PROAP - Código de Financiamento 001, por meio do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH - USP).



# 1. DO VÊNETO PARA COLOMBO

Há um sol que fecunda esta terra,  
amplo altar de trabalho, oração.  
E há outra luz a aquecer nossa alma  
que alegre o olhar, a voz e o coração.  
Essa é a herança que os antepassados,  
lá da Itália, pátria da canção,  
a nós legaram brasileiros de hoje,  
que idolatramos este rincão.<sup>4</sup>  
(Vera Vargas)

O norte da Itália, especialmente o Vêneto, foi uma das maiores regiões de êxodo dessa península no último quarto do século XIX. A decisão de emigrar dos camponeses católicos dessa região deve-se a uma série de condições, crenças, hábitos e costumes que regiam as microsociedades daqueles homens e mulheres no período em que deixaram sua terra natal. Nosso ponto de partida para a escrita deste livro é evidenciar este contexto e a proveniência dos imigrantes que se estabeleceram na região de colonização italiana do Paraná, particularmente, daqueles que se fixaram nas terras que originaram Colombo.

## 1.1 A decisão de emigrar dos camponeses católicos da região do Vêneto

O contexto em que a “velha bota” estava inserida englobava muitos conflitos sociais, causados pelo lento e tumultuado processo de unificação, que se arrastou pelos 3 primeiros quartéis do 1800, como também por conta do avanço do capitalismo e do grande salto demográfico europeu, que geraram uma série de desarranjos socioeconômicos. Foi devido às inovações do sistema capitalista, o qual proporcionou a modernização agrícola, que muitos camponeses ficaram sem ocupação e foram obrigados a deixar o trabalho no campo. Como consequência, as suas áreas urbanas, que ainda esta-

---

4. Estrofe inicial do Hino Municipal de Colombo, escrito pela poetisa Vera Vargas em 1970.

vam em processo de industrialização, foram incapazes de absorver o excedente da mão de obra que provinha das áreas rurais.

Da mesma forma, o avanço do pensamento liberal e do capitalismo foi acompanhado por uma mudança de mentalidade, fazendo com que uma parcela significativa da população de camponeses começasse a afrouxar os laços com as tradições que os ligava à terra dos seus ancestrais. Na verdade, conforme aponta o historiador Eric Hobsbawm (1998, p. 245), ocorreu que as populações do campo se depararam com uma conjuntura nova, fruto do avanço do liberalismo, que sacudiu as antigas estruturas sob as quais pautavam muitos aspectos da sua vida social. Até então, a sociedade camponesa das regiões setentrionais da Itália, em especial a vêneta, caracterizava-se pelo forte apego ao trabalho familiar ligado à terra, herdado do ensinamento medieval do “*ora et labora*”, mantido durante o Antigo Regime.

Neste ínterim, o que determinava a moral dessas sociedades agrárias era a Igreja, que por meio de seu representante local impunha normas que deviam ser seguidas. De acordo com Renzo Grosselli (1987, p. 16), o guia dessas famílias, que de certa forma viviam isoladas no campo, não era nem o imperador, nem o intelectual liberal, mas sim o padre da aldeia, o líder religioso ligado à Igreja Católica Apostólica Romana, à Roma e a sua autoridade máxima, o papa. Sendo assim, era sob o tripé terra, família e catolicidade que se apoiava a sociedade dos camponeses das regiões setentrionais da península naquele período.

Uma sociedade, enfim, profundamente permeada de um espírito religioso totalizante que se confundia, até o ponto de identificar-se, com moral e ética social e que, também por essa razão, confiava às estruturas eclesásticas tarefas que iam além da “cura das almas” e que, em última instância, eram também administrativas e, mais ainda, políticas. (Grosselli, 1987, p. 15)

Portanto, a Igreja era para os italianos do norte, e particularmente para os vênetsos que moravam nos pequenos vilarejos rurais localizados nos campos e nas montanhas, o que o novo estado nacional

era para a burguesia emergente, ou o que os sindicatos e partidos políticos se tornaram para o proletariado do meio urbano. Era no meio eclesiástico que se encontravam os líderes desses trabalhadores da terra, os dirigentes sociais dos camponeses. Com isso, a moral para aquelas comunidades rurais era a católica, na qual os clérigos eram as verdadeiras autoridades a serem respeitadas e seguidas (Possamai, 2004, p. 27-28).

Sob esta perspectiva, percebemos que além dos fatores sociais e econômicos, a apropriação do discurso católico influenciou fortemente na decisão de emigrar dessa população. O fato é que, não aceitando, mas também não se revoltando perante a situação econômica imposta pelas novas conjunturas, a alternativa encontrada foi partir para o além-mar com a esperança de reconstruir em outras terras o modelo de sociedade no qual queriam permanecer. Sobre este aspecto Grosselli (1987, p. 17) afirma:

A moral camponesa era a moral católica do “dá a César o que é de César”, do “ama teu próximo como a ti mesmo”. E a Igreja tinha ensinado ao camponês a não rebelar-se, porque isto sintonizava com os seus dogmas, substancialmente pacifistas e não violentos. [...] Os camponeses europeus emigraram porque a sociedade em que viviam tinha assumido ou estava assumindo características tais que não mais permitiam a sobrevivência de formas de vida e de valores que tinham sido os deles durante séculos.

Compreendemos, portanto, que a não realização de uma revolta violenta por parte dos camponeses, contida pelo discurso católico pacificador, serviu como uma das molas propulsoras que desencadeou o fenômeno do êxodo no Vêneto. Assim, houve uma espécie de “revolução” camponesa pacífica, que se deu por meio da recusa de uma sociedade e da construção de uma nova, não sobre as ruínas da sociedade recusada, mas sim dentro de um contexto geográfico novo, localizado no além-mar. Esta constatação nos ajuda a explicar o porquê as tentativas de solucionar a questão da escassez de trabalho por meio da migração interna, do campo para a cidade,

e da sazonal, aquela pendular e temporária, que até então haviam amenizado o problema econômico, não surtiram mais efeito.

Assim, entendemos que o fenômeno emigratório italiano, e, em particular, o vêneto, em direção ao Brasil, não é só como uma continuidade da migração continental do campo para a cidade, mas também uma procura por novas terras onde o modelo de sociedade tradicional campesina, apoiado na catolicidade, mantido por séculos, pudesse se refazer. Portanto, a solução encontrada foi a emigração intercontinental, deixar definitivamente o país de origem e atravessar o Oceano Atlântico, rumo ao Sul do continente americano em busca da posse de um pedaço de terra, onde toda família pudesse trabalhar unida e junto de alguns conterrâneos reconstruir o modelo de sociedade pautado pelos valores morais aprendidos pela crença no catolicismo romano.

O missionário Pietro Colbacchini<sup>5</sup>, religioso escalabriniano originário de Bassano del Grappa, na província de Vicenza, que atuou como líder religioso de muitos de seus correionais na região de colonização italiana do Paraná, ao expressar sua opinião sobre o fenômeno emigratório em um dos seus relatórios, explica:

Sempre tive por certo e os fatos me comprovam que a emigração, seja pelo crescimento da população, seja pelo fato de máquinas substituírem o trabalho manual, e que tornaram supérflua a mão-de-obra de muitos braços, seja por outras razões de ordem social e moral que tornam difícil a vida na nossa bela Península, se transformou em uma necessidade e uma disposição da Providência em socorro de muitas misérias. (Colbacchini *in* Terragni, 2016, p. 554, tradução nossa)<sup>6</sup>

---

5. Sobre a atuação do referido missionário nas colônias italianas do Paraná consultar Machioski, Fábio Luiz. *Uma luta ultramontana: o discurso do padre Pietro Colbacchini e o forjar da identidade dos imigrantes italianos em Curitiba no final do século XIX (1886-1901)*. 2018. 201f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

6. Ho sempre tenuto per certo ed i fatti me lo comprovano che l'emigrazione, sia per l'accrescimento della popolazione, sia per il fatto delle macchine sostituite al lavoro manuale, e che hanno resa superflua l'opera di molte braccia, sia per altre ragione d'ordine sociale e morale che rendono difficile la vita nella nostra bella Penisola, è divenuta una necessità ed una disposizione della Provvidenza a sollievo di molte miserie.

Vemos que o padre bassanese, contemporâneo do acontecimento histórico em questão, aponta que razões de ordem social e moral, que se coadunavam com os ensinamentos da religião católica, também influenciaram e corroboraram para o fenômeno, e que mais que uma escolha, a emigração era uma necessidade para os camponeses, considerada por ele como uma espécie de viático oferecido pela providência divina diante da difícil conjuntura em que se encontravam. Na visão do referido sacerdote, e cremos que de grande parcela do rebanho católico vêneta, a grande emigração não tinha somente a aprovação de Deus, mas mais que isso, era resultado da própria ação divina. Por esse motivo é que, o missionário, assim como muitos de seus pares, defendia que o êxodo era um acontecimento natural, que devia ser cuidado, mas de forma alguma, impedido pelas autoridades governamentais e eclesiásticas.

O que tem sido feito até aqui diretamente pelo Governo, ou indiretamente por particulares, animados alguns por ótimos sentimentos e outros por interesses particulares, no intuito de parar ou diminuir a corrente emigratória italiana em direção a América, e em especial rumo ao Brasil, embora tenha atingido o objetivo somente em parte, no meu parecer foi ação imprudente, ilógica, que causa mais danos do que vantagens para a nação e para os imigrantes. Uma lei da Providência impera no governo dos povos que os poderes humanos e a influência dos indivíduos não conseguem alterar. Existem alguns fenômenos tanto de ordem física como de ordem social que não podem ser promovidos, e menos ainda impedidos.<sup>7</sup> (Colbacchini *in* Terragni, 2016, p. 582, tradução nossa)

---

7. Quello che si è fatto fin qua direttamente del Governo, od indirettamente da particolari, animati taluni da ottimi sentimenti ed altri da interessi peculiari, al fine di arrestare o diminuire la corrente emigratoria italiana verso l'America, ed in specie verso il Brasile, sebbene non abbia che in parte ottenuto l'intento, a me sembra essere stata opera inconsulta, illogica, diretta più al danno che al vantaggio della nazione e degli emigranti. Una legge di Provvidenza vige nel governo dei popoli che i poteri umani e l'influenza degli individui non varranno a mutare. Vi sono dei fenomeni così nell'ordine fisico come nell'ordine sociale che non si possono intendere e meno impedire.

De fato, o governo italiano não conseguiu impedir a saída de uma parcela considerável de camponeses, até porque poucas foram as ações dele voltadas para isso. O discurso anti-emigrantista do governo, que se coadunava com o pensamento dos grandes proprietários, ficava mais no âmbito das palavras do que da prática, sobretudo na primeira fase do êxodo, que durou até meados da década de 1880.

Entre as maiores levas que primeiramente deixaram a península, no início do último quartel do século XIX, predominaram aquelas que saíram das suas regiões setentrionais: Ligúria, Vale de Aosta, Piemonte, Lombardia, Emília-Romanha, Vêneto, Trentino-Alto Ádige e Friul-Veneza Júlia.<sup>8</sup> Sendo assim, são das regiões do Norte e Nordeste da Itália, predominantemente do Vêneto, que provêm a maioria dos imigrantes italianos instalados no Brasil, e particularmente no Paraná, durante o período que vai de 1871 a 1901.

De acordo com Angelo Trento (1988, p. 38-39), dos emigrantes italianos que se destinaram para o Brasil durante este período, 53% saíram do norte da península italiana, sendo que mais de 35%, o correspondente a 329.498, eram somente das regiões do Vêneto e Friul. Segundo o mesmo autor, já no ano de 1881, o censo dos italianos no exterior apontava que de um total de 82.196 indivíduos dessa origem registrados no Brasil, cerca de 50% eram de vênets e lombardos.

---

8. O Sul da Itália, por sua vez, assistiria a um intenso fluxo emigratório de massa, somente anos mais tarde, já no início do século XX.





**Figura 1. Regiões setentrionais italianas fornecedoras de emigrantes<sup>9</sup>**

Fonte: Autores.

Essa forte emigração vêneta para o Brasil também pode ser constatada por meio dos dados estatísticos apresentados pelo historiador Emilio Franzina. Estes apontam que, entre os anos de 1876-1901, que correspondem à instalação de colônias italianas no Paraná, incluindo as de Colombo, dos 431.617 emigrantes vênets que deixaram a Itália, tendo como destino certo a América, 326.793, mais de 3/4 do total, dirigiram-se para as terras brasileiras. Destaque para os anos de 1888, no qual se registrou que de 85.944 emigrantes vênets, 71.796 desembarcaram no Brasil, e de 1891, que de 74.978 emigrados da mesma região, 70.010 tiveram como destino o solo brasileiro<sup>10</sup> (Franzina, 2006, p. 110-111).

9. Mapa elaborado pelos autores. Destaque para as regiões do Trentino, que na época da grande emigração pertencia ao império Austro-Húngaro, do Vêneto e do Friul-Veneza Júlia, que por sua vez formavam uma única região.

10. Dados retirados da tabela 11 - “Emigrantes vênets partidos para a América no

Este mesmo pesquisador italiano, afirma categoricamente que, o arranjo econômico formado pelo grande impulso populacional e pela industrialização, que atingiu primeiramente a parte setentrional da Itália, deve ser encarado como uma causa geral, mas não única e decisiva para a emigração de massa. Tal indicação nos faz considerar ainda mais o choque que existiu entre a sociedade tradicional camponesa e suas comunidades conservadoras ligadas à Igreja com o pensamento liberal do governo pós-unificação, que possuía um forte viés anticlerical, como fator decisivo da emigração vêneta. Essa influência estava presente nas considerações que Colbacchini fazia sobre o fenômeno:

A causa do significativo aumento da população – embora presente – e importante – não é a razão principal do movimento emigratório que começou entre nós depois dos acontecimentos de 1848. Foram os exilados por força ou os com compromettimentos políticos que partiram primeiro para a Argentina naquela época, e foram esses que tornaram fácil o caminho de ida aos deslocados, que crescia cada vez mais aqui na Itália.<sup>11</sup> (Colbacchini in Terragni, 2016, p. 583, tradução nossa)

Para o missionário católico, representante do clero vêneta da época, as agitações políticas do processo de unificação da península italiana influenciaram, tanto quanto o crescimento demográfico, o surgimento de uma emigração de massa. O fato é que a soma desses fatores criou um clima e um sentimento de crescente desconforto para muitos camponeses.

O desenvolvimento das fábricas e das indústrias com os progressos da mecânica, que em grande parte substituiu a mão do homem e privou tantos trabalhadores de seus honestos

---

período de 1876-1901, de acordo com os países de destino” da obra supracitada.

11. La causa del sensibile aumento di popolazione – sebbene presente – mente non ultima – non è la ragione precipua del movimento emigratorio cominciato fra noi dopo le vicende del 1848. Furono esuli forzati o compromessi politici che salparono i primi per l’Argentina in quel tempo, ed essi furono che aprirono la via della facile uscita agli spostati, che sempre più crebbero qui in Italia.

salários; a unificação em um só dos vários Estados italianos; as especiais condições políticas que obrigaram o governo a gravíssimas despesas e por isso a impor pesados impostos de todos os tipos que em muitos lugares afetam os menos favorecidos de bens, e dissipam muitas fontes de produção, além da obrigação do alistamento militar que não dispensa pessoa alguma e que pesa sobre os filhos do povo; a instrução mais difundida entre as massas que lhes abriu um horizonte ignorado e mais vasto; a facilidade de comunicação e de transporte, a extensão que tomou as relações de comércio, as novas necessidades criadas ou impostas pelas novas circunstâncias; o descontentamento surgido em muitos, para os quais a condição de humildes e de desfavorecidos se tornou insuportável; e digamos também – já que me propus a dizer a verdade sem reticências – do enfraquecimento da fé e da moral cristã que abriu a porteira às aspirações que com certeza não eram aquelas dos nossos pacíficos velhos, os quais facilmente se submetiam às disposições da Providência divina, na esperança de tornar melhor a sua sorte na vida futura... e muitas outras causas, que não é necessário enumerar todas, depois destas principais, influenciam e sempre mais influenciarão a manter vivo em muitos o desejo, e mesmo a real necessidade, de abandonar a própria terra para buscar uma, que acreditam ser mais clemente e benigna.<sup>12</sup> (Colbacchini, 2016, p. 583, tradução nossa)

---

12. Lo sviluppo delle arti e delle industrie coi progressi della meccanica, che in gran parte supplisce alla mano dell'uomo e privò tanti operai di loro onesta mercede; la unificazione in un solo dei vari Stati italiani; le speciale condizioni politiche che obbligarono il governo a gravissime spese e perciò ad imporre enormi balzelli di ogni maniera che in molta parte colpiscono i meno favoriti della fortuna, ed esauriscono molte fonti di produzione, l'altra necessità della leva militare che non risparmia quasi persona e che soprattutto grava sui figli del popolo; l'istruzione più diffusa fra le masse che aprì loro un orizzonte ignoto e più vasto; la facilità delle comunicazioni e dei trasporti, l'estensione che presero le relazioni del commercio, i nuovi bisogni creati od imposti da nuove circostanze; l'incontentabilità sorta in molti, in cui la condizione umile e disagiata riesce insopportabile; e diciamolo pure – giacché mi sono proposto di dire la verità senza reticenze – l'infievolimento nella fede e nella morale cristiana che aperse il varco ad aspirazioni che non erano certo quella dei pacifici nostri vecchi, i quali facilmente si sottomettevano alle disposizioni della divina Provvidenza, nella

Podemos perceber a complexidade do fenômeno, e conforme indica Colbacchini, devemos considerar os vários fatores para perceber quais foram as suas causas. Porém, fica evidente a insatisfação e o descontentamento de grande parcela da população, causados pelas inúmeras transformações acarretadas pelo avanço do pensamento liberal no período, sejam as de ordem política, econômica, demográfica, mas também aquelas de ordem ética, social, moral e religiosa.

É importante também lembrarmos que a política do novo estado italiano não só negligenciou o problema da crise agrária, como também o fortaleceu, contribuindo para o aumento da miséria dos camponeses, e conseqüentemente, para o avanço da emigração. Como exemplos dessas ações, podemos evidenciar que foi em decorrência da unificação e do advento do liberalismo econômico, que se deu o aumento das taxas tributárias e a perda dos direitos comunais de pastagem e de recolhimento de lenha.

Essas imposições feitas pelo governo do recém-unificado estado italiano, de conotação liberal e anticlerical, e que chegou a ser excomungado pela Igreja, criou um grande afastamento para com a população camponesa, caracterizada como tradicional e clerical. O fato é que, para gerir a máquina da Itália unificada, o novo governo necessitou de mais recursos financeiros, e para isso aumentou a carga tributária, atingindo diretamente a parcela menos abastada da população. Na verdade, a nova política italiana procurou se fortalecer conquistando o apoio das classes dirigentes e ricas, de modo que dedicou seus esforços em favorecer os industriais e os latifundiários, em detrimento dos pequenos proprietários e trabalhadores braçais do campo.

Diante deste contexto, conforme indica Alvim (1986), compreendemos por que entre os primeiros a emigrar da região italiana do Vêneto estavam os pequenos proprietários e os arrendatários. A princípio, isso se deve a 2 fatores: primeiro pela penetração do sistema capitalista no campo por meio da concentração e do estímulo

---

speranza di mutare in meglio la loro sorte nella vita futura... e molte altre cause, che non è necessario tutte enumerare, dopo queste precipue, influiscono e sempre più influiranno a tener vivo in molti il desiderio, e spesso il reale bisogno, di abbandonare la propria terra per cercarne una, a loro credere più clemente e benigna.

dado a grande propriedade, que passou a ofertar produtos a preços inferiores, eliminando a concorrência dos pequenos agricultores e, segundo, como já citamos, pelas altas taxas de impostos cobradas pelo novo governo a estes últimos.

A respeito das cobranças sobre os produtos, que arruinaram muitos pequenos proprietários que se viram obrigados a emigrar, podemos citar a cobrança do *macinato*<sup>13</sup>. O não pagamento desta taxa tributária podia resultar na perda da terra. De acordo com Trento (1988, p. 31-32), de 1875 a 1881 foram confiscadas cerca de 61.831 pequenas propriedades, e entre 1884 a 1901, em torno de 215.759 delas. Ao analisarmos as características físicas das propriedades rurais da região do Vêneto encontramos: áreas mais isoladas entre colinas e montanhas, nas províncias de Vicenza, Treviso, Belluno e Údine<sup>14</sup>; e áreas de planícies mais próximas de centros urbanos, como Verona, Rovigo, Pádua e Veneza. Por sua vez, a divisão da propriedade obedecia ao seguinte critério: pequenas e médias propriedades nas regiões de montanhas e colinas; e grandes propriedades, que adquiriram características capitalistas, nas regiões de planície.

---

13. O *macinato* foi o nome dado ao imposto sobre a moagem, adotado pelo Reino da Itália em julho de 1868. Também chamada de *dazio sulla macina*, esta taxa que era calculada sobre os grãos e cereais beneficiados pelos moinhos, incluindo o milho, atingiu sobretudo os camponeses, cuja base da alimentação era a polenta.

14. Atualmente a província de Údine integra a região de Friul-Veneza Júlia.



Figura 2. Províncias da região do Vêneto pós-unificação<sup>15</sup>

Fonte: Autores.

Fica evidente que são originárias das pequenas e médias propriedades, existentes nas províncias mais montanhosas do Vêneto, as maiores cotas de emigrantes que embarcaram rumo à América nas décadas seguintes à unificação, pois foram exatamente essas as que mais sofreram e mais foram atingidas pela crise agrícola. Lembremos que os camponeses vênéticos dessas províncias sobreviviam da terra e de indústrias domésticas, onde produziam através do trabalho de toda a família. Essa forma de trabalhar, atrelada ao núcleo familiar, estava ligada a hábitos milenares que caracterizavam a produção na pequena propriedade, o que criava a ilusão de independência para esses camponeses. Segundo Cucchini (1997, p. 44), era um mundo tradicional, fundado na família patriarcal e na organização paroquial, pouco sensível aos estímulos externos. De fato, as famílias vênéticas desse período contavam com doze a quinze membros, compostos pelo chefe de família, seus pais, filhos, genros e noras, e netos. Esse grande arranjo familiar se mantinha enquanto a propriedade fornecia os recursos necessários para a manutenção de todo grupo.

Portanto, essa porção setentrional da população italiana vivia num estado, se não de total miséria, de marcha para o empobrecimento e má condição de vida causados pela crise agrária, e gasta-

15. Mapa elaborado pelos autores com os nomes em italiano das províncias.

vam todos os seus esforços unicamente na luta pela sobrevivência. Sendo assim, podemos imaginar o porquê o mundo desses homens e mulheres ligados à terra era formado pelos limites da comunidade, e que o ideal econômico dessa gente era o da autossuficiência.

Conseqüentemente, a organização social e familiar era estritamente local, onde o cotidiano variava do trabalho para a Igreja, pois era o discurso religioso católico que fornecia um alento para esses camponeses. Ou seja, a forma de viver que predominava no mundo rural vêneta era a do campanilismo<sup>16</sup>, aquela onde a vida social se limitava ao *paese* de nascimento, na qual o indivíduo se identificava com sua aldeia natal. Assim, os valores que eram impregnados desde a infância por essa vivência camponesa, eram o amor à terra e a prática da religião católica, que impulsionavam a existência desses camponeses e os faziam dedicar a vida inteira para a manutenção de seu pedaço de terra e de sua família.

Porém, essa tarefa de manter a sobrevivência do núcleo familiar por meio da pequena propriedade se tornou cada vez mais difícil. Além do descaso dos governantes, boa parte dessa dificuldade era devida ao problema da divisão contínua da terra, pois esses pequenos proprietários tinham há muito tempo o hábito de dividir a terra quando os filhos se casavam. Diante do novo contexto, muitos filhos se tornaram empregados e foram trabalhar como *braccianti*<sup>17</sup> ou procuraram ocupação nas áreas urbanas. As filhas, por sua vez, foram obrigadas a buscar uma remuneração junto às indústrias têxteis que surgiam. Essas novas realidades incomodavam a consciência dos chefes de família.

Essa situação, somada ao contínuo avanço da pobreza, era vista como calamitosa para os camponeses, pois rompia com a ideia de independência que eles mantinham por séculos. Essa insatisfação levou muitas famílias a decidir pela emigração transoceânica, sobretudo diante da propaganda da existência de abundância de terra na

---

16. A palavra campanilismo faz referência à 'campanile', em português campanário, torre da Igreja, que normalmente era enxergada de todos os pontos da aldeia e onde ficavam os sinos que chamavam os indivíduos para o cumprimento de suas obrigações religiosas.

17. Os *braccianti* eram trabalhadores temporários, aqueles que não possuíam um pedaço de terra, que trabalhavam nas grandes propriedades alheias e que recebiam por dia ou por cota.

América, em particular no Sul do Brasil, incluindo o Paraná. O que fez com que muitos vendessem sua pequena propriedade e tudo o que mais possuíam na Itália, a fim de pagar a viagem para toda família, na esperança de conseguir um pedaço de terra maior no além-mar, o que devolveria a eles a sensação de liberdade e independência.

Portanto, não foram somente os que não tinham nada que emigraram, ao contrário, num primeiro momento foram os pequenos proprietários das regiões montanhosas do Vêneto que partiram em busca de terra em abundância e enriquecimento. Essa forma de emigração, dos não tão miseráveis, mas que queriam melhorar suas condições, era incentivada por Colbacchini, como podemos ver a seguir:

Não pretendo com isso afirmar que somente os miseráveis devem emigrar, isto é, aqueles aos quais tudo falta para poder viver. Também para aqueles que por serem possuidores de numerosa família não conseguem garantir os meios suficientes para mantê-la dignamente, torna-se conveniente tentar melhorar sua sorte fora da pátria. A essa categoria pertencem muitos agricultores os quais ou por terem terras insuficientes para se manter, ou pelo caro preço do arrendamento, ou devido a rigorosidade das estações, ou pela crueldade dos patrões, assistem a um futuro incerto.<sup>18</sup> (Colbacchini *in* Terragni, 2016, p. 554, tradução nossa)

De fato, não foram os miseráveis que primeiro deixaram a península italiana rumo às províncias do Sul do Brasil, até porque, foi somente a partir de 1885, que o governo brasileiro subsidiou a vinda dos imigrantes. Mas sim, os pequenos proprietários, camponeses católicos das montanhas do Vêneto, movidos pelo desejo de adquirir maiores porções de terras e oferecer melhores condições de vida

---

18. Non intendo con ciò affermare che solo i miserabili abbiano ad emigrare, quelli cioè a cui tutto manca per poter vivere. Anche a coloro che gravati da numerosa famiglia non possono ripromettersi i mezzi sufficienti per mantenerla onoratamente è talora conveniente tentare migliore fortuna fuori della patria. A questa categoria appartengono molti agricoltori i quali o per avere terre insufficienti a mantenerli, o per caro prezzo degli affitti, o per perversità di stagioni, o per crudeltà di padroni, veggono fosco l'avvenire.



aos familiares, que antes partiram com a esperança de reconstruir seu modelo tradicional de sociedade em solo brasileiro.

## **1.2 Um recrutador de rebanho no Canal do Brenta: a atuação do padre Angelo Cavalli**

O sonho de fazer a vida na América foi fortemente influenciado pela propaganda que faziam os agentes de emigração, que retratavam os países americanos como verdadeiros paraísos, o que só aumentava o vislumbre pela posse de terra, pela sensação de independência e pelo enriquecimento que se teria no outro lado do Atlântico. Nessa direção, queremos evidenciar que também os padres das aldeias, que de fato mantinham um vínculo de proximidade com os camponeses, exerceram uma forte contribuição na divulgação da América como melhor alternativa para fugir da crise. Assim como os recrutadores das agências de emigração, o baixo clero teve um papel fundamental, sendo um dos grandes responsáveis pela “febre americana” entre os pobres do campo.

Segundo Possamai (2004), o clero rural, assumindo o papel de legítima liderança desses camponeses, a fim de defender o seu rebanho das ameaças da modernidade e do pensamento liberal, assim como dos abusos econômicos do novo governo, encorajava a emigração nas áreas campesinas onde atuava. De acordo com o autor,

...o clero idealizava o Brasil meridional como o espaço onde era possível reconstruir uma sociedade camponesa e clerical protegida do avanço das ideias liberais e socialistas que progrediam na Europa, os emigrantes sonhavam encontrar na América o país da fartura, onde todos se converteriam em proprietários. (Possamai, 2004, p. 47)

Essa influência dos padres na decisão de emigrar dos pequenos proprietários, que viviam nas aldeias rurais incrustadas nas montanhas do Vêneto, deve-se tanto ao descaso que o governo italiano tinha para com a situação de emergente miséria, como também pelo discurso contrário que a Igreja assumiu em relação ao novo reino da Itália.

Embora, nessa primeira fase do fenômeno, não houvessem ainda iniciativas oficiais por parte da instituição Católica Apostólica Romana, o seu baixo clero soube como catalisar muito bem esse sentimento, incentivando na maioria das vezes a emigração de seus paroquianos.

Além de aconselharem os fiéis a partir para a terra da *cucagna*<sup>19</sup>, houveram muitos padres que serviram eles mesmos como agentes ou subagentes de emigração. Outros ainda abandonaram eles próprios a sua paróquia para conduzir o seu rebanho rumo à América. Nessas ocasiões, o elo que havia entre o sacerdote e os camponeses só fortalecia o sentimento de identidade e segurança dos emigrantes através do estreitamento que criavam com a catolicidade por meio do representante divino que se colocava ao lado deles.

Foi o que aconteceu com a formação do grupo que deu origem aos primeiros núcleos coloniais da região de colonização italiana do Paraná, em particular aquele que formou a Colônia Alfredo Chaves, que tornou-se posteriormente a Vila e o Município de Colombo. O surgimento do referido grupo se deve à ação de *Don Angelo Cavalli*, um sacerdote que atuava no ambiente rural da província vêneta de Vicenza. Ao investigarmos a trajetória desse padre católico, percebemos que ele foi o responsável pelo recrutamento de cerca de 200 famílias emigrantes da região do Canal do Brenta, entre as cidades do entorno de Bassano del Grappa até a fração de San Vito di Arsìe, nas províncias vênetas de Vicenza e Belluno. A atuação de Cavalli é narrada pelo italiano Deliso Villa:

Em 1877, por iniciativa de uma estranha figura do padre-recrutador que tinha montado sua central de recrutamento no canal do Brenta, perto de Bassano, haviam sido encaminhados ao Brasil mais de 2000 camponeses daquela área. Formarão um dos primeiros estabelecimentos italianos no Paraná, em Curitiba. (Villa, 2002, p. 117)

Mesmo que o número de emigrantes não tenha alcançado a quantidade apontada pelo referido autor, já que as famílias vênetas que partiam naquele momento não eram tão numerosas assim, não

---

19. Terra da fartura.

resta dúvida que essa leva foi uma das maiores a se estabelecer no Paraná, sendo a responsável pela fundação das 5 primeiras colônias de italianos no entorno de Curitiba, fazendo surgir uma rede migratória entre os dois espaços geográficos.

O fato é que, padre Cavalli exercia a função de pároco junto à localidade de Oliero, comune de Valstagna, localizada junto ao Canal do Brenta, apenas alguns quilômetros de Bassano del Grappa. Segundo documentação estudada por Chiara Cucchini (1997, p. 57), os camponeses da região descreviam aquele sacerdote como

Um pastor zeloso, assíduo no confessionário, atencioso em ajudar os pobres doentes, que todos os domingos tem como hábito fazer a explicação do evangelho e ensinar o catecismo para as crianças e os adultos<sup>20</sup> (tradução nossa).

Creemos que ao cumprir suas atividades de cura das almas e de líder social, o referido padre diariamente ouvia os lamentos dos seus paroquianos, que devido à situação de enfrentamento da miséria que estavam vivenciando, procuravam alento e uma alternativa para sobreviver. Segundo relata Moletta (2002, p. 40), a própria família de Angelo Cavalli, que era da região, estava passando por dificuldades econômicas, o que impulsionou o sacerdote a fazer algo mais do que somente incentivar a partida de seus fiéis em busca de melhores oportunidades. Resolvendo agir por conta própria, o líder religioso procurou informações para organizar a emigração dos camponeses dos arredores de sua paróquia, decidindo ele mesmo partir junto de sua família e seu rebanho para a América.

Neste contexto, percebemos claramente que os motivos morais e religiosos, ao fundirem-se aos interesses econômicos, interferiram também na motivação dos membros do baixo clero italiano à emigrarem junto de seus fiéis, que por vezes, como foi o caso do padre Angelo Cavalli, além de paroquianos eram também seus familiares, originando uma rede de emigrantes bem amarrada por laços de parentesco, compadrio e vizinhança.

---

20. Un pastore zelante, assiduo al confessionale, premuroso ad assistere i poveri malati, ogni domenica fa la spiegazione evangelica e il catechismo per i fanciulli e gli adulti con le funzioni di consuetudine.

O jovem imigrante vêneta Julio Lorenzoni, em suas memórias, descreve que padre Angelo Cavalli atuou como subagente, a serviço de Claudiomiro di Bernardis. Este último, que era agente de emigração em Gênova e atuava para Caetano Pinto, famoso empresário da imigração no Brasil, havia instruído o sacerdote a recrutar o maior número de famílias possível. Com esse intuito Cavalli passou a organizar encontros clandestinos nas diversas localidades do Canal do Brenta e arredores, descrevendo como se daria a viagem e as vantagens de emigrar, sobretudo, ele salientava a oportunidade de adquirir terras em solo brasileiro. Assim narra Lorenzoni:

...comparava o Brasil a uma segunda Canaã, dizendo que lá a vegetação era exuberante, que a terra produzia extraordinariamente, sem muito trabalho: que superados os maiores obstáculos, depois do primeiro ano de instalação, uma família poderia ficar descansada sobre seu bem-estar e prosperidade. (Lorenzoni, 1975, p. 16)

Acreditamos ser evidente o grau de influência que a religiosidade teve na emigração vêneta, que por meio da atuação dos representantes da Igreja, sobretudo do baixo clero, assumiu um papel de liderança e de direção, diante da negligência dos governantes italianos, para com a situação de empobrecimento dos camponeses da região. Assim, podemos entender melhor o porquê que ao se tornarem imigrantes, a maioria desses vênets, irá desejar, ou ao menos aceitar, negociar a reconstrução da nova identificação social no país de adoção em torno da figura e do discurso de um sacerdote católico.

### **1.3 A formação da Região de Colonização Italiana do Paraná**

Enquanto isso do outro lado do Atlântico, a dinâmica imigratória ganhava grande impulso nas terras paranaenses a partir da década de 1870, quando os presidentes da referida província colocaram em prática um plano de colonização baseado no assentamento de colonos estrangeiros em núcleos agrícolas próximos aos centros urbanos,

como Paranaguá e a capital Curitiba. Para o governo da época, “a vinda de colonos morigerados e laboriosos passou a ser considerada como único meio adequado para solucionar o problema da crise de escassez e carestia de produtos agrícolas” (Balhana, 2002, p. 275).

Ao contrário de outras regiões do Império brasileiro, como era o caso da província paulista, onde a imigração se destinava a suprir a carência de mão de obra na grande lavoura de exportação, sobretudo na de café, no Paraná, a não ser a eventual introdução de trabalhadores para as obras públicas, sobretudo a construção de estradas, o problema imigratório foi desde logo colocado no sentido de se criar uma agricultura de abastecimento. Foi essa política imigratória, adotada pelo governo da província, a responsável pela atração do grupo de camponeses que se formava no Canal do Brenta, que vieram não exclusivamente, mas majoritariamente para se dedicar à agricultura.

Assim, o território paranaense, visando à criação de núcleos coloniais voltados para a agricultura de abastecimento, atraiu uma diversidade de europeus, oriundos de diversas regiões, incluindo as redes de migrantes que deixavam a região do Vêneto e que aqui aportaram durante todo o último quarto do século XIX, havendo casos de famílias que chegaram até na segunda metade do século XX. Segundo Romário Martins (1941, p. 72), somente durante o período conhecido como “*rusch italiano*”, por ter sido aquele no qual houve mais entradas de indivíduos dessa origem, que durou apenas quatro anos, de 1875 a 1878, se fixaram no Paraná cerca de 4.350 italianos.

Em uma de suas cartas relatório, escrita ainda no ano de 1889, ao passar informações sobre a situação da imigração italiana no Brasil para o representante da Santa Sé no país, o sacerdote Pietro Colbacchini afirma que às primeiras famílias dessa origem que aqui se estabeleceram na década de 1870, “... se ajuntaram depois outras nos anos sucessivos, até atingir a cifra de 10.000 italianos agora domiciliados no Paraná”<sup>21</sup> (Colbacchini à Spolverini, 18 de junho de 1889, tradução nossa).

Martins (1941) afirma ainda que, foi a partir de 1875 que os estrangeiros dessa origem começaram a chegar em grandes levadas, sendo a

---

21. Si congiunsero poi altre negli anni successivi, fino a giungere alla cifra di circa 10.000 gli italiani ora domiciliati in Paraná.

maioria italianos procedentes do Vêneto. No que diz respeito a essa questão, estamos de acordo com o citado autor, pois de fato a data corresponde aos primeiros anos do processo emigratório de massa naquela região do norte da península italiana. Antes do referido ano, foram poucas as famílias dessa origem a se estabelecerem na província paranaense. As que o fizeram, foram colocadas em colônias mistas, junto a imigrantes de outras nacionalidades, como as colônias Argelina, Pilarzinho e Assungui. Esta última colônia, por exemplo, que foi criada na década de 1860, contava com a presença de somente 70 italianos no ano de 1874, em meio a alemães, ingleses, franceses e suíços.

Nessa direção, podemos afirmar que, durante a primeira metade da década de 1870, as poucas famílias procedentes da península italiana que se fixaram no Paraná, se instalaram ou no centro urbano de Curitiba ou nas colônias mistas criadas no seu entorno. Por sua vez, os primeiros núcleos coloniais, criados especificamente para acolher imigrantes italianos foram localizados no litoral da província. Tratam-se das colônias Alexandra e Nova Itália, respectivamente instaladas nos municípios de Paranaguá e Morretes, nos anos de 1875 e 1877.

A colônia Alexandra foi o primeiro empreendimento destinado exclusivamente aos italianos. Ela surgiu como um núcleo colonial agrícola particular, por meio de um contrato firmado, no ano de 1871, entre o governo provincial, cujo presidente era Venâncio José Lisboa, e o agenciador e concessionário de terras Savino Tripoti. De acordo com Cavanha (2012, p. 39) tal empreendimento foi posto a 14 quilômetros do meio urbano de Paranaguá e contava com uma sede e mais três núcleos, São Luis, Piedade e Toural. A proximidade do porto teria sido o motivo pelo qual o empresário italiano resolveu investir em um núcleo agrícola no litoral, assim teria menos despesa com o transporte dos colonos.

Com esse intuito, o referido agenciador e proprietário da colônia Alexandra, a fim de atrair para o seu empreendimento o maior número de imigrantes possível, mandou distribuir na Itália cópias de uma carta intitulada ao “Amico Colono”, datada de 19 de julho de 1873, onde propagandeava de modo exagerado as vantagens que aguardavam esses estrangeiros no Paraná. Assim, apesar de haver recebido algumas famílias avulsas anteriormente, 1875 foi o ano

em que a referida colônia recebeu a primeira leva de imigrantes de fato. Conforme afirma Balhana (1978, p. 23), os primeiros colonos italianos chegaram em fevereiro daquele ano, e um segundo grupo somente em setembro de 1876, ano no qual a população do lugar contava com 307 italianos.

Porém, o fato de o empresário ter apresentado falsas promessas, ou seja, uma série de vantagens que não existiam no seu empreendimento, causou grande descontentamento entre os imigrantes, de forma que muitas reclamações chegavam à administração da província em Curitiba, entre elas a de que muitos desejavam inclusive retornar para a Itália. O governo provincial acusava Savino Tripoti da má administração da colônia. O empresário, ao contrário, culpava a província pelo não pagamento do valor do repasse acertado no contrato. Devido a estes desentendimentos e a insatisfação dos colonos, esse primeiro núcleo colonial italiano não prosperou como desejado e o contrato foi rompido em 1877.

Em virtude desta questão, o governo da província do Paraná decidiu ele mesmo administrar a instalação dos colonos italianos no litoral. Com esse intuito, criou no mesmo ano a Colônia Nova Itália, tanto para receber aqueles que se recusavam a permanecer em Alexandra, como também as novas levas de italianos que continuavam a chegar. Esse novo empreendimento, agora governamental, tinha a sua sede em Morretes, nas proximidades do porto de Barreiros, e se estendia até os municípios vizinhos de Antonina e Porto de Cima, e possuía 12 núcleos coloniais: Rio do Pinto, Sesmaria, América, Sítio Grande e Carí, Marques, Ipiranga, Entre Rios, Prainha, Rio Sagrado, Graciosa, Zulmira, Turvo e Cabrestante.

De acordo com Romário Martins (1941, p. 73 e 74), já no ano de sua criação, a Colônia Nova Itália recebeu cerca de 2.300 imigrantes italianos, número que se elevou no ano seguinte para mais de 800 famílias, ultrapassando 4.000 pessoas, procedentes em sua maioria da região do Vêneto. Foi exatamente no mês de novembro de 1877, que desembarcaram no porto de Paranaguá, tendo como destino os núcleos da Nova Itália, cerca de 730 italianos de origem vêneta. Tratavam-se dos primeiros que vieram por meio do estímulo feito pelo padre Angelo Cavalli, sacerdote do Canal do Brenta, que como

vimos anteriormente serviu de recrutador de famílias emigrantes naquela região. Sobre esse episódio Colbacchini escreve:

Em novembro de 1877 desembarcaram os primeiros colonos italianos em Paranaguá, porto do Paraná. Em várias levadas vieram cerca de dois mil, quase todos por iniciativa de um sacerdote do Canal do Brenta, junto de Bassano, o qual tinha estabelecido contrato com uma Agência de emigração de Gênova.<sup>22</sup> (Colbacchini *in* Terragni, 2016, p. 555, tradução nossa)

Apesar de outras levadas de imigrantes italianos terem se estabelecido anteriormente no litoral, essa é descrita por Colbacchini como o primeiro grande grupo de estrangeiros dessa origem a se fixar no Paraná. cremos que, essa afirmação se deve a 3 fatores: I) pelo número de indivíduos que compunham o grupo, cerca 2000 pessoas, que chegaram em várias remessas entre o final de 1877 e o início de 1878; II) pela organização do mesmo, já que era dirigido por um sacerdote católico, que serviu como recrutador e líder ainda durante a sua formação em terras italianas; e, III) por se tratarem de colonos provenientes do Vêneto, de vilarejos da província de Vicenza, próximos de Bassano del Grappa, cidade de origem de Colbacchini, onde o êxodo deste grande grupo provavelmente foi muito comentado.

A chegada desses italianos ao Paraná, que vinham acompanhados e tutelados por um sacerdote católico, foi rapidamente divulgada, como podemos observar por meio do telegrama que foi publicado já no segundo dia do acontecido:

Telegramma - O Exm. Sr. Dr. Adolpho Lamenha Lins obsequiou-nos com o seguinte: Estação de Curityba, 16 de Novembro de 1877. Chegaram hontem a esta cidade 720 colonos lombardos que vão estabelecer-se na colônia "Nova Italia". Todos são agricultores mais ou menos abastados e trouxeram máquinas e instrumentos agrícolas. Dirige-os o padre

---

22. Nel novembre del 1877 sbarcarono i primi coloni italiani a Paranaguà, porto di Paraná. In varie riprese ne vennero circa duemila, quasi tutti per iniziativa di un sacerdote del Canal di Brenta, presso Bassano, il quale aveva stipulato un contratto con una Agenzia di emigrazione di Genova.



Cavalli ex-cura da aldeia d'onde emigraram. Não se avalia as manifestações de alegria que os colonos aqui residentes fizeram aos recém-chegados. Com estes, eleva-se o número dos colonos da "Nova Italia" á 2453 constituindo 620 famílias. (Dezenove de Dezembro. Curitiba, 17 de novembro de 1877)

Fica evidente que a figura do padre e a direção que ele oferecia aos imigrantes, era reconhecida como uma liderança que unia e trazia identificação ao grupo, tanto do lado interno, entre os próprios recém-chegados, quanto do lado externo, entre outros estrangeiros que já se encontravam na colônia, como também pela sociedade receptora. Outra informação importante, é que eram agricultores mais ou menos abastados que possuíam já máquinas e instrumentos agrícolas, o que confirma que se tratava de pequenos proprietários das regiões montanhosas do Vêneto.<sup>23</sup>

Além do reconhecimento interno e externo da identificação clerical do grupo imigrante, o próprio padre Angelo Cavalli tratou rapidamente de legitimar o seu papel de líder religioso de todos os colonos italianos do litoral. Fez isso ao assumir a função de capelão da Colônia Nova Itália, por meio da assinatura de um contrato com o governo, conforme afirma o expediente da presidência da província do dia 27 de novembro de 1877, que foi divulgado no jornal Dezenove de Dezembro: "Remeto a v. s, para fins convenientes, a inclusa cópia do contrato feito com o revm. Cavalli, Sr. Angelo, para servir como capelão da colônia Nova Itália, em Morretes" (Dezenove de Dezembro. Curitiba, 5 de dezembro de 1877).

Com este ato, o referido sacerdote pode ser reconhecido oficialmente pelas autoridades provinciais como representante daqueles imigrantes, ao mesmo tempo, que se tornou um funcionário do governo, tendo direito a receber um salário mensal pelos serviços religiosos que prestava à eles. Este caso, corrobora com a ideia de que muitos padres, como Cavalli, possuíam também interesses econômicos ao migrar para a América.

---

23. Apesar do documento classificar os colonos como Lombardos sabe-se que eram imigrantes da região do Vêneto, das províncias de Vicenza e Belluno. A confusão se dá pelo fato de que pouco tempo antes as regiões constituíam o Reino Lombardo-Vêneto.

Fato é, que a vinda desse grupo específico, caracterizado pelo forte apego ao sentimento religioso como fator de identificação e também pelo grande desejo de melhores condições econômicas, determinou a maneira de como se conformaria o futuro da imigração italiana no Paraná. Isso porque esse grupo imigrante, por estar mais organizado e consciente de seus objetivos, sob a liderança do padre Cavalli, foi o responsável por diversas reclamações e revoltas na Colônia Nova Itália. Diante do atraso na medição e divisão dos lotes, que faziam muitas famílias permanecerem aglomeradas em barracões; da falta de estradas para ligar os núcleos; da má distribuição da alimentação que era fornecida em pequena quantidade; da troca constante de administradores; da falta de condições de higiene; etc., e sobretudo, da pouca chance de prosperar economicamente, o clima de instabilidade e de revolta entre os colonos exigiu uma rápida ação do governo provincial, que redirecionou a implantação dos núcleos coloniais italianos para o planalto curitibano.

O trecho do telegrama a seguir, enviado pelo Inspetor da Colônia Nova Itália à administração da província no final de 1877, evidencia o envolvimento do grupo liderado pelo padre e a tensão que se havia criado: "... os distúrbios são feitos pela boa gente do Pe. Cavalli. Exigem entre muitos absurdos a minha retirada. Mande força de linha que esteja amanhã bem cedo, pois cada vez cresce mais a anarquia" (Correspondência Oficial da Província do Paraná, 8 de dezembro de 1877).

É notório que esses camponeses vindos do Vêneto, apesar de religiosos, não eram tão "morigerados", dóceis e passivos como o governo paranaense os imaginava e mediante a situação de abandono que se encontravam no litoral, reivindicavam melhores condições para cultivar a terra, e alcançar a sobrevivência, motivo que os havia feito abandonar a sua terra natal. Dessa forma, depois dessas experiências negativas com as colônias criadas no litoral, é a região do entorno de Curitiba que se constituirá na maior área de colonização italiana no Paraná. Segundo Balhana (1958, p. 31), entre os que chegaram no período forte da entrada de italianos no território paranaense, de 1875 a 1878, "foi pequeno o contingente que se fixou em definitivo na região litorânea". Os demais, por iniciativa

própria ou com o auxílio governamental, foram transferindo-se para o planalto curitibano”.

Portanto, a instalação desses estrangeiros em Curitiba e arredores, deu-se a partir de 1878. Um bom número de famílias se fixou no centro urbano, na região das ruas América, São Francisco, Riachuelo, Presidente Farias e Aquibadan ou na região das Mercês, ou ainda, na região sul da cidade, à rua Ivaí, Iguaçu, Silva Jardim e Sete de Setembro. Também houve famílias que se estabeleceram nas localidades do Ahú e Bigorrião. Estes italianos que se fixaram no meio urbano eram comerciantes, industriais ou profissionais liberais, o que contradiz a ideia de que todos os imigrantes italianos vieram exclusivamente para trabalhar na agricultura.<sup>24</sup>

Contudo, sabemos que a maior parcela era sim formada por camponeses, e por essa razão se fixaram em núcleos coloniais agrícolas em torno da urbe curitibana. Esses núcleos eram formados por meio da compra de terras feita pelo governo ou por um grupo de famílias imigrantes, e foram localizados a distâncias que variavam de 2 a um pouco mais de 30 quilômetros do centro. As colônias criadas em meados de 1878, exclusivamente para a instalação dos imigrantes italianos, foram: Santa Maria do Novo Tirol (hoje Piraquara), Alfredo Chaves (hoje Colombo), Senador Dantas (hoje bairro curitibano do Água Verde), Santa Felicidade (bairro de Curitiba) e Antônio Rebouças (Campo Largo). Já os núcleos coloniais mistos, nos quais havia colonos de outras origens, mas onde também os italianos se fixaram neste momento foram: Orleans, Argelina, Murici, Inspetor Carvalho e Zacarias (estes três últimos em São José dos Pinhais). O trecho a seguir, retirado do relatório do presidente de província de 1879, atesta essa remigração dos colonos da Nova Itália para o entorno de Curitiba:

---

24. Segundo Roseli Boschilia, os grupos étnicos que mais se destacaram na região central da cidade, no final do século XIX, eram formados primeiramente por alemães, depois por luso-brasileiros, ocupando os italianos a terceira posição. Em relação a esses últimos, especificamente entre a rua Riachuelo e a praça Generoso Marques, se estabeleceram as seguintes famílias italianas: os Carnascialli, Farani, Petrelli e Riva (negociantes); os Benvenuto, Grisolia e Muggiati (do ramo da sapataria); e os Guaita e Bevilaqua (profissionais liberais). Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Cores da cidade: Riachuelo e Generoso Marques. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 23, n. 110, mar. 1996.

Grande parte destes colonos, filhos de províncias do norte da Itália, não se podendo acomodar com o clima de Morretes, foi por mim transferida para as novas colônias Alfredo Chaves, Antônio Rebouças, Santa Maria do Novo Tyrol da Boca da Serra, Muricy e Inspector Carvalho; e outra parte, não pequena, retirou-se por conta própria para esta Capital, em cujo rocio se tem estabelecido. (Relatório do Presidente da Província Exm<sup>o</sup> Sr. Manuel Pinto de Souza Dantas Filho, 1879, p. 44)

Cronologicamente, o primeiro núcleo italiano a ser formado no planalto foi a Colônia Santa Maria do Novo Tirol da Boca da Serra, instalada na antiga localidade de Deodoro, que pertencia a municipalidade de São José dos Pinhais, mas que a partir de 1890 foi elevada à categoria de município, sendo denominado Piraquara. Já no mês de setembro do mesmo ano, foram criadas as colônias de Alfredo Chaves, Antônio Rebouças e Senador Dantas, compostas exclusivamente por imigrantes provenientes da região do Vêneto. Assim como, a colônia particular de Santa Felicidade que por sua vez foi formada em novembro daquele mesmo ano. Foi, portanto, nessas últimas quatro colônias que o grupo liderado pelo sacerdote católico padre Angelo Cavalli se dividiu e se instalou ao remigrar do litoral paranaense.

Creemos que esses imigrantes vênéticos trouxeram para a região de Curitiba o modelo de sociedade tradicional, fortemente caracterizada pelo clericalismo, discurso do qual haviam se apropriado ainda em sua terra de origem. O fato é que, a fundação dessas cinco primeiras colônias exclusivamente para imigrantes italianos remigrados do litoral estabeleceu a área do entorno da capital, de clima mais ameno e próxima ao meio urbano, como região de colonização italiana no Paraná. Assim, essa região continuaria a receber imigrantes dessa origem durante o final do século XIX até o início do século XX. Segundo consta nos relatórios do sacerdote Pietro Colbacchini, o número de italianos que se fixaram nesta região foi de cerca 17.000, que somados aos que se fixaram definitivamente nos núcleos remanescentes do litoral chegariam a quase 20.000 imigrantes dessa origem no Paraná.<sup>25</sup>

---

25. Creemos para chegar a cifra de quase 20.000 italianos, presentes no Estado em 1895, Colbacchini considerou como tais também os descendentes já nascidos em terras paranaenses.

No Estado do Paraná os Italianos são pouco menos de 20.000, quase todos agricultores independentes e proprietários de lotes de terreno obtidos do Governo, ou adquiridos com seu trabalho por meio de compra particular. Uma parte deles – não mais que 3.000 – se fixaram no litoral, e vivem especialmente do cultivo da cana de açúcar do qual extraem a água ardente, que é para eles o único produto. Dos outros cerca de 17.000 a maior parte tem morada no entorno de Curitiba, que é a Capital do Estado, dentro de um raio de 20 a 40 quilômetros, e se dedicam ao cultivo de cereais, de verduras, de videiras e de frutas.<sup>26</sup> (Colbacchini *in* Terragni, 2016, p. 585-586, tradução nossa)

Portanto, o entorno de Curitiba, num giro de no máximo 40 quilômetros, foi de fato a região de colonização italiana no Estado do Paraná. Evidentemente, que o sacerdote católico está se referindo ao raio geográfico que ele percorria com frequência a fim de prestar assistência religiosa aos imigrantes. Porém, ele não descarta a presença de um bom número de colonos italianos que permaneceu no litoral. De acordo com Romário Martins (1941), entre a segunda metade da década de 1870 até meados de 1890, foram criados nessa região cerca de 20 núcleos coloniais onde se fixaram os colonos de origem italiana. Esse número de colônias se aproxima da quantidade de núcleos elencados por Colbacchini ao enviar informações ao Núncio Apostólico do Brasil em 1889:

Nomenclatura dei Nuclei Coloniali Italiani

1° Agua Verde - ... a due Kil. da Coritiba, capitale della provincia; conta col circondario 150 famiglie.

2° S.a Felicidade dista 9 Kil. da Coritiba, conta 130 famiglie.

---

26. Nello Stato del Paraná gli Italiani non giungono a 20.000 quasi tutti agricoltori indipendenti e proprietari di lotti di terreno avuti del Governo, o procacciatisi colle loro industrie mediante acquisti privati. Una parte di essi – non più di 3.000 – si fermarono nel litorale, ed attendono specialmente alla coltivazione della canna da zucchero dalla quale estraggono l'acquavite, che ne è quasi l'único prodotto. Gli altri 17.000 per la maggior parte hanno stanza nel circondario di Curityba, che è la Capitale dello Stato, entro un raggio di 20 a 40 kilm., ed attendono alla coltura dei cereali, degli ortaggi, della vite e delle frutta.

- 3º Alfredo Chaves; dista 24 Kil. conta 74 famiglie.
- 4º S. Maria do Novo Tirol 45 Kil. conta 72 famiglie.
- 5º Timbituva a 28 Kil. conta 53 famiglie.
- 6º Rondina a 35 Kil. conta 82 famiglie.
- 7º Campo Largo due nuclei nuovi contano 78 famiglie.
- 8º Campo Comprido a 9 Kil. conta 46 famiglie.
- 9º Argelina a 7 Kil. conta 23 famiglie.
- 10º Gabriella a 8 Kil. conta 19 famiglie.
- 11º Antonio Prado a 20 Kil. conta 50 famiglie.
- 12º Faria a 26 Kil. conta 62 famiglie.
- 13º Zaccaria a 30 Kil. conta 24 famiglie.
- 14º Moroxi – 34 Kil. conta 16 famiglie.
- 15º S. José dos Pinhais a 20 Km. conta 80 famiglie.
- 16º Capivary a 36 Kil. conta 50 famiglie.
- 17º Nella Capitale circa 300 famiglie.
- 18º Disperse nei luoghi circostanti circa 200 famiglie.
- 19º Morretes in vari nuclei circa 300 famiglie.
- 20º Paranaguá in vari nuclei circa 150 famiglie.<sup>27</sup>

Esta relação, apresentada pelo missionário, nos permite afirmar que a região de colonização italiana no Paraná, apesar de ter se concentrado no planalto curitibano, também engloba esses municípios do litoral paranaense.<sup>28</sup> Ao percorrer as colônias italianas instaladas

---

27. Nomenclatura dos Núcleos Coloniais Italianos. 1º Água Verde – ... a dois Km. de Curitiba, capital da província; conta no seu entorno com 150 famílias. 2º Santa Felicidade distante 9 km. de Curitiba, conta com 130 famílias. 3º Alfredo Chaves; distante 24 km. conta com 74 famílias. 4º Santa Maria do Novo Tirol, 45 km. conta com 72 famílias. 5º Timbituva a 28 km. conta 53 famílias. 6º Rondinha a 35 km. conta com 82 famílias. 7º Campo Largo, os dois núcleos novos contam com 78 famílias. 8º Campo Comprido a 9 km. conta com 46 famílias. 9º Argelina a 7 Km. conta com 23 famílias. 10º Gabriela a 8 km. conta com 19 famílias. 11º Antônio Prado a 20 km. conta com 50 famílias. 12º Faria a 26 km. conta com 62 famílias. 13º Zacarias a 30 km. conta com 24 famílias. 14º Murici a 34 km. conta com 16 famílias. 15º São José dos Pinhais a 20 km. conta com 80 famílias. 16º Capivari a 36 km. conta com 50 famílias. 17º Na Capital cerca de 300 famílias. 18º Dispersas em outros lugares ao redor cerca de 200 famílias. 19º Morretes em vários núcleos cerca de 300 famílias. Paranaguá em vários núcleos cerca de 150 famílias (Tradução nossa). Deixamos em negrito 4 colônias que vieram a compor o território de Colombo.

28. Também podemos considerar como espaço de imigração italiana no Paraná a Colônia Bella Vista. Esse núcleo foi formado em 1896, a 177 km de Curitiba, hoje parte

em terras paranaenses, a fim de prestar assistência religiosa aos seus conterrâneos, Colbacchini fazia a seguinte constatação:

A maior parte dos colonos italianos do Paraná são provenientes do Vêneto, especialmente das Dioceses de Vicenza, Treviso e Pádua. [...] Geralmente os colonos italianos se conservam religiosos, e em muitas ocasiões apresentam uma fé fervorosa (Colbacchini *in* Terragni, 2016, p. 182, tradução nossa)<sup>29</sup>.

Segundo o sacerdote, a fervorosa religiosidade dos vênetsos, era a marca da identificação deles na região de colonização italiana do Paraná.

## 1.4 As colônias e a origem dos imigrantes italianos de Colombo

Foi nesse contexto migratório de expulsão e atração, até aqui descrito, que se insere a inauguração dos núcleos coloniais que formaram o município de Colombo. No intuito de exemplificar, vamos apresentar alguns documentos que se remetem a fundação da colônia Alfredo Chaves, a mais antiga das que formam o conjunto estudado. Sobre essa colônia, uma notícia importante é encontrada no Jornal Dezenove de Dezembro, que informa sobre a sua estrutura, bem como sobre sua emancipação, poucos meses depois de sua fundação:

No dia 04 do corrente realizou-se a emancipação da colônia Alfredo Chaves, fundada em setembro do ano findo, procedendo-se nessa ocasião a distribuição dos títulos provisórios

---

do município de Imbituva, por italianos que reimigraram das colônias dos arredores da capital paranaense e compraram terras formando naquela localidade uma colônia particular. Porém, este núcleo colonial não chegou a ser visitado por Colbacchini, pois o mesmo já não se encontrava no Paraná na data de sua formação. Conferir: Stadler, Cleusi Teresinha Bobato. *Colônia Bella Vista: um espaço construído pelas práticas sociais dos imigrantes italianos em Imbituva-PR*. 2015. 195f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati.

29. La maggior parte dei coloni italiani del Paraná appartengono al Veneto, specialmente alle Diocesi di Vicenza, Treviso e Padova. [...] In generale i coloni italiani si conservano religiosi, e data occasione mostrano una fede fervorosa.

de lotes de terras aos colonos. Situada a 23 Km desta Capital, assenta em terrenos de grande fertilidade. Conta 80 lotes, sendo 40 urbanos e 40 rurais, formando os primeiros a povoação que se denomina - Alfredo Chaves, composta pelas ruas Therezio, Antunes, Limoeiro, Chalréo e Torres. Ocupa a colônia a área total de 4.847.970 metros quadrados. Sua população é de 162 pessoas, sendo 48 homens, 42 meninos, 42 mulheres e 30 meninas. (Dezenove de Dezembro, 9 de janeiro de 1879)

O periódico da época traz informações relevantes, como a distância da colônia à capital da província, assim como o número de imigrantes, a área da colônia, a data de sua emancipação, suas ruas, etc. Porém, o que mais chama atenção nesse documento é o fato do núcleo possuir 80 lotes, divididos igualmente em 40 lotes urbanos e 40 rurais. Os primeiros eram destinados à construção das casas desses imigrantes, da igreja da colônia, da escola e ao futuro estabelecimento de casas comerciais; já os lotes rurais eram dispostos em linhas vicinais e serviam para a atividade agrícola dos colonos. Essa conformação física nos permite afirmar que, desde a criação, a colônia foi induzida a formar não só uma unidade de produção de alimentos de subsistência, mas também uma vila. Essas intenções estão demonstradas na planta da colônia:



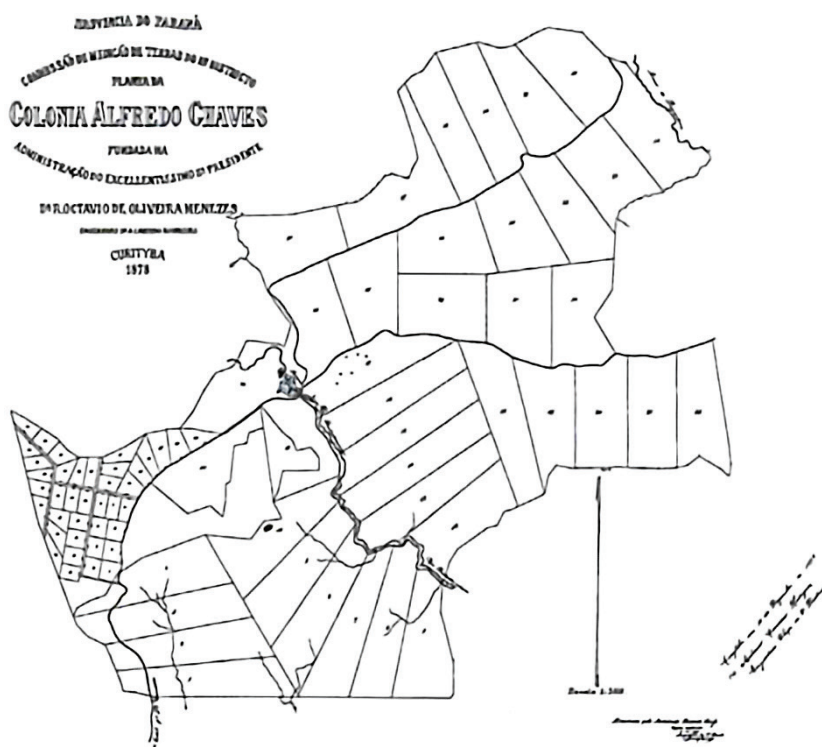


Figura 3. Colônia Alfredo Chaves<sup>30</sup>

Fonte: Planta da Colônia Alfredo Chaves. Acervo da Secretaria do Meio Ambiente do Estado Paraná. Redução do original na escala 1:10.000.

Fato é que, apenas 12 anos após a sua fundação, esse núcleo deu origem ao município de Colombo, ao ser elevado à categoria de Vila pelo decreto nº 11 de 8 de janeiro de 1890: “Art. 1º - Fica elevada à categoria de vila, com a denominação de ‘Colombo’, a povoação sita na colônia Alfredo Chaves.” (Leis do Estado do Paraná, volume dos anos 1890-1891, p. 19). Esses documentos históricos nos revelam que os imigrantes italianos ali instalados deveriam se dedicar a agricultura de subsistência, em pequenas propriedades rurais, suposição que é confirmada ao analisarmos mais um extrato do periódico da época:

30. Planta da Colônia Alfredo Chaves. Acervo da Secretaria do Meio Ambiente do Estado Paraná. Redução do original na escala 1:10.000.

Fundada em setembro de 1878 por italianos do Padre Angelo Cavalli, que recusaram estabelecer-se no Piraquara, está situada em terrenos de boa qualidade e a pouca distância da Colônia Santa Cândida, arredores de Curitiba. Os colonos acham-se satisfeitos, a ponto de preferirem trabalhar em seus lotes, a aprontarem estradas... (Correspondência do Governo do Estado, livro 567, ano de 1879. Arquivo Público do Estado do Paraná)

Essa última notícia nos permite duas observações sobre os imigrantes dessa colônia. Primeiro, que a participação do sacerdote Angelo Cavalli, que como vimos serviu de líder para esses colonos italianos remigrados do litoral para o planalto curitibano, indica que a identificação cultural desse grupo estava ligada à religião já no momento da sua formação. Da mesma forma, o fato de optar por uma região, ao mesmo tempo em que rejeitou outra, nos faz imaginar que esses imigrantes italianos formavam um grupo homogêneo e que essa, provavelmente, foi uma atitude de autopreservação, na medida em que o grupo não quis se misturar com outro.

Além da colônia Alfredo Chaves, que abrigou o grupo pioneiro recrutado por Cavalli nas redondezas do Canal do Brenta na Província de Vicenza, que foi responsável por inaugurar uma rede de migração entre o Vêneto e Colombo, as suas terras alojaram mais 4 núcleos de imigrantes italianos, conforme informa a tabela a seguir:

Nome	Ano de fundação	Lugar de instalação	Município atual	Nº de colonos	Nº de lotes	Área em Hectares	Grupo étnico
Alfredo Chaves	1878	Butiatumirim Curitiba	Colombo	220	40	431,3	Italianos (Vêneto, Lombardia e Trentino)
Antonio Prado	1886	Tamandaré Curitiba	Colombo e Almirante Tamandaré	248	54	414,9	Poloneses e Italianos (Friul, Vêneto e Piemonte)
Presidente Faria	1886	Canguiri Curitiba	Colombo e Campina Grande do Sul	250	50	493,4	Italianos (Vêneto, Lombardia e Trentino)

Nome	Ano de fundação	Lugar de instalação	Município atual	Nº de colonos	Nº de lotes	Área em Hectares	Grupo étnico
Maria José	1887	Canguiri Curitiba	Colombo e Quatro Barras	78	13	128,0	Italianos (Vêneto)
Eufrásio Correia	1888	Capivari Curitiba	Colombo e Bocaiúva do Sul	198	33	426,9	Italianos (Vêneto)

**Tabela 1. Colônias italianas em Colombo**

Fonte: Autores.

A origem setentrional da maioria dos imigrantes provenientes da península italiana que se instalaram no planalto curitibano, já foi várias vezes comprovada por estudos anteriores. Normalmente essa comprovação, da região e da província de origem dos imigrados, se dá por meio da consulta dos registros dos casamentos nas colônias, onde por via de regra aparece o local de nascimento dos noivos. De acordo com Balhana (1978, p. 5), em todos os estados do Sul do Brasil, onde houve imigração italiana, é sabido que a maior parte dos imigrantes dessa origem vieram da região do Vêneto, atingindo em muitos lugares a representatividade de 90%.

Como exemplo, podemos citar o estudo realizado por Sabbatini (1977, p. 17) na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, no qual constatou que os imigrantes procedentes das províncias de Vicenza, com 32%, e de Treviso, com 26%, formaram os grupos mais numerosos. O que vai ao encontro com o que afirmamos anteriormente, pois tratam-se de 2 regiões cujo território é composto por áreas de montanhas e colinas.



Figura 4. Região Italiana do Vêneto e suas províncias<sup>31</sup>

Fonte: Autores.

Voltando-se para as colônias do Paraná, para chegarmos em seguida na especificidade da origem dos imigrantes que se fixaram em Colombo, ainda segundo Balhana (1978, p. 56), ao pesquisar as atas matrimoniais dos jovens imigrantes da colônia italiana de Santa Felicidade, a maioria dos colonos que se estabeleceu naquele núcleo, era oriunda sobretudo de Vicenza. Em escala decrescente, quanto a contribuição numérica, esses eram seguidos por aqueles provenientes de Pádua, Treviso, Verona, Cremona, Belluno, Ceneda, Údine, Feltre e Veneza. Portanto, a grande maioria dos imigrantes do referido núcleo eram de proveniência vêneta.

Por sua vez, ao analisar a origem dos colonos italianos que se instalaram nas colônias de Campo Largo, também Scarpim (2010, p. 17) constatou, por meio dos registros de casamento, que quase a totalidade dos imigrantes que lá se instalaram eram oriundos do

31. Mapa elaborado pelos autores com os nomes italianos das províncias.

Vêneta, alcançando a taxa de 95% de representatividade, vindos sobretudo das províncias mais montanhosas de Vicenza e Treviso. Da mesma maneira, também nós queremos frisar, que nas colônias italianas que formaram o município de Colombo, na região metropolitana de Curitiba, a representatividade dos imigrantes vênetos se aproxima dos 90%, conforme podemos conferir na tabela a seguir:

Região	Nº de imigrantes	%
Veneto	692	87,2%
Friuli-Venezia Giulia	61	7,7%
Lombardia	23	2,9%
Trentino-Alto Adige	6	0,8%
Piemonte	6	0,8%
Não localizado	6	0,8%
Total	794	100%

**Tabela 2. Procedência dos imigrantes italianos de Colombo<sup>32</sup>**

Fonte: Registros paroquiais de Colombo e Região do Vêneto.

De um total de 794 indivíduos imigrantes que foram elencados, 692 são oriundos de províncias da região do Vêneto. Os outros, pouco mais de 10%, se constituem, em ordem decrescente, de friulanos, lombardos, trentinos, piemonteses e alguns que não nos foi possível ainda conhecer a procedência regional. Em relação à origem provincial, os dados nos revelam, obviamente, que a maioria veio das províncias vênetas e das suas áreas mais montanhosas, que são Vicenza e Treviso. A surpresa é a quantidade de imigrantes vicentinos, 389 indivíduos, que correspondem a 49%, praticamente a metade do total. Essas são seguidas por Údine, Pádua, Belluno, Mântua, Veneza, Pavia, Turim e Trento.

PROVÍNCIA	Nº de imigrantes	%
Vicenza	389	49,0
Treviso	188	23,7
Udine	61	7,7
Padova	57	7,2

32. As tabelas apresentadas foram construídas pelos autores por meio da consulta a uma série de documentos, os quais foram elencados na introdução, sobretudo, aos assentos paroquiais de Colombo e do Vêneto. Os nomes das províncias seguirão escritos em italiano.

PROVÍNCIA	Nº de imigrantes	%
Belluno	41	5,2
Mantova	16	2,0
Venezia	12	1,5
Não localizada	11	1,4
Pavia	7	0,9
Torino	6	0,8
Trento	6	0,8
Total	794	100

**Tabela 3. Províncias italianas fornecedoras de imigrantes para Colombo**

Fonte: Registros paroquiais de Colombo e Região do Vêneto.

Ao reduzirmos ainda mais a escala, procurando saber de quais localidades vieram mais imigrantes para as colônias instaladas em terras colombenses, foi possível descobrir as “*comuni*” que funcionaram como centros formadores dos grupos, levadas e redes migratórias provenientes da citada área setentrional italiana, sobretudo do Vêneto, que se fixaram em Colombo e contribuíram com seu povoamento e origem do município.

Assim, percebemos que a principal zona fornecedora foi de fato o Canal do Brenta, no qual estamos englobando Bassano del Grappa e seus arredores até a comune belunesa de Arsiè, que formou a maior rede e proporcionou a vinda massiva de vicentinos e beluneses para a colônia Alfredo Chaves e Colônia Presidente Faria, a partir de 1878 e 1886, respectivamente; já como maior cidade fornecedora aparece Castello di Godego, que funcionou como ponte e centro do raio recrutador de muitas das famílias de origem trevisana e paduana, que vieram por volta de 1888, e que ocuparam principalmente os lotes das colônias Maria José e Eufrásio Correia e; Forni di Sopra, local de concentração dos imigrantes de origem friulana, que se fixaram no núcleo Antônio Prado.

Comune de origem	Nº de imigrantes	%	Comune de origem	Nº de imigrantes	%
Canale di Brenta, Bassano e arredores	353	44,5%	Brusaporco	3	0,4%
Castello di Godego	93	11,7%	Cison di Valmarino	3	0,4%
Forni di Sopra	46	5,8%	Marmirolo	3	0,4%
San Martino di Lupari	38	4,8%	Porto Mantovano	3	0,4%

Comune de origem	Nº de imigrantes	%	Comune de origem	Nº de imigrantes	%
Castelfranco Veneto	25	3,1%	Agordo	2	0,3%
Não localizado	23	2,9%	Brendola	2	0,3%
Carmignano di Brenta	17	2,1%	Carrè	2	0,3%
Chiuppano	14	1,8%	Vedelago	2	0,3%
Tezze sul Brenta	12	1,5%	Altavila Vicentina	1	0,1%
Casale sul Sile	13	1,6%	Altissimo	1	0,1%
Brogliano	8	1,0%	Altivole	1	0,1%
Gonzaga	8	1,0%	Campomolino	1	0,1%
Mogliano Veneto	8	1,0%	Cartigliano	1	0,1%
Molvena	8	1,0%	Castel San Giovanni	1	0,1%
Torrebelticino	8	1,0%	Cazerdole	1	0,1%
Arcade	7	0,9%	Collalto	1	0,1%
Cappella Maggiore	7	0,9%	Crespano del Grappa	1	0,1%
Fiesso D'Artico	7	0,9%	Formigosa	1	0,1%
Forni di Sotto	7	0,9%	Mason Vicentino	1	0,1%
Montebello Vicentino	7	0,9%	Pergine Valsugana	1	0,1%
Paderno del Grappa	6	0,8%	Piazzola sul Brenta	1	0,1%
San Damiano al Colle	6	0,8%	San Germano dei Berici	1	0,1%
Torino	6	0,8%	Segnacco	1	0,1%
Borso del Grappa	5	0,6%	Taibon Agordino	1	0,1%
Fiera di Primiero	5	0,6%	Tonezza del Cimone	1	0,1%
Loria	5	0,6%	Venezia	1	0,1%
Gruaro	4	0,5%	Vicenza	1	0,1%
Istrana	4	0,5%	Vittorio Veneto	1	0,1%
Schiavon	4	0,5%	TOTAL	794	100%

**Tabela 4. Localidades fornecedoras de imigrantes instalados em Colombo**

Fonte: Registros paroquiais de Colombo e Região do Vêneto.

Antes de encerrarmos essa análise sobre a origem dos imigrantes italianos de Colombo, nos convém ainda reforçar que as cidades que integraram a área de atuação de *Don Angelo Cavalli* e suas proximidades, que correspondem ao Canal do Brenta e arredores de Bassano del Grappa, são responsáveis pelo fornecimento do maior contingente, pois 353 (44,5%) dos 794 indivíduos elencados são delas provenientes, ou seja, quase que a totalidade dos vicentinos, que são 389 (49%), sendo que somente 36 (4,5%) desses não são dessa zona geográfica. Destaque para a cidade de Valstagna, de onde vieram

72 colonos, muitos deles parentes do padre Cavalli, sendo a família que maior número de imigrantes forneceu para Colombo.

Comune de origem	Nº de Imigrantes	%
Valstagna	72	20,4%
Marostica	56	15,9%
Bassano del Grappa	55	15,6%
San Nazario	39	11,0%
Arsiè	38	10,8%
Nove	27	7,6%
Rosà	22	6,2%
Campolongo sul Brenta	14	4,0%
Romano d'Ezzelino	12	3,4%
Cismon del Grappa	9	2,5%
Lusiana-Conco	8	2,3%
Pianezze	1	0,3%
Total	353	100,0%

**Tabela 5. Origem dos imigrantes do Canal do Brenta e Arredores de Bassano**

Fonte: Registros paroquiais de Colombo e Região do Vêneto.

A partir desse contexto histórico dos motivos que levaram o estabelecimento de imigrantes vênnetos em Colombo, trazendo à luz as particularidades e detalhamentos de suas origens, no próximo capítulo adentramos nas ações que esses sujeitos promoveram na cidade para sua manutenção enquanto grupo étnico.



## 2. OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS ÍTALO-COLOMBENSES

[...] a etnicidade não se define como uma qualidade ou uma propriedade ligada de maneira inerente a um determinado tipo de indivíduos ou de grupos, mas como uma forma de organização ou um princípio de divisão do mundo social cuja importância pode variar de acordo com as épocas e as situações.  
(Poutignat; Streiff-Fenart, 2011, p. 124-125)

Ao se estabelecer nas terras paranaenses, o grupo de imigrantes vênets que compôs a cidade de Colombo foi demarcando traços de uma italianidade em constante construção, modificada e ressignificada ao longo do tempo.

Com as congregações religiosas que atuaram na cidade, trazendo em sua maioria indivíduos de origem italiana, a ligação com a península era mantida, mas, com proporções maiores, referenciando o país como um todo e não somente as pequenas cidadezinhas do Vêneto.

Em um novo país, com perspectivas de uma nova vida, a escolarização foi uma das rogativas desses sujeitos, principalmente para os seus filhos. Neste processo vamos perceber a importância dada ao aprendizado da língua portuguesa, mas também aos valores católicos e, conseqüentemente, italianos, que a Igreja continuava ressaltando pela via da educação.

Essa instituição também esteve inicialmente à frente de comemorações e festas que traziam símbolos da Itália e sua associação à cidade de Colombo. Diante deste contexto, este capítulo adentra nas discussões dos processos de identificação com uma etnicidade italiana, tendo o catolicismo como fio condutor, mas ainda mantendo as características camponesas e familiares.

### 2.1 O catolicismo como propulsor de uma etnicidade

Como vimos no capítulo anterior, a história da imigração vêneta em Colombo é marcada por características católicas, desde a sua chegada nas antigas colônias italianas que formaram a cidade.

A pessoa mais importante no campo é o pároco, porque ele é o chefe da paróquia. As relações entre o pároco e os paroquianos são diárias, contínuas e, como em todas as relações humanas, ora cordiais, ora duras. O pároco é o pastor espiritual, o confidente, o conselheiro dos camponeses, e às vezes ainda seu advogado e seu protetor. É por isso que o pároco detém e exerce influência sobre os paroquianos.<sup>33</sup> (Bazolle, 1868-1890, p. 332 apud Zannini; Gazzi, 2003, p. 300, tradução nossa)

Também trazendo uma citação de Bazolle, Franzina (2006) ressalta que:

A religião dos camponeses (ele observava) resume-se ao cumprimento das práticas religiosas. Eles não deixam de ir à missa e, podendo, nem mesmo às outras cerimônias religiosas, frequentando as pregações, as “Exposições” com bênçãos, e os rosários públicos nas Igrejas. Entenda-se que fazem tudo isso materialmente, sem penetrar nos mistérios religiosos recordados ou celebrados; e durante as pregações não poucos adormecem. Comparecem com grande prazer às Procissões, especialmente se elas os levam para fora da paróquia. Elas são para os camponeses uma ocasião de festa, de alívio, de diversão, como as celebrações religiosas são para eles, no máximo, uma ocasião de distração, de encontros e de divertimento. Elas constituem para os camponeses o que o teatro, os bordéis e outras reuniões públicas significam para os habitantes das cidades [...] (Bazolle, s.d, apud Franzina, 2006, p. 331)

Essas celebrações religiosas, mesmo sendo consideradas uma distração para os camponeses vênnetos, ainda assim são uma forma de materialização da religião e de socialização desses sujeitos. Keane (2008, p. 124, tradução nossa) discorre que:

---

33. La persona più importante nelle campagne è il parroco perché è il capo della parrocchia. I rapporti tra parroco e parrocchiani sono di ogni giorno, continui, e, come è di tutti i rapporti umani, ora sono cordiali ed ora aspri. Il parroco è il pastore spirituale, il confidente, il consigliere dei contadini, e talvolta puranco il loro avvocato ed il loro protettore. È perciò che il parroco tiene ed esercita infl uenza sui parrocchiani.

As religiões podem nem sempre exigir crenças, mas sempre envolverão formas materiais. É nessa materialidade que eles fazem parte da experiência e provocam respostas, que têm vida pública e entram em cadeias contínuas de causas e consequências.<sup>34</sup>

Neste sentido, as ações dos sacerdotes são uma forma de materialização da fé católica dos imigrantes. Na chegada ao novo continente, com as rogativas desses imigrantes para um atendimento religioso, tem-se também um crescimento na entrada de ordens e congregações estrangeiras no Paraná durante a segunda metade do século XIX e início do século XX.

Antes mesmo de chegar na antiga colônia Alfredo Chaves, entre 1877 e 1878, o primeiro grupo de imigrantes italianos que se estabeleceu nessa região, contou com o atendimento de um padre conterrâneo: Angelo Cavalli, oriundo de Valstagna. Posteriormente, outros sacerdotes vênéticos continuaram esse atendimento, sendo eles: Pietro Colbacchini, entre 1886 e 1894, oriundo de Bassano del Grappa; e, Francisco Bonato, entre 1895 e 1913, oriundo de Oliero - Valstagna. Gabardo e Lopes (2013) ressaltam que as missas eram celebradas em latim, porém, muito provavelmente no convívio com a comunidade, esses padres, que tinham uma mesma região de origem dos paroquianos, se comunicavam por meio dos falares do vênético. Também provavelmente essa origem comum trazia aproximações entre eles no novo continente.

Como já destacado, o catolicismo era uma das marcas culturais dos vênéticos que chegaram a Colombo. Em outra realidade, no Vale do Itajaí, mas apontando para esta mesma perspectiva, Marilda Checcucci Gonçalves da Silva (2001, p. 73) traz algumas características dos imigrantes e demarca:

O abalo sofrido pelos grupos imigrantes em consequência da imigração atinge todo o seu mundo cultural, no qual se inclui

---

34. Religions may not always demand beliefs, but they will always involve material forms. It is in that materiality that they are part of experience and provoke responses, that they have public lives and enter into ongoing chains of causes and consequences.

também a religião. Ora, se para a sociedade camponesa do norte da Itália a religião funcionava como princípio regular central, seria certamente ela que viria a permitir a garantia da continuidade desse mundo para estes mesmos emigrantes, quando do lado de cá, através da sua vivência e recriação [...].

E, nesse contexto, “era a religião, com seus símbolos, espaços e tempos sagrados, os ritos e rituais cotidianos, que iria permitir-lhes a plausibilidade do seu mundo cultural” (Silva, 2001, p. 73).

Após a morte de Pe. Bonato, chega a Colombo o Pe. Angelo Macagnan, brasileiro e com formação sacerdotal neste país, mas, filho de vênnetos. Porém, sua atuação não gerou muito contentamento entre os imigrantes e descendentes na cidade. Uma carta escrita por João Batista Lovato, em nome dos paroquianos, ao Bispo Dom João Francisco Braga, em 14 de março de 1914, é reveladora de alguns receios que eles tinham. Na carta, Lovato ressalta essa característica da origem italiana para enfatizar a precária atuação do padre:

Parece ao nosso ver um padre novo, saído há pouco do seminário, não aceitando nossas queixas e censuras a respeito de sua vida pública de acordo com os princípios de nossa fé, nossas piedosas práticas e costumes religiosos que herdamos de nossos avós pela graça de Deus, trazidos da Itália e aqui seguidos pelos esforços de nossos padres que nos recomendavam que conservássemos em nossos corações a fé viva, como filhos dignos da Vandea Italiana, nossa província, quando de lá viemos para o Brasil. (Lovato, 1914 apud Fedalto, 2017, p. 27)

Esse parecer aponta que os imigrantes não eram meros receptores das vontades e das ações da Igreja na cidade, eles também se envolviam na condução das práticas, fazendo queixas quando essas não estavam de acordo com as suas expectativas. Isso é um indicativo de que nem mesmo a representação privilegiada da Igreja e do catolicismo para os imigrantes e descendentes vênnetos os fez acatar as práticas do novo padre, que, segundo eles, não condiziam com os seus princípios. Mesmo com o seu status, a reclamação posta na carta

por Lovato demonstra que a Igreja necessitava se organizar e se adaptar à realidade local. Além disso, a carta revela um traço importante que esses imigrantes e descendentes consideravam – a ligação com as práticas italianas/vênetas pelas memórias que esses sujeitos aparentemente mantinham vivas e cobravam para que os padres seguissem.

As reivindicações que a comunidade fez foram aceitas, pois, no ano seguinte, após a escrita da carta de repúdio, Pe. Macagnan foi retirado e os Padres Passionistas assumiram a Igreja de Colombo.

Os Passionistas desembarcaram no Paraná, em 1911, a pedido do bispo Dom João Francisco Braga, iniciando o atendimento no litoral do estado. Posteriormente, atuaram em missões nas localidades do Umbará, Santa Felicidade, Rondinha, Colombo e Água Verde, além de dirigirem por um período paróquias em Antonina, Guaratuba e Guaraqueçaba, no litoral paranaense, em Bocaiúva, Piraquara e Campina Grande do Sul, região metropolitana de Curitiba. Em Colombo, chegaram no ano de 1915 e estão presentes até hoje. A história da congregação não é marcada desde os seus primórdios pelo atendimento aos imigrantes italianos, como foi o caso dos Scalabrinianos, mas o “Livro das Crônicas do Convento do Calvário (1911-1952)”, de São Paulo/SP, traz que a chegada deles a esta cidade, que foi um dos primeiros locais atendidos no Brasil, se deu por um pedido do Arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva para que “abrissem um Convento deles em São Paulo para a assistência religiosa da numerosa Colônia Italiana que ali reside” (Passionistas-Crônicas, 1911).

A congregação enviou para a cidade de Colombo somente párocos italianos até o ano de 1955. Depois disso, muitos dos que passaram pela paróquia, eram descendentes de vênets. Inevitavelmente essa ligação com a península traz aspectos culturais para a cidade de Colombo, pelo viés do catolicismo, até hoje. Inclusive, a própria Itália reconhecia esse trabalho dos seus religiosos no Brasil. Pe. Cândido Ghiandoni, primeiro pároco Passionista de Colombo, recebeu em 1954 uma condecoração italiana. Tal feito foi noticiado na revista dirigida pelos Padres Passionistas chamada *Calvário*:

### Condecoração

O presidente da República Italiana, Presidente da “Ordem da Estrêla da Solidariedade Italiana”, sob proposta do Ministro das Relações Exteriores e ouvido o Conselho da “Ordem”, com Decreto em data de 1.o de junho de 1954, conferiu a “Estrêla da Solidariedade Italiana de 2.a Classe”, com faculdade de ornar-se com a insígnia estabelecida para tal grau honorífico, ao Senhor PADRE CÂNDIDO GHIANDONI, Passionista. (Calvário, julho de 1955, p. 440)

Segundo o relato publicado na revista, a entrega foi no dia 6 de abril de 1955, na embaixada Italiana, pelas mãos do Embaixador Nobile Giovanni Fornari, além de outras autoridades, como o Cônsul da Itália no Rio de Janeiro. A notícia finaliza exaltando Pe. Cândido, como “[...] exemplo de uma vida dedicada à propagação da fé e inspirada nos mais profundos sentimentos de patriotismo” (Calvário, julho de 1955, p. 440). Muito provavelmente esses profundos sentimentos de patriotismo indicados na revista eram os italianos. No ano de 1958, esse mesmo reconhecimento foi entregue à Ir. Anunciata, Superiora das Irmãs Passionistas. Essa religiosa não atuou diretamente na cidade de Colombo, mas a congregação das Irmãs Passionistas é a entidade que por mais anos coordenou o único colégio católico da cidade, estando presente até hoje nesta localidade.

É possível pensar que esse patriotismo italiano foi sendo construído nas antigas colônias, como em Colombo, onde os imigrantes haviam saído de uma Itália recém-unificada, muitas vezes sem o sentimento de pertencimento ao país, mas sim aos pequenos vilarejos do Vêneto. Essa relação e o desenvolvimento de uma identificação ítalo-brasileira possivelmente aconteceram de várias formas, no entanto, acreditamos que os Passionistas, sujeitos italianos de diversas regiões, junto com as congregações femininas que atuaram em Colombo, foram moldando também uma italianidade nesse local e até mesmo apresentando novas visões sobre o país.

A conexão com a Itália parece óbvia quando se tem uma constituição local amparada em diversos aspectos por uma etnicidade. Porém, esses imigrantes e descendentes não passavam férias na Itália e depois retornavam para cá. A maioria saiu de lá no final do século XIX e nunca mais pisou na sua terra natal, nem seus filhos e netos a conheceram pessoalmente. A característica étnica era aquela origem de um lugar do século passado, que estava em constante transformação e adaptação na América.

Os sacerdotes talvez fossem uma das poucas pontes com o país de origem deles e dos antepassados. Um exemplo é o cartão-postal da cidade de Nove, na província de Vicenza, enviado para Giovanni Costa<sup>35</sup>, que estava na Vila Colombo, conforme Figura 5 a seguir. Talvez o cartão tenha sido uma lembrança a um imigrante que participava ativamente da Igreja, em Colombo, e tinha sua origem na cidade de Nove; ou era uma forma do Pe. Alberto registrar o que ele estava fazendo em sua viagem e por onde passou.

---

35. Giovanni Costa nasceu em 20 de maio de 1875, na cidade de Nove. Veio para o Brasil em 1899, onde se casou com a também italiana de Nove, Maddalena Bonato, com quem teve 14 filhos, muitos dos quais foram responsáveis por tocar o sino da Matriz, sendo que 5 se tornaram freiras Passionistas e 1 Padre Passionista.



**Figura 5. Cartão-postal<sup>36</sup> enviado por padre Alberto, de Nove, em 1929**  
Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Como lembra Kossoy (2020, p. 63), estes objetos, os cartões-postais, “[...] sempre propiciaram a possibilidade imaginária de

36. No cartão-postal consta as seguintes informações: “Saluti dalle Nove – P. Alberto C.P. 28/07/1929. Brasile. Illmo Signore. Il Sig. Giovanni Costa (Nei). Villa Colombo (Stato del Paraná)”.



viajar para qualquer parte do mundo sem sair de casa [...]”. A Itália na vida da comunidade que esses religiosos atendiam era um signo ausente, presente nas histórias e lembranças dos mais antigos, mas ainda assim era uma ligação entre esses e os grupos religiosos.

## 2.2 A escolarização e as relações com a Itália

Poucos anos após se estabelecerem na Colônia Alfredo Chaves, os imigrantes, por meio de um abaixo assinado, solicitaram uma escola pública para os seus filhos. Diante de tal fato, segundo Maschio (2011), no dia 22 de julho de 1882, tem-se a primeira instituição pública de primeiras letras na colônia, uma escola promíscua<sup>37</sup>. Embora funcionassem com precariedade, estas instituições públicas representaram o processo central de escolarização nas colônias Alfredo Chaves, Antonio Prado, Presidente Faria e Eufrásio Correia (Maschio, 2011). Essa era uma forma desses sujeitos aprenderem o português e serem inseridos, mesmo que parcialmente, no novo continente. Desse modo, os imigrantes não se fecharam ao novo contexto, eles buscavam aprender o português, uma vez que:

O ser humano, de fato, nasce culturalmente situado, o que no entanto não representa um destino, uma vez que ele redefine o modo de situar-se na cultura, retomando constantemente o conflito de tradições oculto sob o signo de uma “identidade estabelecida”. (Kreutz, 1999, p. 82)

Porém, mesmo os imigrantes buscando por escolas públicas nas colônias, a *Società Italiana di Mutuo Soccorso Cristoforo Colombo*, presente na cidade, mantinha uma escola italiana. No dia 24 de novembro de 1910, o professor João Batista Lovato, comunicou o funcionamento de uma escola particular, denominada Santo Antonio, onde as aulas eram ministradas em italiano e frequentadas por meninos, filhos dos associados (Maschio, 2012).

A *Scuola Santo Antonio* foi caracterizada inicialmente como uma *Regia Scuola Italiana*, ou seja, uma escola subsidiada pelo governo

---

37. Escola mista, atendendo concomitantemente meninos e meninas.

italiano, e mantida no município de Colombo pela *Società*. Tal instituição de ensino estava pautada na “*Legge Crispi*”, promulgada no dia 8 de dezembro de 1889, e que trazia os ideais de uma política emigratória de grande envergadura nacionalista e expansionista, vinculada à visão de que a emigração era “como potencial fator de força da nação e elemento em condição para contribuir para o desenvolvimento do comércio exterior e, portanto, das exportações italianas, principalmente às Américas” (Salveti, 2014, p. 58).

Em relação ao nome da escola, esse remete a uma característica vêneta de devoção a Santo Antônio. Segundo Beneduzi (2004, p. 199),

Em momentos de dificuldade, eram particularmente as jaculatórias dedicadas a Santo Antônio. Em caso de perda de objetos ou busca de uma melhora na colheita, recorria-se aos préstimos de Santo Antonio, San Giuseppe, San Rocco ou, ainda, a Madonna.

Nessa atuação da associação italiana de Colombo, percebe-se a preocupação dela com a juventude, filha dos imigrantes, em conjunto com as identificações culturais, que passavam pelo italiano e religioso.

A escola da *Società* foi remodelada e, a partir de 1917, tornou-se oficialmente católica e coordenada pela congregação italiana das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus. Conforme consta no diário de Pe. Cândido, pároco Passionista na época, o Colégio foi inaugurado no dia 22 de julho de 1917. “Assim terminou esta obra que terá um grande desenvolvimento, sendo um centro de cultura e espiritualidade”<sup>38</sup> (Ghiandoni, 1952-1953, p. 389, tradução nossa).

Pe. Candido dá mais alguns detalhes a partir do relato de uma visita do cônsul italiano à escola, no dia 22 de março de 1919. Nesse registro ele destaca que, nos primórdios do Colégio, antes da chegada das Irmãs italianas do Sagrado Coração de Jesus, a instituição de ensino era organizada por João Batista Lovato:

---

38. “Così ebbe termine quest’opera che prenderà un grande sviluppo, essendo un centro di cultura e di spiritualità”.

Visita de S. E. Embaixador da Itália, Conde Alessandro Bosdare às Escolas Italianas no Exterior que o Governo IT<sup>o</sup> subsidiava. A escola de Colombo, chamada S. Antonio, quase sempre foi apoiada pelo Sr. João Batista Lovato, um excelente professor em todos os aspectos. Continuou até a chegada das Irmãs Zeladoras que adotaram o Programa do Governo, acrescentando apenas o ensino do italiano. Assim, um dever para com a pátria foi cumprido com a adoção do Brasil, não esquecendo a língua da pátria de origem, a Itália<sup>39</sup> (Ghiandoni, 1953-1955, p. 160, tradução nossa).

Todavia, uma reflexão importante é que os religiosos italianos foram mediadores na construção dos comportamentos da comunidade, transformando-os e/ou mantendo-os como católicos fervorosos e como italianos e descendentes. Essa ideia é apontada por Luchese e Barausse (2021, p. 39-40) quando comentam sobre celebrações de italianidade no Rio Grande do Sul, entre 1924 e 1926.

A celebração do Cinquentenário contou com forte apoio dos muitos padres italianos que acompanhavam – na capital e no interior – os imigrantes e seus descendentes. Eles foram importantes mediadores que sensibilizaram para a construção da representação do italiano ideal, fosse colono, comerciante ou industrialista, mas católico fervoroso, que, com trabalho progredia, mantendo-se ordeiro e pacífico.

Em uma realidade próxima a de Colombo, os primórdios da escola, em Santa Felicidade, segundo Azzi (1987, p. 280-281), foram marcados pelos traços da cultura italiana:

---

39. Visita di S. E. l'Ambasciatore d'Italia, Conte Alessandro Bosdare alle Scuole Italiane all'Estero che il Governo It<sup>o</sup> sussidiava. La scuola di Colombo, chiamata di S. Antonio fu quasi sempre sostenuta dal Sig. Giovanni Battista Lovato, ottimo Maestro sotto tutti i rispetti. Continuò fino alla venuta delle Suore Zelatrice che adottarono il Programma Governativo aggiungendo appena l'insegnamento dell'Italiano. Così si giunse a compiere un dovere verso la patria adottiva il Brasile, non dimentica la lingua della patria di origine l'Italia.

Auxiliada pelo governo da Itália, a escola manteve inicialmente o caráter de uma verdadeira escola italiana, sem nenhuma vinculação com a realidade brasileira<sup>40</sup>. Era este um dos riscos, aliás, de uma organização eclesiástica baseada na etnia, apesar dos esforços do prelado por diminuir esse fechamento cultural.

Nesta direção, a escola de Colombo também traz indícios de marcas étnicas italianas, mas sempre acompanhada da figura dos religiosos.

No artigo “Na escola para aprender, *a scuola* para não esquecer: a materialidade dos livros bilíngues para educar a infância ítalo-brasileira”, Motin e Maschio (2021) encontraram indícios da circulação, nas escolas de Curitiba e região, de livros bilíngues, que compunham a coleção *La scuola e la vita* com livros de leituras e silabários, escritos por Siro Corti e Pietro Cavazzutti. Alguns deles, que compõem a coleção, foram encontrados no Arquivo Histórico das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, em Curitiba, com indicação inclusive de que *Il Sillabario Italo-Portoghese* (Cavazzutti; Corti, s.d.) foi utilizado por Maria Mottin, junto às Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, nas aulas do curso primário, em Colombo. A nota no material ressalta que as crianças estudavam o italiano na escola todas as quintas-feiras, nos outros dias as aulas eram em português. É importante entender, que pelo menos no contexto das escolas, o contato com a língua portuguesa era mais frequente que a italiana. Será que essas crianças, que muito provavelmente tinham como língua materna os dialetos do Vêneto, também os utilizavam em outros ambientes da escola, com os seus pares? Neste contexto, podemos inferir que a escola propiciou o contato linguístico entre o português, o italiano e esses dialetos.

Ainda sobre a circulação de livros didáticos italianos em escolas de imigrantes e descendentes, Corrêa (2000, p. 129) ressalta que,

neste sentido, não se trata do modo de conviver com a sociedade mais ampla, mas da tentativa de manter vivos nesta

---

40. Mesmo com o forte vínculo com a Itália, será que as escolas italianas no exterior não tinham mesmo qualquer vinculação com a realidade brasileira?

sociedade elementos considerados por eles mais significativos da terra de origem. Trata-se então, da escolarização por meio da língua materna, o que tenderá a reforçar no grupo, referências sócio-culturais de origem.

Talvez não reforçar, mas construir. Construir o conhecimento de uma nova língua, o italiano, que provavelmente não era a língua materna da maior parte dos imigrantes e descendentes da cidade, como construir um conhecimento e reconhecimento sobre ser italiano, sobre a Itália como um todo e não apenas a região do Vêneto.

Os livros em italiano que circularam na escola de Colombo trazem elementos nesta direção. Neles,

merece destaque a necessidade de aproximar as duas pátrias e, acima de tudo, transladar para o Brasil essas referências culturais. Assim, as menções do amor concomitante à Itália e ao Brasil são comuns nesta coleção de Cavazzuti e Corti. Em *Il Sillabario Italo-Portoghese* tem-se uma lição que faz referência a noção de pátria, citando que tanto o Brasil quanto a Itália deveriam ser reconhecidas como tal. (Motin; Maschio, 2021, p. 127)

Passaram pela coordenação do Colégio as seguintes congregações: Irmãs Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus (1916 - 1927), de origem italiana, Irmãs de São José de Chambéry (1935 - 1948), de origem francesa, e Irmãs Passionistas (1927 - 1933; 1951 - até hoje), também de origem italiana.

O registro do ensino do italiano foi somente com as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus. Porém, essa característica étnica será mantida de várias formas pela escola, nos diferentes períodos da história.

No registro da chegada das Passionistas à cidade, na Figura 6 a seguir, tinha-se o destaque para o país de origem dessa congregação, no qual a quarta bandeira (da esquerda para a direita) parece ser a do Reino da Itália. Um detalhe é que nenhuma das religiosas que estiveram nesse momento em Colombo era italiana, sendo quatro brasileiras e uma portuguesa.



**Figura 6. Chegada das Passionistas em Colombo, em 1927**

Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Trento (1988, p. 170) marca que

no mundo fechado das colônias sulinas de povoamento, o clero conseguirá, por um bom tempo, manter intactos no imigrante a fé, a língua e um equivocado amor pela pátria: elementos várias vezes sublinhados pelas publicações católicas.

Algumas dessas marcas étnicas serão modificadas pelo tempo, mas de alguma forma irão aparecer e serem ressaltadas em Colombo.

Entretanto, trazemos uma reflexão que Otto (2005) faz sobre esse símbolo:

Todavia, partilhar de um conceito, de um mesmo símbolo, como, por exemplo, a bandeira italiana, não significa partilhar da mesma imagem mental, de um mesmo significado. Com isso está se querendo dizer que os cônsules viam na bandeira o símbolo do nacionalismo italiano. Para os colonos também teria tal significado? Provavelmente eles a associassem ao vilarejo natal. (Otto, 2005, p. 216)

Mesmo a bandeira estando associada ao religioso, até mesmo entre comunidade e Igreja, esse símbolo poderia ter significados diferentes. Neste sentido, concordamos com Otto (2005) quando diz que, para os colonos, o símbolo estava muito mais próximo à associação do vilarejo natal e da vida que eles deixaram do outro lado do Atlântico.

Com as Passionistas, a partir de 1927, Motin (2016) encontrou indícios de que elas só trabalhavam com livros em português, diferente do que ocorria com as Irmãs do Sagrado Coração. Irmã Faustina, Passionista, em um ofício ao Diretor de Instrução Pública do Estado do Paraná, solicitou alguns livros de leitura ao Colégio Santo Antônio, sendo esses livros da Coleção Proença e da Série Braga (Paraná, 1930).

Em Colombo, a escola católica era subsidiada pelo poder público, desta forma, deveria seguir alguns princípios de nacionalidade, tidos como obrigatório, como o ensino em língua portuguesa. Essa talvez não fosse uma das dificuldades em ser cumprida, no Colégio Santo Antônio, uma vez que as religiosas Passionistas eram brasileiras ou portuguesa, porém, os elementos de etnicidade poderiam se dar por outras vias, como as memórias de uma pátria distante, conforme apontado na foto de chegada dessa congregação feminina.

Mesmo em períodos posteriores, como o retorno das Irmãs Passionistas, em 1951, o educandário não contou com a atuação de religiosas italianas, porém, um diferencial deste segundo momento é a presença de descendentes de italianos, das quais muitas eram provenientes da comunidade colombense<sup>41</sup>, trazendo experiências diferenciadas, mas com uma relação mais próxima com a cidade. Como todas as religiosas eram brasileiras, não se encontraram indícios do uso da língua italiana e/ou o dialeto na escola, conforme a afirmação de ex-alunos do Educandário; Mottin (2015) coloca que: “elas conversavam com a gente normal, assim, nada de italiano”. Porém, em casa, segundo o depoimento da mesma aluna, a língua dos antepassados ainda se fazia presente, mesmo que de forma não enfática, uma vez que os seus pais conversavam entre eles, em dialeto,

---

41. Foram registradas sete religiosas provenientes de Colombo e uma da Colônia Faria, que também faz parte do município.

ou quando recebiam visitas. Ainda que a escola tivesse apenas como característica étnica a identificação com o catolicismo, os frequentadores dessa instituição, provindos de famílias vênetas, muitas vezes ligadas ao campo, utilizavam a língua dos seus antepassados no ambiente doméstico. Mesmo que tenha sido de uma forma menos contundente nessa segunda metade do século XX, expressões idiomáticas do dialeto se faziam presentes no cotidiano desses alunos do Educandário, atravessando séculos, sendo, inclusive, utilizadas até hoje por algumas famílias colombenses. Nesse trinômio entre catolicismo, costumes campestres e língua, as características étnicas em Colombo eram reforçadas pela aproximação confessional da instituição escolar. Mesmo ela tendo possivelmente negado o uso do dialeto, recebia educandos envoltos com os atributos de expressões de uma língua diferente do português.

Se a língua não era um fator que predominava na escola, depois de 1927, outros aspectos continuaram presentes, como a bandeira e festejos que cultuavam a Itália, como veremos a seguir. O Colégio católico participou da Festa da Uva e das comemorações do centenário da imigração italiana na cidade.

### **2.3 As pretensões da Campanha de Nacionalização**

Mesmo com a grande massa de imigrantes vindos no século XIX, as intervenções mais formais do Estado em instituições étnicas vieram durante a I Guerra Mundial, segundo Seyferth (1999). A pesquisadora ainda demarca que nas primeiras décadas do século XX as medidas restritivas eram mais intensas com a população teuto-brasileira. Em relação à escolarização, foi nesta época também que são reforçadas algumas ações no sentido de nacionalização da população brasileira, “que modificaram os currículos escolares, como a exigência de ensino bilíngüe e a introdução das disciplinas história e geografia do Brasil, além de língua portuguesa” (Seyferth, 1999, p. 199).

Sobre a realidade escolar paranaense, entre 1900 e 1930, mas com ampla discussão com o contexto nacional, é posto que:



Cumprе ressaltar, que as medidas nacionalizadoras nesse período tinham como foco a imposição do ensino, da aprendizagem e do uso da língua nacional, bem como a proibição da comunicação e ensino exclusivo da língua estrangeira nas escolas. Às escolas particulares, o ensino da língua nacional era condição para continuar em funcionamento e, nas escolas públicas, a permissão de falares dialetais era negada sob qualquer circunstância. (Maschio, 2014, p. 280)

A partir de 1937 as medidas foram mais coercitivas. Sobre o Estado Novo e os estrangeiros, Corsetti (1987, p. 373) coloca que:

o novo contexto político, implementado no Brasil em 1937, inclui diversas leis sobre estrangeiros, leis específicas estas que não podem ser desvinculadas do espírito nacionalista do Estado Novo, que proíbe, aos estrangeiros, diversas atividades econômicas e políticas.

As medidas de caráter repressivo

[...] vão afetar os mais variados aspectos da vida dessas comunidades, não apenas aqueles direta e claramente vinculados com o setor político-ideológico, como outros tantos ligados às outras instâncias sociais. (Corsetti, 1987, p. 377)

A nacionalização promovida pelo Estado Novo “[...] em verdade, acelera e intensifica algo que já estava em curso nas elites dominantes brasileiras há algum tempo: a tentativa de formar uma noção de pertencimento nacional, uma identidade nacional” (Zanini, 2005, p. 116). Entretanto, é nesse período que será imposta de maneira mais incisiva uma legislação e práticas que visavam impor esse objetivo nacional.

Zanini (2005, p. 120) ainda discute que o que ofendia os ideólogos do período do Estado Novo era o sentimento dos imigrantes de pertencimento à terra de origem de seus antepassados, porém, a pesquisadora reforça que na travessia desses imigrantes, na segunda metade do século XIX, a Itália, simbólica e politicamente, não estava ainda unificada. Com isso, o que era mais forte na noção de pertenc-

cimento desses sujeitos era “[...] um vínculo às localidades, seus dialetos, seus santos e costumes e, em especial, as redes de parentesco, vizinhança e afetiva que lá permaneceram. Ser italiano, para eles era ser católico e originário de *paeses* distintos [...]”. Essa noção de italianidade se deu aqui “[...] quando do enraizamento e do processo de elaboração de uma identidade de imigrantes e posteriormente de colono italiano (e proprietário) no sul do Brasil” (Zanini, 2005, p. 121).

Concordamos com o ponto de vista da Zanini (2005), porém, não se pode esquecer de que os religiosos, italianos ou não, sempre se reportavam às casas gerais na Itália, e também contribuíram para trazer a visão deste país, diferente daquela que os primeiros imigrantes deixaram no século XIX. Ou seja, a identificação deles como italianos no Brasil não estava apenas às voltas das lembranças do *paese* que deixaram do outro lado do Atlântico, mas também com a visão de uma nova Itália, pelo olhar dos religiosos que estavam nas comunidades, além de relações com os consulados.

Inclusive, essa é uma questão reforçada por Seyferth (1999, p. 206):

Houve, portanto, uma vinculação entre etnicidade e catolicismo, mas os elementos constitutivos da identidade étnica italiana no Brasil incluíam a língua nacional e um ethos do trabalho construído por oposição aos brasileiros, além da ênfase nos hábitos e costumes trazidos da Itália, relacionados ao lazer, alimentação e práticas religiosas.

Em relação à língua, percebemos que desde a chegada desses imigrantes e seus descendentes, sempre foi pedido o ensino do português. Certamente, eles não abandonaram a língua que trouxeram do norte da Itália, seja no ambiente doméstico ou com as pessoas de mesma origem, mas muitos já estavam aprendendo o português e precisam utilizá-la na venda de sua produção na capital, por exemplo. Nesta direção, “a repressão resultou na estratégia de evitar o uso de língua estrangeira em público quando havia qualquer possibilidade de denúncia” (Seyferth, 1999, p. 223).

Essas ações podem ter de alguma forma influenciado o modo de falar desses imigrantes e descendentes, mas, culpar a campanha

de nacionalização pelo esmaecimento dos dialetos nas próximas gerações é um pouco simplista.

Talvez cabe pontuar que a presença mais constante dos meios de comunicação, como o rádio e a TV, a partir da segunda metade do século XX, pode ser considerada um fator que contribuiu para a difusão da língua portuguesa, adentrando principalmente o ambiente doméstico, onde os dialetos possivelmente predominavam.

Além disso, a partir do final da década de 1950, a cidade de Colombo ganhou um ginásio, proporcionando aos jovens um maior tempo de estudos para a comunidade e conseqüentemente uma maior exposição a língua portuguesa.

## **2.4 A Festa da Uva e a “projeção” de uma italianidade**

Uma das maiores festas atualmente de Colombo, a Festa da Uva, tem sua trajetória histórica baseada no apoio da Igreja local. Seu início foi no ano de 1959, como forma de preservação e benefício aos agricultores dessa cidade, resquícios dos costumes campestres vênets, cultivados desde 1878, na antiga colônia. Essa iniciativa da Paróquia é descrita no Livro Tombo da Igreja:

A ideia teve-a o Pe. Vigário há menos de um mês da data de sua realização. Expoz êle sua ideia às autoridades e pessoas influentes do município. Gemiam uns pelo fracasso; outros se mantinham neutros; bem poucos se mostraram entusiasmados, mesmo entre os produtores de uva. O Pe. Vigário, porém, firme em seu plano, começou a articular as forças todas para o certame. E foi assim que no domingo 18 de janeiro de 1959 se realizou brilhantemente a 1ª Festa da Uva de Colombo, sob o patrocínio da excelsa padroeira da paróquia Nossa Senhora do Rosário. (Livro Tombo, 1959, p. 70-71)

O primeiro cartaz chamava para uma festa em família, valorizando uma tradição da agricultura local, que era o cultivo da uva.

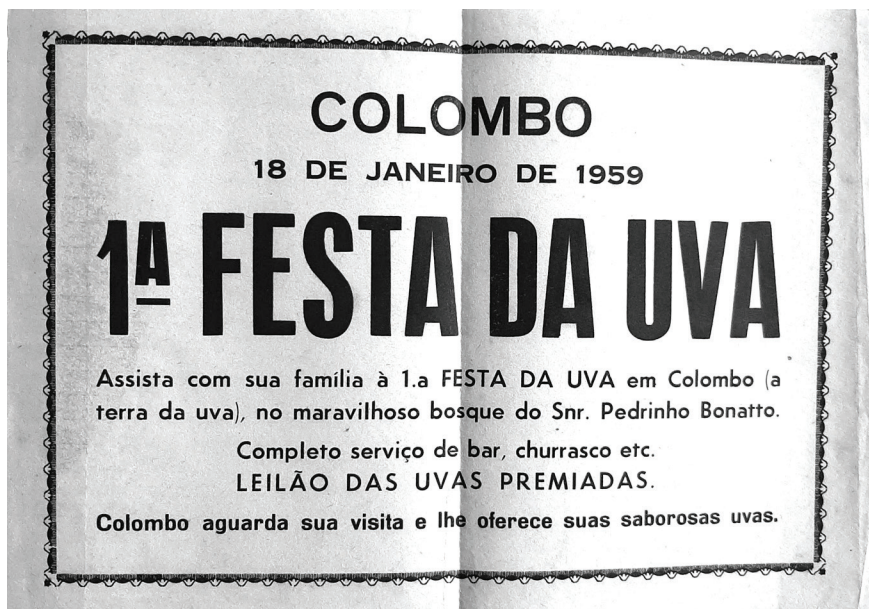


Figura 7. 1º cartaz da Festa da Uva de Colombo, 1959

Fonte: Acervo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário.

Neste primeiro evento destacou-se o grande número de participantes no festejo, que foi divulgado em diversos jornais do Estado, principalmente pelo fato de ter sido a primeira festa da uva no Paraná. A descrição feita no Livro Tombo enfatiza que essa ação só foi possível pela insistência da Igreja:

Aqui fica, pois, consignado, a bem da verdade, para o futuro, quando a festa da uva de Colombo passará a ter um âmbito não só municipal, e estadual, mas até mesmo nacional como com certeza assim será, que a inspiração e a instituição dela foi só e exclusiva da Igreja e da Paróquia. (Livro Tombo, 1959, p. 71)

Dessa forma, pelos aspectos culturais e importância que esta festa tomou, as suas primeiras impressões foram descritas pelo jornal Diário do Paraná, no dia 21 de janeiro de 1959:

De qualquer forma, sente-se no caso da Festa da Uva que os interesses propagandísticos de um setor do comércio e da in-

dústria se integram, de maneira bastante clara, num mesmo campo de aspirações visado pelo turismo. Há além disso, a considerar os elementos de cultura que podem ser ativados no incentivo [...] folclore das colheitas e das sementeiras. Assim, os objetivos econômicos da promoção não se esquivam dos valores turísticos e culturais que lhe são inerentes. (Diário do Paraná, 1959, n.p.)

Com isso, o interesse inicial da Igreja na festa, pelos valores católicos e campesinos, tomou também características turísticas e econômicas, para o desenvolvimento da cidade, produzindo uma representação cultural que associava uva, vinho e descendentes de italianos a Colombo.

Por ser um evento planejado pela Igreja, composta pelos Padres Passionistas, encontrou-se um registro na Ata da Casa das Irmãs, sobre a segunda edição da festa, em janeiro de 1960, na qual as religiosas colaboraram com esta iniciativa:

Iniciada, ou antes, experimentada no ano de 1959, em 1960, no último domingo de janeiro realizou-se a 2ª festa da uva em Colombo. Sendo uma iniciativa da Igreja e levada avante pela Igreja, o Educandário que é uma autêntica escola paroquial, não pode deixar de tomar parte ativa nessa festa. Assim, em intensa atividade, todas as cestas para a exposição foram preparadas pelas Irmãs. Foram 2 dias de trabalho árduo mas que deixou antegozar a alegria de fazendo um benefício visando o desenvolvimento financeiro dos agricultores de Colombo, ajudamos a elevar o seu conceito a respeito da uva e assim firmar a característica do município. (Passionistas, 1960, p. 9)

Essas características que as Irmãs visavam firmar fazem alusão ao trabalho no campo, comum entre as famílias colombenses, que muitas vezes contavam com a participação dos filhos, que, por sua vez, estudavam no Educandário. Era uma festa particular, criada pela Igreja, que teve o apoio, para o seu desenvolvimento, da comunidade local, do Educandário e da Prefeitura, na tentativa de caracterização de uma etnicidade italiana na comunidade. Com

esse evento, a Igreja demarcava seu local em uma ambiência religiosa, de experiências étnicas italianas e católicas, tendo o auxílio das Irmãs; e a Prefeitura se utilizava dessa característica, para um movimento econômico e político. Em um estudo sobre a instituição de uma identificação cultural italiana entre os imigrantes na região Sul, Falcão (2005) atenta para o movimento dessas manifestações culturais, a partir de festas desse estilo:

Além disso, esta região vem sendo palco de manifestações recorrentes que visam instituir perfis identitários para cidades (onde instituições públicas e privadas investem fortemente na indústria do turismo e do lazer mediante festas “típicas” ou “folclóricas”), para grupos sociais (cujos componentes procuram se definir como “açorianos”, “alemães”, “italianos”, ou ainda “trentino-italianos” nascidos no Brasil), ou para movimentos culturais e mesmo articulações políticas de âmbito regional. (Falcão, 2005, p. 56)

Os princípios católicos dessa população, aliados a uma identificação étnica, traziam características para projetar a cidade. Geralmente observa-se o poder privado buscando benefícios públicos para o seu desenvolvimento; no caso da Festa da Uva, há duas vias: uma, em que um setor privado cria um evento, e outra, em que a Prefeitura se apoia nele para o desenvolvimento de setores econômicos e caracterização da cidade. O jornal *Diário do Paraná*, no ano de 1977, traz que: “Embora ainda não seja uma festa oficial dentro do calendário da Prefeitura Municipal de Colombo, a participação do poder público já é quase obrigatória, pois além de dar condições aos seus agricultores, projeta a cidade” (*Diário do Paraná*, 1977, p. 3).

Porém, no ano de 1984 houve um estranhamento entre a Paróquia de Colombo e os benefícios em se continuar mantendo uma festa assim. Em um recorte do jornal da cidade chamado *Folha Agrícola*, Correa (2020) demarca os descontentamentos da Igreja e comunidade local com a festa.

Festa da Uva em Colombo vai acabar. Esta parece ser a sina inevitável da tradicional FESTA DA UVA DE COLOMBO, foi

a conclusão da última reunião de avaliação feita a respeito das últimas Festas da Uva pela comissão organizadora. [...] Considerando o propósito que levou o Padre Geraldo Pelanda em 1959, em conjunto com os agricultores a promover a 1ª FESTA DA UVA DE COLOMBO. A festa não é mais da comunidade de Colombo, que simplesmente participa como mera espectadora quando não viaja para se “livrar” da confusão. [...] Onde estão os carros alegóricos e os grupos folclóricos que lembravam as tradições dos primeiros imigrantes que aqui chegaram? Aí está a prova de que a Festa não é mais um desejo da comunidade colombense. Desta forma parece que guardaremos em nossas lembranças os dias 4 e 5 de Fevereiro de 1984 como sendo aqueles em que a ÚLTIMA FESTA DA UVA DE COLOMBO foi realizada. (Jornal Folha Agrícola, nº184, 1984 apud CORREA, 2020, p. 14)

Os descontentamentos tiveram efeitos e no ano de 1985 houve um esmaecimento da festa com pouca adesão na sua participação. No ano seguinte o evento não ocorreu. No levantamento de Correa (2020) a 28ª Festa da Uva retorna no ano de 1987, sem a participação da Igreja, com a Prefeitura a frente e em um novo local:

O então Prefeito Lordes Geraldo inaugura o Parque Municipal conforme decreto nº 384/87, uma área de aproximadamente 72.6 mil metros quadrados adquirida pelo antigo prefeito João Chemin em 1986, o que possibilitou a realização da festa para um grande número de pessoas. (Correa, 2020, p. 15)

A partir de então, a festa mantém a temática da uva, mas amplia o repertório das atrações com shows de artistas nacionais, trazendo conseqüentemente um cunho mais econômico, não restringindo a um público interessado apenas nas questões da agricultura.

Mas mesmo com a ampliação, a prefeitura buscava manter as referências étnicas. Por exemplo, no ano 2000, é divulgado que no domingo haveria uma missa campal em dialeto italiano. Além de todos os dias contar com o “almoço e jantar típico italiano”. No ano de 2001, mantém-se o almoço e jantar típicos italianos, com destaque para a missa realizada em “dialeto vêneta”.

The image is a promotional poster for the Festa da Uva 2023. It is divided into two main vertical sections. The left section, with a blue background, lists the schedule for Friday, Saturday, and Sunday. The right section, with a green background, details the daily program from Day 2 to Day 4, including shows, competitions, and religious services. At the bottom right, there is a logo for 'CIRCUITO ITALIANO' featuring a stylized house icon with the colors of the Italian flag (green, white, red).

**SEXTA-FEIRA - 11/02**  
18:30 - Abertura Oficial  
19:00 - Banda Solle  
20:00 Grupo Contradição  
22:00 Fábio & Jair

**SÁBADO - 12/02**  
13:00 - Grupo Dante Aleghleri  
14:30 - Susi Monte Serrat  
17:00 - Grupo Atrasamba  
21:30 - Gilberto e Gilmar

**DOMINGO - 13/02**  
09:30 - Desfile Alegórico  
11:00 - Missa Campal  
(Em Dialeto Italiano)  
13:00 - Banda Solle  
15:00 - Show Infantil  
17:30 - Banda Real Brasil  
20:30 - Rhuan & Rodrigo

**TODOS OS DIAS**

**programação**

**Dia 2**  
19:30 - Abertura  
20:30 - Show Banda Solle  
21:30 - Show Grupo Real Brasil

**Dia 3**  
09:00 - 4ª Copa da Uva de Karatê  
15:00 - Abertura Exposição Agrícola  
15:30 - Show Leonel e Banda  
17:00 - Show Edy & Heliton  
21:30 - Show Cezar & Paulinho

**Dia 4**  
9:00 - 4ª Copa da Uva de Futsal  
10:00 - Missa em dialeto vêneto  
(Igreja Matriz)  
14:30 - Show Infantil  
17:30 - Show Rodrigo & Agnaldo  
20:30 - Show Fábio & Jair  
*\* Todos os dias almoço e jantar típico italiano.*

**VISITE**  
**CIRCUITO ITALIANO**

Figura 8. Programação da 41ª E 42ª Festa da Uva

Fonte: Acervo do Museu Municipal Cristóforo Colombo.

Neste ano de 2023, estamos na 56ª edição da Festa da Uva, tendo como organizadora a Prefeitura Municipal.



Dia 04 - Sábado		Abertura dos portões 12h
Local	Atrações	Horário previsto
Pavilhão	Venuti dall'Italia Dança folclórica	12h30
Palco 2	Banda JAM Pop rock	13h
Pavilhão	Luce dell'Anima Italiana	13h30
Palco 2	Grupo Fé e Tradição Sertanejo	14h
Palco 2	Arquivo Negro RAP	15h
Expo	Zico Viola e Thiago Silva Sertanejo	15h30
Palco 2	Caffeina Pop Rock	16h
Expo	Judson Pancadão Forró piseiro	16h30
Palco 2	Fábio Lenny Pagode	17h
Expo	Jangadeiro e De Galvão Moda de Viola	17h30
Palco 2	Ramay Pop Rock	18h
Pavilhão	Taisa e Gabrielli Sertanejo	18h30
Palco 2	Módulo 80 Rock anos 80	19h
Palco 2	Felipe Cavalliere Sertanejo	20h
Palco 1	Baitaca Galponeiro	21h
Palco 1	Raça Negra Samba/Pagode	23h

Figura 9. Programação do sábado (04/02/23) da 56ª Festa da Uva

Fonte: Site da Festa da Uva de Colombo. Disponível em: <https://bit.ly/3LRnyWv>. Acesso em: 01 mar. 2023.

Ainda se percebe a amplitude de shows nacionais com alguns aspectos que remetem a uma cultura ítalo-brasileira. O campesino ainda continua, pois é predominante na programação o estilo de música sertaneja.

## 2.5 O centenário da imigração italiana em Colombo

A consciência de pertencimento à etnia italiana virá, ainda segundo Trento (1988), num processo a duras penas, a partir do século XX, pela uniformidade nacional que era dada aos imigrantes, principalmente pelas opiniões públicas brasileiras. Com isso, “[...] por um bom tempo, o traço distintivo será o regionalismo, alimentado,

num processo cumulativo, por mecanismos de homogeneidade e solidariedade restrita [...]” (Trento, 1988, p. 62).

Na década de 1950, Colombo, com pouco mais de 6 mil habitantes (Colombo, 2011), ainda era fortemente marcada pela presença dos descendentes de imigrantes italianos/vênnetos, que permaneciam nas antigas colônias, mantendo as características de uma pequena cidade.

Em comemoração ao 78<sup>o</sup> aniversário do município, no ano de 1968, o jornal *Diário do Paraná*, publicou uma matéria no qual descreve a população da cidade e suas maiores autoridades:

A cidade de Colombo conta atualmente com uma população estimada em 1000 habitantes. Doze ruas, divididas em quadras iguais. [...] Atualmente as maiores autoridades do município são: srs. Edgar Winter, Juiz de Direito da Comarca; João Soares Souto, Promotor Público; Manoel Costacurta, Prefeito Municipal; Padre Lucas Costa, Vigário da Igreja Nossa Senhora do Rosário e Frederico D’Agostin, Presidente da Cooperativa Vinícola de Colombo; Antenor Brotto, Presidente da Câmara de Vereadores. (Diário do Paraná, 1968, p. 5)

Nessa descrição, infere-se que a mesma se refira a sede do município, colocando este local como uma pequena cidade, com mil habitantes, e destacando as autoridades que geralmente se encontram em uma região central. Interessante ressaltar que dentre as autoridades, citam o Padre da Congregação Passionista, demonstrando a relação simbiótica entre a religião e a cidade, que tinha ainda uma ambiência católica muito forte. Em relação aos habitantes de Colombo, os relatórios do IBGE apontam que no ano de 1968, o município era composto por mais de 13 mil habitantes (IBGE, 1968). Portanto, essa citação feita pelo jornal, de pouco mais de mil habitantes, talvez fosse a imagem que Colombo passava, como uma pequena cidade, levando em consideração apenas as suas características centrais.

Entre as décadas de 1950 e 1970, começam-se a esboçar os passos de um crescimento que seria estrondoso no município, no final do século XX, porém, ele decorreu de uma extensão da capital, forman-

do a região metropolitana de Curitiba, que foi oficializada pela Lei Complementar nº 14, de 8 de junho de 1973 (Brasil, 1973).

Durante os anos de 1970,

a taxa de crescimento populacional em Colombo era de 12,56%, bastante elevada, em função de que, tal década representou o período de acréscimo populacional em função do processo de urbanização do estado do Paraná, e consequentemente inchaço da Região metropolitana de Curitiba, tal crescimento verificou-se, sobretudo, na região conurbada, formada pelos bairros de Colombo próximo à capital [...]. (Katzinsky, 2004, p. 29)

Entretanto, esse elevado crescimento populacional foi um fator que ocorreu em todo o Estado do Paraná, de forma bastante intensa, até a década de 1970:

A população do Paraná saltou de pouco mais de 2,1 milhões de habitantes, em 1950, para quase 7 milhões em 1970, com taxas geométricas de crescimento anuais próximas e/ou superiores a 5% ao ano [...]. A partir de 1970, embora a população tenha permanecido em crescimento, as taxas geométricas sofreram uma inflexão abrupta, mantendo-se, nas duas décadas seguintes, menores que 1% ao ano – revelando que o Estado perdia sua característica de absorvedor de migrantes de outras unidades da federação. (Moura, 2004, p. 35)

Especificando o fator populacional de Curitiba e Região, que culminou na criação da região metropolitana, o contexto paranaense exigia essa absorção para desenvolvimento econômico, que nessa área enfatizava o industrial:

A industrialização como via de desenvolvimento para o Estado do Paraná foi o caminho seguido pelo governo estadual a partir da década de 1970. Neste período percebe-se que a sua principal fonte econômica, o café, produzido no Norte do Estado, estava em situação de declínio devido a fatores como a

modernização da agricultura, oscilações de preço e constantes perdas de produção ocasionadas por fenômenos climáticos. Porém, o projeto de industrialização do Paraná ocorreu com maior intensidade na Região Metropolitana de Curitiba, devido a iniciativas políticas em conjunto, de um lado o governo do Estado e de outro a prefeitura de Curitiba. Esta política não abrangeu e possibilitou a industrialização por todo Estado, ou seja, o que antes se encontrava disperso, passa-se agora em diante a se concentrar. (Niehues, 2014, p. 455)

Pela tabela apresentada pela Prefeitura Municipal de Colombo, apreende-se um crescimento exponencial na cidade, nas últimas décadas do século XX.

ANO	POPULAÇÃO
1950	6331
1960	8719
1970	19258
1980	62881
1991	117767
2000	183329
2007	233916

**Tabela 6. Evolução da população do Município de Colombo**

Fonte: IparDES, 1999 e Censos Demográficos do IBGE (apud Colombo, 2011, p. 10).

Segundo uma análise da Prefeitura Municipal, muitas das transformações agrícolas e econômicas da cidade foram influenciadas pelo desenvolvimento populacional e econômico da capital, tendo seu ápice, através do incentivo do “Plano de Desenvolvimento Integrado (PDI) de 1978, que direcionava a expansão da ocupação urbana para os municípios periféricos de Curitiba, já que esta não comportava mais a expansão” (Colombo, 2011, p. 8/9).

Com isso, as influências desse novo cenário passariam a ser mais significativas a partir de 1978, ano do centenário da imigração italiana na cidade de Colombo. Porém, da mesma forma que o contingente populacional do município aumentava, mesmo antes de 1978, a sede, lugar das famílias descendentes dos italianos/vênetsos, mantinha-se isolada do crescimento de Curitiba.

No relatório do Ipea (2013) é destacada uma mancha da ocupação urbana de Curitiba e região, que em 1976 começava a esboçar os primeiros sinais, e 1981, tem seu crescimento marcado nas áreas periféricas. Esse crescimento trouxe a fundação de bairros, como o Maracanã, em Colombo, que segundo Katzinsky (2004), este,

que surgiu na década de 70, possui uma conformação de bairro periférico de Curitiba, mas está dentro dos limites políticos-administrativos de Colombo [...], e a sede do município ficou afastada do Maracanã, gerando realidades distintas, ou seja, um núcleo urbano formado anteriormente, com uma história econômica voltada ao setor primário, e a região formada a *posteriori* fruto de um processo de transbordamento da capital. (Katzinsky, 2004, p. 3)

Somado ao crescimento, não só de Colombo, mas de Curitiba e Região, os antigos imigrantes das colônias reforçam uma identificação ainda mais com as tendências de ser italiano, e não apenas com uma região específica daquela península; justamente quando as diferenças culturais são mais evidenciadas – devido ao aumento populacional –, esses sujeitos se unem em torno de características étnicas. O governo italiano, com apoio da política local, buscou formas de evidenciar essas “origens”, com fins culturais, mas também econômicos. Severino (2005) aponta para a construção de uma imagem pós-Segunda Guerra Mundial:

[...] durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) por conta das desconfianças geradas pela guerra, essas localidades foram palco de práticas de intolerância e legislação restritiva (proibição de associações, fechamento de escolas estrangeiras e do uso da língua, principalmente a partir de 1937), produzindo representações sobre imigrantes e descendentes de imigrantes de línguas italianas amplamente veiculadas. Num segundo momento, parece haver uma resignificação em políticas culturais que promoveram novas interações com o gênero, a geração, a classe social, a fim de compor um perfil específico no pós-ssegunda Guerra Mundial relacionado ao ser italiano. (Severino, 2005, p. 92-93)

A segunda metade do século XX é envolto entre o crescimento da cidade e a caracterização de uma identificação com uma origem reformulada. Um fato interessante é que em um desfile da semana da Pátria brasileira, em plena ditadura militar, a cidade de Colombo faz, ironicamente, uma homenagem ao centenário da imigração italiana. O relato feito pela escola católica, coloca que:

Nossa escola movimentou-se em grande atividade na preparação do desfile cívico em comemoração a Semana da Pátria, que se deu no dia 3 de setembro. Nesta oportunidade foi salientado o Centenário da Imigração Italiana a quem Colombo deve tanto, pois foram laboriosos, que implantaram neste solo a semente da colonização que conserva ainda hoje tantos de seus costumes e peculiaridades. Não só nossa escola homenageou com sua alegoria apresentando um grupo com as bandeiras brasileira e italiana, trajes típicos do Vêneto, Lácio, Nápoles e Florença<sup>42</sup>, ainda, uma carrocinha dos primeiros tempos dirigida pelo Senhor Angelo, digo Joanin Lovato, descendente dos 1<sup>os</sup> imigrantes, mas também todas as escolas homenagearam a data com temas alusivos ao centenário.

- Foi uma linda festa que nem a neblina não fez diminuir o entusiasmo dos participantes. (Passionistas, 1978, p. 49)

Segue o registro desse momento:

---

42. Nas representações desses locais em específico, acredita-se que a referência ao Vêneto seja pela descendência das famílias colombenses, ao Lácio por ser o berço de origem dos Padres Passionistas e a Florença por indicar o início das atividades das Irmãs Passionistas.



**Figura 10. Desfile Cívico (1978)**

Fonte: Acervo iconográfico do Colégio Passionista Nossa Senhora do Rosário.

Percebe-se que a cidade sempre manteve um vínculo com as identificações étnicas italianas. No início, muito provavelmente, ele estava atrelado às lembranças da região do Vêneto, com os costumes campestres e a forte catolicidade, além do ensino da língua italiana e bandeira daquele país. Com o passar das décadas temos uma festa que tentava projetar o município como o símbolo da uva e da italianidade no Estado do Paraná e até mesmo a comemoração de uma imigração, marcando um vínculo de pertencimento à pátria do outro lado do Atlântico. Essa identificação com o ser italiano foi um processo comum, nas colônias de imigrantes, na década de 1970, em comemoração ao centenário da imigração:

De acordo com isto, torna-se imprescindível refletir sobre os percursos através dos quais um modo de formação e educação bastante singular favoreceu uma mentalidade que tornou possível e legítimo, para descendentes de imigrantes europeus do século XIX, descobrir-se italiano no Brasil passadas três ou quatro gerações, dando margem a tentativas de

resgatar, o que se supõe a verdadeira cultura dos ancestrais [...]. Mais ainda, importa conhecer os motivos e os meios que induzem milhares de indivíduos, mobilizados por tais imagens, a transitarem de tirolezes, vênéticos, lombardos etc., para italianos [...]. (Falcão, 2005, p. 66-67)

Na provocação de Falcão (2005), sobre a identificação com o ser italiano, tomando o caso de Colombo, podem-se associar as questões de diferenciações, impostas pelas características étnicas, que tiveram o apoio da Igreja, e conseqüentemente da escola católica, que era o seu braço. Essa comemoração talvez possa ser colocada como uma marca da identificação do município, intensificando até mesmo as relações com o consulado do país de origem dos antigos imigrantes – nem que fosse na teoria–, através da concessão de título de cidadão colombense para o cônsul geral da Itália:

No próximo dia 24, domingo, às 11 horas, o cônsul geral da Itália, Guido Borgomaneiro, receberá o título de cidadão honorário do município de Colombo, na Colônia Faria. A honraria ressalta a contribuição dada pelo diplomata nas festividades alusivas ao centenário de Colombo, ocorrido em 1978. (Diário do Paraná, 1980, p. 1)

Neste processo, possivelmente o reconhecimento que os colombenses visavam era o ser católico, voltado à família e ao trabalho no campo, mas de origem “italiana”, e nisso, a congregação Passionista contribuiu. As identificações com a etnicidade italiana são muito próprias de cada lugar; em algumas colônias pode ter sido pelo trabalho, em outras pelas associações de mútuo socorro. Em Colombo, esses elementos apareceram, porém a mais evidente nesta identificação foi a Igreja, que tinha como extensão uma instituição de ensino, com sua cultura escolar impregnada de catolicismo, mas com religiosos de origem italiana, que traziam novas imagens do país dos antepassados que fundaram as primeiras colônias.

Nesse interesse em ser italiano, também esteve envolvida a esfera pública, que, por exemplo, por meio da Festa da Uva, buscou marcar algumas características étnicas da cidade formada por imigrantes,



que justamente na década de 1970 estava crescendo estrondosamente. Os imigrantes, que já eram minoria, ainda estavam sendo utilizados como um elemento étnico do município, provavelmente por interesses políticos e econômicos.

Nas discussões sobre grupos étnicos, Poutignat e Streiff-Fenart (2011, p. 111) colocam a etnicidade como forma de interação social,

[...] longe de ser uma qualidade inerente à pertença, adquirida uma vez por todas desde o nascimento, a etnicidade é um processo contínuo de dicotomização entre membros e outsiders, requerendo ser expressa e validada na interação social.

O contato com o outro é essencial para o avivamento das identidades, no entanto “a especificidade da organização social étnica decorre do papel que nela desempenham os contrastes culturais, mas esse papel não pode ser dissociado dos processos de manifestações de identidade” (Poutignat; Streiff-Fenart, 2011, p. 112).

E é preciso lembrar também que esses imigrantes, e mais tarde seus descendentes, não serão um grupo isolado, fazendo parte de uma sociedade plural, principalmente nas terras paranaenses, habitadas por diversas etnias. No local da heterogeneidade, as diferenças serão fontes de mobilização para fortalecer os iguais; já que

a etnicidade contemporânea não deve, portanto, ser analisada como a marca de uma herança tradicional, mas, ao contrário, como uma resposta a necessidades de organização nascidas da situação atual dos imigrados na sociedade americana. (Poutignat; Streiff-Fenart, 2011, p. 79)

Na trajetória da história do município de Colombo, as novas gerações de descendentes de imigrantes, que, em um novo local, vão desenvolver e formar características de uma italianidade, que não será igual a de seus antepassados, já que

de forma muito convincente como o que denomina ‘a etnicidade simbólica’ da terceira e da quarta gerações tem apenas pouca coisa a ver com a realidade cotidiana da vida social

étnica que era a dos primeiros imigrantes. (Poutignat; Streiff-Fenart, 2011, p. 76-77)

Além disso, no pluralismo, “o hífen que torna o indivíduo um ítalo-americano não o transforma em um meio-americano mas representa a própria essência da americanidade” (Poutignat; Streiff-Fenart, 2011, p. 73). Dentro deste universo, entre Brasil, Itália e Colombo, as figuras religiosas tiveram a sua marca na história, Prefeitura Municipal, festas étnicas, escolas, comunidade, caminhos que não são uma via de mão única, que trazem uma essência plural do ser ítalo-colombense.

### 3. A RESSIGNIFICAÇÃO DE UMA LÍNGUA DE HERANÇA

O significado das coisas não está nas coisas em si, mas sim em nossa atitude com relação a elas.  
(Antoine de Saint-Exupéry)

Se o processo de identificação dos descendentes de imigrantes vênéticos foi continuamente moldado pela realidade em que se encontravam, pelas redes de relacionamento estabelecidas, pelas escolhas estratégicas de posicionamento entre Brasil e Itália, além de diversas outras variáveis, não seria diferente o processo decorrido com a língua por eles falada.

Depois de mais de um século, muitas foram as transformações no hoje denominado Talian e acreditamos que seu esmaecimento e sua substituição pelo português se deu de forma “natural”. Comparilhando das ideias de Carboni (2005, p. 4) a partir das afirmativas do sociolinguista americano Ferguson, “a simples presença de uma língua de prestígio, como o português, acabou enfraquecendo as línguas dos imigrantes, seja estruturalmente que do ponto de vista funcional”. Foi possivelmente isso que ocorreu em Colombo.

O português foi progressivamente impondo-se como língua dominante do repertório lingüístico, com situações marginais de repertórios bilíngües onde alguns dialetos específicos cada vez mais descaracterizados ocupavam posições sociais sempre menos favoráveis em relação à língua dominante.  
(Carboni, 2005, p. 9)

Como vimos no capítulo anterior, a oferta mais ampla de ensino, decorrida a partir do início dos anos de 1960, que trazia o então ginásio para a cidade, proporcionou mais anos de vivência escolar e, conseqüentemente, mais contato com a língua portuguesa, principalmente para as gerações mais jovens. Acredita-se que são frutos também desta época os estigmas sofridos por netos e bisnetos de italianos com a fala da consoante /r/, como apontado por Cunha e

Gabardo (2020). Ao mesmo tempo, o acesso ao rádio e à televisão e também a outros meios de comunicação aumentou de forma relevante a exposição ao português. Além disso, a ascensão social de muitas famílias de descendentes de imigrantes pode ser entendida ainda como outro fator que demarca o distanciamento do “falar de colono”. Por isso, quando tratamos do esmaecimento dessa língua de imigração, a culpa não pode recair somente na Campanha de Nacionalização da Era Vargas. Trata-se de um processo bem mais complexo. Assim aponta Carboni (2005, p. 11):

Mesmo considerando os fenômenos subjetivos que, ao associar os dialetos italianos a possíveis represálias, precipitaram seu enfraquecimento, seria absurdo e anticientífico pensar que o processo de “esquecimento” de línguas maternas deu-se em apenas três anos. A língua materna se desenvolve no processo da comunicação social, graças a uma predisposição neuro-fisiológica inata, que também não permite que essa língua seja esquecida em tão breve tempo. [...] Deveu-se, portanto, ao esforço árduo do imigrante italiano, e não à violência estatal, o fato dele e seus filhos dominarem hoje plenamente o português, que enriqueceram em forma poderosa, sobretudo lexical e foneticamente.

Lopes (2016) ao pesquisar os usos da língua de imigração na família e na escola em Colombo, perpassando as memórias de quem vivenciou o período entre 1937 e 1957, constatou que:

[...] é possível afirmar que os entrevistados sofreram tanto de preconceito quanto de estigmatização. Esse sentimento os acompanhou durante grande parte de suas vidas, o que também determinou o silenciamento da língua de imigração. (Lopes, 2016, p. 126)

Ainda segundo a pesquisadora, os estigmas (vergonha e auto-depreciação) contribuíram para o entendimento dessa língua como inferior ao português e a limitou ao ambiente doméstico, já que expressar a etnicidade, por meio da língua, em público poderia causar preconceito e repreensão.

Sendo assim, entender as dinâmicas sociais é primordial para compreender as transformações pelas quais a língua e a cultura, de forma geral, passaram e continuam a passar, já que ambas estão sempre em contínuo processo de mudança e sua ressignificação é inevitável. Como nos lembra Cardoso, ao citar o antropólogo Laurent Lévi-Strauss,

[...] o patrimônio imaterial nasce, vive e morre. Intimamente associado à vida cotidiana das pessoas, não se poderia congelá-lo, nem perenizá-lo por Decreto. Gostos, necessidades, modos de vida, valores e representações sempre evoluíram e continuarão a fazê-lo e, se uma comunidade abandona uma prática social, não há como se opor. (Lévi-Strauss, 2003, p. 79 apud Cardoso, 2010, p. 24)

Por mais que existam leis de tutela, nem essas são capazes de interromper o ciclo de vida do patrimônio imaterial. O próprio discurso da extinção da língua, ou de língua em risco, aproxima-se do discurso da biodiversidade e, com isso, “deve ser analisado como um conceito ideológico” (Ball, 2005, p. 207). De acordo com o professor e antropólogo Christopher Ball, “o lugar da mudança [linguística] é a dialética entre as percepções dos falantes e o uso que eles fazem da língua” (Ball, 2005, p. 210).

Dadas as premissas e buscando entender essa dinâmica em Colombo, passamos a descrever a seguir as formas encontradas, nas duas últimas décadas, para ressignificar essa língua de imigração e mostrar o seu valor como patrimônio imaterial. Estas iniciativas foram promovidas particularmente por duas entidades: a Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia e a Associazione Veneti nel Mondo – Colombo.

### **3.1 As associações culturais italianas em Colombo**

Como vimos, a etnicidade dos descendentes de imigrantes vênets em Colombo é marcada pela catolicidade. Desde a saída do último sacerdote italiano da paróquia Nossa Senhora do Rosário, Pe. Angelo

Allegrini, acreditamos que as referências à italianidade mais marcantes até os anos 2000 foram a realização das festas da Uva, o centenário da imigração italiana na cidade, as festas de Igreja, realizadas para memorar os santos de devoção desses descendentes, e a criação do Circuito italiano de Turismo Rural, em 1999. Neste mesmo ano, aconteceu a comemoração do centenário de construção da Igreja Matriz, acompanhado pelo restauro das pinturas artísticas, financiadas pelas famílias de descendentes de italianos, na década de 1940. Nessa oportunidade também foi promovida uma exposição de fotos antigas, contando com a participação e envolvimento de muitos colombenses.

Já em setembro de 2000, conforme apontam Gabardo e Lopes (2013), surge a Associação Cultural de Preservação do Patrimônio Histórico de Colombo com o intuito de reconstruir a escadaria em frente à Igreja Matriz. Pouco tempo depois, ela dá lugar a Fundação Padre Alberto, nome dado em homenagem ao sacerdote Passionista idealizador das duas escadarias. Esta entidade, por sua vez, começa a realizar jantares italianos (*Cena tra amici*) para arrecadar fundos para as obras e agrega outros projetos ao seu escopo. Dentre eles, destacamos: o acervo iconográfico resultante da primeira exposição do centenário da Matriz; o grupo de dança folclórica *Venuti dall'Italia*, surgido inicialmente, em 2001, no Colégio Cenecista João Batista Lovato Sobrinho; o grupo de estudos de história da imigração italiana e genealogia; a promoção de cursos de língua italiana; as filmagens realizadas com descendentes de imigrantes (Colombo Memória); e, em 2005, a criação do grupo musical *Luce dell'Anima*.

A partir da busca por canções folclóricas típicas, o contato com falantes da língua de imigração foi se tornando cada vez mais constante e novas gravações começaram a ser feitas, atentando para as particularidades dessa língua. Já em 2006, com a criação da *Settimana Italiana di Colombo*, um conjunto de eventos começou a ser realizado nas comunidades onde ainda residem os descendentes de imigrantes, a fim de valorizar a gastronomia, os jogos típicos (bocha e mora), o trabalho dos grupos folclóricos e a própria língua, que foi incorporada tanto na celebração da missa, quanto no *Fiò*, encontro realizado para valorizar não só os seus falantes como as histórias antigas.

Antes de analisarmos as particularidades que envolvem estes dois últimos eventos, cabe ainda ressaltar duas situações: em 2008, na comemoração dos 130 anos de presença italiana em Colombo, a Fundação dá lugar à Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia, que, por sua vez dá continuidade aos projetos culturais já existentes, uma vez finalizadas as obras da escadaria. Já em 2009, uma outra instituição é criada, com a participação de praticamente os mesmos membros da Associação Italiana, buscando fortalecer um elo com a Região do Vêneto e a participação na Federação das Associações Vênetas do Estado do Paraná: nasce assim a Associazione Veneti nel Mondo – Colombo. Esta instituição, por sua vez, passa a se dedicar aos trabalhos voltados ao Talian<sup>43</sup> (Gabardo; Lopes, 2013).

### **3.2 A *Santa Messa* como estratégia de valorização do Talian**

Uma vez que o catolicismo é um fator cultural bastante latente entre os descendentes de italianos em Colombo, e a maior parte deles vai à missa com frequência, essa celebração religiosa passou a ser traduzida<sup>44</sup> pelas associações como uma forma de trazer capital simbólico<sup>45</sup> à língua, aparentemente esmaecida entre eles. De acordo com o levantamento feito por Gabardo (2022), já a partir da segunda edição desse evento, adotou-se a diagramação similar ao folheto *O Domingo*, da Editora Paulus (dividido em 3 colunas), utilizado por muitos anos pela Paróquia Nossa Senhora do Rosário.

---

43. Segundo Cunha e Gabardo (2020, p. 847), “os dialetos trazidos por esses imigrantes [vênetos] também têm uma base comum. Com o tempo, misturaram-se entre si, tiveram influência do italiano standard, do português brasileiro e de outras línguas aqui faladas, dando origem a uma koiné identificada como Vêneto Brasileiro e que nós, por questões de política linguística, preferimos chamar de Talian”.

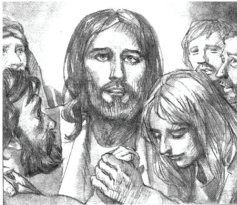
44. As traduções são realizadas até as edições atuais por Diego Gabardo, Fábio Luiz Machioski, Maristela Cavassin Reginato e Marta Cavalli Cavassin.

45. Segundo Bourdieu (1989, p. 164), esse valor social é o “poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento”.

# Santa Messa in Talian

01

Messa da Sexta Domenegha del Tempo Comum



**Com.:** Sun questa Domenegha, Gesù ciama noantri a amar i nostri fradei e soree parche tute saesse che simo dissipui e dissipue de lù da vero. A páscoa del Signor a zè rento son tuto queo che femo, so'a messa, so'e orassón e quando giutemo i nostri fradei.

## CANTO DE 'NAR RENTO

*Vegni tuti insieme al Signor cantar!  
Al Dio dell'Universo vegni festegiar!*

*Soree e fradei cantè al Signor!  
Che gá ressurgisto, il nostro Salvador!*

*Cantè Aleluia, cantè il suo amor!  
Chel el gá venssuo a morte, el nostro Redentor!*

## ACOGLIDA

**Prete:** So'l nome del Pare, del Fioeo Gesù e del Spirito Santo.

**Tuti: Amè!**

**Prete:** A grassa del Signor Gesù Cristo, el amore de Dio Pare e la comunión del Spirito Santo 'l zè con tuti voaltri.

**Tuti: Benedeto el zè Dio che gá reunisto noantri so'l Cristo Gesù!**

## ATO PENITENCIAE

**Prete:** Fradei e Soree sol Cristo, ciamemo il Signor nostro Dio par che el abenssoe questa acqua che va essere rabaltá in su de noantri, par che racordemo el nostro batismo. Che lù ghè a bonà de giutar tuti noantri

parche restemo sempre fiei sol Spirito che le stato enviá. (speta). – Signor nostro Dio, tindi tuta a vostra gente e quando selebremo a maravegia da vostra criassón e a maravegia ncora pi granda da nostra redenssón, ghè a bonà de abenssoar \* questa acqua. Zè sta voaltri che gá cria e dato vita a terra, para avar i nostri corpi e refare e nostre forse. Anca ghè dopara da acqua par vostra misericordia, par medo de ea ghè libertà a vostra gente e ghè copá a sen de iuri sol deserto; par ea i profeti i gá annunciá a nova aliasssa che gera a vostra voglia che i umani. Par ea, grasia a Dio, consagrà par Cristo sol Jordon, ghè renová par bagno del novo nascimento, a nostra natureza peccadora. Che questa acqua sia par noantri na recordassón del nostro batismo e fa noantri alegrarse par star insieme de tuti quii che i zè stai batissai so'a Páscoa. Par Cristo nostro Signor.

**Tuti: Amè!**

**Del nostro corassón arrenpenduo ghè pietá Signor. Ghè pietá de noantri, Signor. Perdón, Gesù.** Signor, ghè pietá e miscórdia. So'l vostro grandò amor neteme. Aveme tuto inciero dei peccai E tira via tuta a me culpa.

**Prete:** Che Dio Onipotente el purifichè tuti noantri dei nostri peccai e, par medo de questa messa, noantri fussi meresseduri da toea del suo reino.

**Tuti: Amè!**

## GLÓRIA

**Prete:** Desso, continti par che simo perdonai, resemo al Signor.

**Glória a Dio so el alture e paz so'a tera ai omni par lù amai.**

**Signor Dio, Rei del Seo, Dio Pare tuto-poderoso.**

**Noantri te louvemo.**

**Noantri te bendizèmo.**

**Noantri te adoremò.**

**Noantri te glorifichemo.**

**Noantri te demo grazie par vostra granda glória.**

**Signor Gesù Cristo, Primo e Unico**

**Fioeo,**

**Signor Dio, Agnelo de Dio, Fioeo de Dio Pare.**

**Voaltri che ghè tirá el pecà del mondo ghè pietá de noantri.**

**Voaltri che ghè tira el pecà del mondo, accogli a nostra suplica.**

**Voaltri che si a ditra del Pare, ghè pietá de noantri.**

**So voaltri si santi, so voaltri si el Signor.**

**So voaltri el Altissimo, Gesù Cristo.**

**Col Spirito Santo so'a glória de Dio**

**Pare. Amè.**

## PREGHIERA DEL DÌ

**Prete:** Ó Dio, Pare de bonà, che gá redimisto e adotá noantri como fiui e fioe de lù, daghè a quii che crede sol Cristo a libertà da vero e a heranssa eterna. Par Dio Signor Gesù Cristo, vostro Fioeo, so'a unità del Spirito Santo.

**Tuti: Amè!**

## LITURGIA DA PAROEÀ

**Com:** *Desso, demo tuti sentarse do par scollar a paroea del Signor.*

## PRIMA 'ETURA

(At. 14,21b-27)

**Com:** *Questa etura conta un relato finae del viaggio misionario de Paulo e Barnabè. Scoltemo.*

'Etura dei Ibro dei Ati dei Apostui – Sun quei di, Paulo e Barnabè i gá retorna so'e cità de Lистра, Icônio e Antioquia. Encoraggiando i discipui, iuri fava che i credesse e che i restasse firme so'a fede, i ghè dizia: "Bisogna che guissemò massa sufriminti, par 'nar rento so'l Reino de Dio". I apostui gá indica i presbitiri par cada region. Con orassumi e gegiun, iuri i confiava sol Signor, sun quii che i gá credesto. Dopo, attraversando a Psidia, i gá riva

Figura 11. Fac-símile do folheto da 2ª Messa in Talian – 06/05/2007

Fonte: Acervo Iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia

As leituras são sempre feitas por pessoas da comunidade que, por mais que falem o Talian, têm o desafio de decifrá-lo na escrita. Sobre a materialização dessa língua predominantemente oral, vale destacar que estes folhetos são um dos primeiros registros escritos dela em Colombo que se teve acesso.



Vejam os a seguir o quadro com todas as edições já realizadas:

Nome do evento	Data	Local do Evento	Festividade	Celebrante
<i>Santa Messa in Talian</i>	30/04/2006 - Domingo	Ribeirão das Onças	Abertura - 1ª <i>Settimana Italiana</i>	Pe. Ari Soga, cp
<i>Santa Messa in Talian</i>	11/02/2007 - Domingo	Centro	44ª Festa da Uva de Colombo	Pe. Clóvis Luiz Rombaldi, cp
<i>Santa Messa in Talian</i>	06/05/2007 - Domingo	Morro Grande	Abertura - 2ª <i>Settimana Italiana</i>	Pe. Amilton Manoel da Silva, cp
<i>Santa Messa in Talian</i>	15/07/2007 - Domingo	Centro	14ª Festa do Vinho de Colombo	Pe. João Alceu Perin, cp
<i>Santa Messa in Talian</i>	27/01/2008 - Domingo	Morro Grande	2º Encontro da Família Fiorese	Dom Afonso Fiorese, cp
<i>Santa Messa in Talian</i>	04/05/2008 - Domingo	Santa Rita	3ª <i>Settimana Italiana</i>	Dom Afonso Fiorese, cp
<i>Santa Messa in Talian</i>	03/05/2009 - Domingo	Campestre	Abertura - 4ª <i>Settimana Italiana</i>	Pe. Marcos Paulo Honório
<i>Santa Messa in Talian</i>	01/11/2009 - Domingo	Colônia Faria	Dia de todos os Santos	Pe. Marcos Paulo Honório
<i>Santa Messa in Veneto</i>	22/08/2010 - Domingo	Boicinga	5ª <i>Settimana Italiana</i>	Pe. Ari Soga, cp
<i>Santa Messa in Veneto</i>	08/05/2011 - Domingo	Ribeirão das Onças	Abertura - 6ª <i>Settimana Italiana</i>	Pe. Ari Soga, cp
<i>Santa Messa in Veneto</i>	06/08/2012 - Segunda	Centro	7ª <i>Settimana Italiana</i>	Pe. Ari Soga, cp
<i>Santa Messa in Veneto</i>	03/02/2013 - Domingo	Centro	50ª Festa da Uva de Colombo	Pe. Jairo Dall'Alba, cp
<i>Santa Messa in Veneto</i>	05/08/2013 - Segunda	Centro	8ª <i>Settimana Italiana</i>	Pe. Ari Soga, cp

Nome do evento	Data	Local do Evento	Festividade	Celebrante
<i>Santa Messa in Veneto</i>	09/02/2014 - Domingo	Centro	51ª Festa da Uva de Colombo	Pe. Eugenio Mezzomo, cp
<i>Santa Messa in Veneto</i>	08/02/2015 - Domingo	Centro	52ª Festa da Uva	Pe. Ari Soga, cp
<i>Santa Messa in Veneto</i>	03/08/2015 - Segunda	Centro	9ª <i>Settimana Italiana</i>	Pe. Eugenio Mezzomo, cp
<i>Santa Messa in Veneto</i>	08/08/2016 - Segunda	Centro	Abertura da 10ª <i>Settimana Italiana</i>	Pe. Eugenio Mezzomo, cp
<i>Santa Messa in Veneto</i>	06/08/2017 - Domingo	Colônia Faria	Abertura da 11ª <i>Settimana Italiana</i>	Pe. Eugenio Mezzomo, cp
<i>Santa Messa in Veneto (e em português)</i>	20/08/2017 - Domingo	Colônia Faria	130 anos da Colônia Faria	Pe. Ari Soga, cp e Dom Pedro Fedalto
<i>Santa Messa in Veneto</i>	05/08/2018 - Domingo	Centro	Abertura da 12ª <i>Settimana Italiana</i>	Pe. Eugenio Mezzomo, cp
<i>Santa Messa in Veneto</i>	10/02/2019 - Domingo	Centro	54ª Festa da Uva de Colombo	Pe. Eugenio Mezzomo, cp
<i>Santa Messa in Veneto</i>	04/08/2019 - Domingo	Colônia Faria	Abertura da 13ª <i>Settimana Italiana</i>	Don Pedro Fedalto
<i>Santa Messa in Italian</i>	09/02/2020 - Domingo	Centro	55ª Festa da Uva de Colombo	Pe. Eugenio Mezzomo, cp
<i>Santa Messa in Italian - reprise missa 2017</i>	03/08/2020 - Segunda	Online (Colônia Faria)	Abertura da 14ª <i>Settimana Italiana</i>	Pe. Eugenio Mezzomo, cp
<i>Santa Messa in Italian</i>	02/08/2021 - Segunda	Online (Centro)	Abertura da 15ª <i>Settimana Italiana</i>	Pe. Eugenio Mezzomo, cp
<i>Santa Messa in Italian</i>	07/08/2022 - Domingo	Colônia Faria	Abertura da 16ª <i>Settimana Italiana</i>	Pe. Eugenio Mezzomo, cp

**Quadro 1. Relação das missas em Italian realizadas em Colombo (2006-2022)**

Fonte: Gabardo (2022).

Da primeira edição do evento, em 2006, até a mais recente, 2022, em um período de 16 anos, foram realizadas 26 missas em Talian em Colombo. Vinte delas aconteceram aos domingos e 6, na segunda-feira. Foram 13 edições realizadas no centro da cidade e as demais em outros bairros onde também residem descendentes de italianos: 6, na Colônia Faria; 2, no Ribeirão das Onças; 2, no Morro Grande; 1, no Campestre; 1, no Boicininga e 1, em Santa Rita (comunidade católica entre os bairros Embú, Roça Grande e São Gabriel). Foram 16 edições na *Settimana Italiana*, sendo que uma delas foi reprisada por conta da pandemia (em 2020), 6 edições na festa da Uva, 1 na festa do Vinho, 2 por solicitação da Colônia Faria e 1 para o Encontro da Família Fiorese.

Dessas 16 edições, a *Santa Messa* foi realizada em 11 aberturas e as outras cinco, geralmente na segunda-feira. Dos padres que as presidiram, a maioria é descendente de italianos, falante do Talian e pertence à Congregação Passionista, que é também responsável pela paróquia, sediada no centro de Colombo. E em 4 ocasiões, 2 bispos presidiram as celebrações, sendo ambos netos de italianos. Estes fatos também são reveladores de como as associações continuaram a valorizar a missa como a abertura da programação, reforçando o catolicismo como um aspecto cultural importante para essa localidade. Pensamos nesta situação como uma estratégia, segundo o conceito de Certeau (2014, p. 45), em que esta é:

o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico.

Sobre essa utilização da missa como instrumento de promoção do Talian e a tentativa de se criar uma nova tradição, também podemos observá-la sob a perspectiva do historiador Eric Hobsbawm que nos lembra que é possível

[...] a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais. Sempre se

pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos; e sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas. (Hobsbawm, 2020, p. 13)

Cabe observar que, a partir de 2010, na parte da organização do folheto impresso é inserido o nome da Associazione Veneti nel Mondo – Colombo, entidade que passa a tutelar as ações do Talian na cidade.

Por mais que as associações tenham um lugar de poder capaz de circunscrever o Talian nas missas, elas dependiam da participação do outro. Em 2012 e 2013, por conta de as missas serem realizadas numa segunda-feira, utilizou-se como tática a homenagem às famílias italianas presentes em Colombo, como uma forma de garantir essa participação em um dia não habitual de se frequentar a Igreja. Nesse sentido, Certeau (2014, p. 45) afirma que:

A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias.

Nessa discussão sobre táticas e estratégias de Certeau (2014), observamos que há também uma mudança de nomes no decorrer das edições. De agosto de 2010 a agosto de 2019, nas 14 missas celebradas, temos a mudança do nome do evento de *Santa Messa in Talian* para *Santa Messa in Veneto*. Essa mudança é decorrente da participação de três dos tradutores das missas no II Fórum do Talian, em Serafina Corrêa/RS, organizado pela Assodita (Associação dos Difusores do Talian), no qual, por conta das visíveis diferenças entre as variantes gaúchas e as colombenses dessa língua de imigração, o escritor e estudioso do Talian, Darcy Loss Luzzatto, sugeriu a utilização do nome “vêneto” para a língua, já que segundo ele, o reconhecimento do Talian como língua era meramente político. A partir de 2020, logo após a participação em outro evento realizado pela Assodita, o “XXIII Incontro dei Difusori del Talian”, voltou-se a adotar a primeira nomenclatura, devido à mudança de entendimento sobre essa

língua, oportunizada pela participação dos tradutores no Centro de Estudos Vênets no Paraná, que mais adiante será apresentado.

Em suma, entendemos essa apropriação da missa como uma resignificação para sensibilizar a comunidade local sobre a importância de se manter esse patrimônio imaterial por meio da prática religiosa.

### 3.3 *Fiò*: o (re)encontro com o Talian

Antes de explorarmos as ações voltadas ao Talian neste outro evento promovido pelas associações étnicas de Colombo, vamos ao entendimento do que é o *fiò* ou *filò*. O termo em si, remete a *fiar* e conseqüentemente à reunião de pessoas, principalmente mulheres, para este ato, o que era uma prática comum na Itália antes da imigração. Quando aqui chegaram, os imigrantes utilizavam este mesmo termo para as visitas casuais que faziam aos vizinhos, e conforme afirma Camilotto (2018, p. 12):

[...] consistia em um encontro realizado nas cozinhas, cantinas ou porões das casas dos imigrantes italianos, congregando famílias, vizinhos e amigos. Esses se reuniam para conviver, conversar sobre seus cotidianos, ler as cartas vindas da Itália e saber notícias de seus parentes que lá ficaram, elaborar pequenos trabalhos artesanais, professar sua fé na religião católica, dentre outros hábitos.

Ao reintroduzir esta prática na comunidade local, principalmente na programação da *Settimana Italiana*, as associações precisaram readaptar e dar novo sentido a este costume, pois como nos lembra Hobsbawm, (2020, p. 9) “o ‘costume’ não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque a vida não é assim nem mesmo nas sociedades tradicionais”. De Boni e Costa (1984, p. 163) ainda nos lembram que:

O *filò*, propriamente dito, como institucionalização do lazer, congregava várias famílias para conviver, conversar, comer e cantar. Várias famílias combinavam de se encontrar, ao entardecer, para, juntas, fraternizarem as próprias experiências. Nesses encontros floresceu a música, a poesia e o humorismo, próprio dos imigrantes.

Com o intuito de “conviver, conversar, comer e cantar” surge a Noite do *Filò*, destinada também como espaço para valorização do Talian.

Passamos então a apresentar como se configurou esse evento no decorrer das 16 edições da *Settimana Italiana di Colombo*.

Nome do evento	Data	Local do Evento	Edição da Settimana	Temática/atrações
<i>Filò</i> (Passado à noite) e Cantarola	06/05/2006 - Sexta	Clube Sapopema	1ª <i>Settimana Italiana</i>	Contação de histórias, piadas e confraternização
Noite do <i>Filò</i> : “histórias, músicas e recordações da nossa gente”	11/05/2007 - Sexta	Salão de Festas Avelino Toniolo - Serrinha	2ª <i>Settimana Italiana</i>	Contação de histórias, piadas, músicas e confraternização
Noite do <i>Filò</i> : histórias, músicas e recordações da nossa gente	09/05/2008 -Sexta	Salão de Festas Avelino Toniolo - Serrinha	3ª <i>Settimana Italiana</i>	Contação de histórias, show de piadas com Edgar Maróstica (Serafina Correa/RS) e confraternização
Noite do <i>Filò</i> : histórias, músicas e recordações da nossa gente	08/05/2009 - Sexta	Salão de Festas Avelino Toniolo - Serrinha	4ª <i>Settimana Italiana</i>	Contação de histórias, piadas, apresentação do Grupo Vocal I Veneti in Brasile e confraternização
Noite do <i>Filò</i> : histórias, músicas e recordações da nossa gente	25/08/2010 - Quarta	Sede da Associação Italiana - Centro (Associazione Veneti nel Mondo - Colombo)	5ª <i>Settimana Italiana</i>	Falas de conscientização sobre a importância do Talian (material impresso) e confraternização
<i>Filò</i> de Domenica	14/05/2011 - Domingo	Sede Associação Italiana - Centro (Associazione Veneti nel Mondo - Colombo)	6ª <i>Settimana Italiana</i>	Visita de um grupo de 15 jovens da Região do Vêneto. Conversas, interações e confraternização

Nome do evento	Data	Local do Evento	Edição da Settimana	Temática/atrações
Noite do <i>Fiò</i> : histórias e recordações da nossa gente	07/08/2012 - Terça	Sede da Associação Italiana - Centro (Associazione Veneti nel Mondo - Colombo)	7ª <i>Settimana Italiana</i>	Roda de conversa, contação de histórias, música e confraternização
Noite do <i>Fiò</i> : histórias e recordações da nossa gente	05/08/2015 - Quarta	Salão de Festas do Capivari	9ª <i>Settimana Italiana</i>	Falas de conscientização sobre a importância do Talian, contação de histórias e confraternização
Noite do <i>Fiò</i> : histórias e recordações da nossa gente	10/08/2016 - Quarta	Salão de Festas Avelino Toniolo - Serrinha	10ª <i>Settimana Italiana</i>	Visita de uma italiana da Região do Vêneto, músicas e confraternização
Noite do <i>Fiò</i> : histórias e recordações da nossa gente	09/08/2017 - Quarta	Salão de Festas Avelino Toniolo - Serrinha	11ª <i>Settimana Italiana</i>	Contação de histórias, piadas com humorista local (LENA) e confraternização
Noite do <i>Fiò</i>	08/08/2018 - Quarta	Colombo Festas e Eventos - Centro	12ª <i>Settimana Italiana</i>	Exposição de fotos, conscientização sobre a importância do Talian, apresentação de música com Dilço e Fabiano Cruzara e Gustavo Boaron
<i>Note del Fiò</i> : histórias e recordações da nossa gente	05/08/2019 - Segunda	Memorial do Imigrante Italiano - Casa Eugênio Mottin - Bosque da Uva - Centro	13ª <i>Settimana Italiana</i>	Contação de histórias, músicas, conscientização sobre a importância do Talian para alunos de italiano e confraternização
<i>Note del Fiò</i> Encontro dos falantes do Talian	08/08/2022 - Segunda	Clube São João	16ª <i>Settimana Italiana</i>	Lançamento e distribuição do livro de contos em Talian "Mi me racordo", jogos de bacia e mora e confraternização

**Quadro 2. Relação dos encontros denominados *Fiò*/*Fiò* em Colombo (2006-2022)**

Fonte: Gabardo (2022).

Percebemos que foram 13 eventos, todos em bairros com grande presença de descendentes de italianos: 5, na Serrinha; 1, no São João; 1, no Capivari; 5, no centro e 1 no Sapopema. Além da língua, o elemento que esteve presente em todas as edições do *fiò* ou *filò*, foi a confraternização com comidas e bebidas, forma de fazer referência à sociabilidade que este evento proporciona aos participantes.

Com relação ao nome, assim como no caso da *Santa Messa in Talian*, percebemos mudanças no decorrer das edições. No primeiro evento, “*Filó* (Passeio à noite) e Cantarola” foi uma forma adotada pelos organizadores da *Settimana Italiana* para situar os possíveis participantes e dar o tom do que seria o encontro. A partir da segunda edição, temos a adoção do nome Noite do *Filò* em 5 eventos.

Em 2011, um grupo de jovens vênéticos participou do *Filò*. Chamamos a atenção, que apenas nesta edição, houve a utilização da letra “*l*” para representar a lenição da consoante “*l*” como é característico do Talian em Colombo. Por esta ser uma grafia utilizada na Região do Vêneto, acreditamos que foi uma forma de fazer relação com a visita dos jovens provindos desta localidade italiana que participavam no momento da festa.

Mesmo com esta característica de supressão bem evidente, é apenas no evento de 2015, após a não realização do evento na 8ª edição da *Settimana*, que se passa a utilizar o nome *Fiò*, como é (re) conhecido pelos falantes na cidade.

Além da participação de falantes e simpatizantes da cultura, em pelo menos duas edições, alunos do Curso de Formação de Docentes (antigo magistério) do Colégio Estadual Presidente Abraham Lincoln estiveram no evento. Esta foi uma das formas encontradas pelos organizadores para proporcionar um momento de sensibilização e conscientização sobre a importância do Talian como patrimônio imaterial de Colombo e incentivá-los a serem multiplicadores desses conhecimentos genuínos da cultura local.

Por fim, entendemos que “[...] a invenção das tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição de repetição” (Hobsbawm, 2020, p. 11). Nesse sentido, o *Fiò*, mesmo com suas constantes ressignificações dentro da programação da *Settimana Italiana*, constitui-se sobretudo como um espaço de (re) encontro com o Talian.



### 3.4 Outras iniciativas em prol do Talian

Além das missas e dos encontros do *fiò*, percebemos que diversas outras iniciativas também valorizaram o Talian em Colombo. Durante a programação da *Settimana Italiana*, de 2006 a 2016, e também em algumas edições da Festa da Uva, foram realizados os jogos de mora, mobilizando muitos falantes dessa língua, que o praticavam desde a infância. A mora consiste em um jogo de adivinhação da soma dos dedos apresentados sobre uma mesa por 2 jogadores simultaneamente, os quais batem a mão dizendo esse resultado em Talian. É uma tradição trazida pelos imigrantes vênéticos que se estabeleceram na cidade.

No ano de 2007, foi criado o Museu Municipal Cristóforo Colombo, uma réplica da antiga *Società Italiana* de mesmo nome, fundada no início do século XX. Dentre as muitas peças que retratam a história dos povos formadores de Colombo, cerca de 500 delas são doações oriundas de descendentes de italianos e seus nomes são grafados em Talian, uma forma encontrada de também fazer deste espaço um lugar de memória da língua.



Figura 12. Objeto com a identificação em Talian – Museu Municipal Cristóforo Colombo

Fonte: Acervo do Museu Municipal Cristóforo Colombo.

Neste local, e também na então sede da Associação Italiana, foram realizadas 8 turmas do Curso de Talian, entre os anos de 2008 e 2012, com a participação de cerca de 60 alunos. Redes de TV e jornais de Curitiba fizeram registros dessas iniciativas, abordando principalmente a importância de preservação dessa língua.

Entre os anos de 2009 e 2012, foram realizadas ainda outras iniciativas. A peça teatral “Gigio e Marieta in Mèrica”, em 2009, foi apresentada no IV Feteco (Festival de Teatro de Colombo), evidenciando a língua e as canções folclóricas. Em 2010, outra peça teatral foi encenada, no Colégio Passionista Rosário, no centro da cidade, por uma companhia de teatro da província de Belluno (Itália), que estava em tournée pelo Brasil. No mesmo ano, a exibição do documentário “Eco das Montanhas” também foi uma iniciativa de sensibilização da comunidade sobre a valorização das línguas minoritárias. E, em 2012, a Associazione Veneti nel Mondo-Colombo lançou a única edição do jornal *Bronse Squerte*, informativo bilíngue (Português-Vêneto), uma das poucas tentativas de escrita próxima à Região do Vêneto.

Cabe ainda ressaltar que, desde 2005, as associações vêm realizando entrevistas gravadas com falantes do Talian em Colombo, que compõem um acervo não só de material histórico, mas também linguístico, que permitiu a idealização de outros projetos para salvaguarda dessa língua.

Na monografia “A (re)descoberta da italianidade: o papel das associações étnicas culturais na cidade de Colombo/PR”, Lopes (2012, p. 56) afirma que o papel dessas instituições é “criar um espaço de sociabilidade entre descendentes, que vão até ela para compartilhar memórias e estreitar laços entre seus pares. Não é a associação que cria a italianidade, mas é através dela que o sentimento de pertencimento é reafirmado”.

### **3.5 Talian: referência cultural brasileira**

Fazendo uma análise em âmbito nacional, percebemos que a partir dos anos 2000, o Talian começou a ser valorizado e visto sob uma nova perspectiva. Sant’Anna (2009) lembra que a criação do Decreto 3.551/2000 instituiu o registro do patrimônio imaterial

no Brasil como uma forma de reconhecer e valorizar as diversas manifestações e expressões culturais no país. Já em março de 2001, conforme aponta Cardoso (2010), surge a primeira solicitação de registro de uma língua, o Talian, feita por uma associação de radio-difusores do Rio Grande do Sul (atual Assodita), que na ocasião foi indeferida, por exigir um estudo mais detalhado de natureza antropológica e linguística e pelos Livros de Registro não contemplarem a língua como categoria patrimonial.

Nesse sentido, depois de alguns anos de discussão de grupos de trabalho de patrimônio imaterial, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) se interessou em apoiar a realização de um inventário, cujo projeto-piloto do “Inventário Nacional da Diversidade Linguística” (INDL), conduzido pela Universidade de Caxias, teve o Talian como seu protagonista. O estudo contemplou as comunidades de falantes desta língua nos 3 estados do Sul e no Espírito Santo. Dele também participou Colombo, por meio de contato direto de membros das associações culturais italianas da cidade com as responsáveis pela iniciativa. A pesquisa, realizada em 4 escolas com Ensino Médio (terceiros anos), coletou 215 questionários que mediram a transmissão intergeracional do Talian em Colombo. O percentual chegou a 28% entre pais e filhos<sup>46</sup>.

Em novembro de 2014, o Iphan declarou o Talian como Referência Cultural Brasileira, a partir do artigo 3º do Decreto nº 7.387/2010. Tanto antes, quanto depois desse reconhecimento, várias cidades do Rio Grande do Sul e algumas de Santa Catarina tornam essa língua cooficial. Conforme apontam Cunha e Gabardo (2020, p. 846),

Em 10 de junho de 2009, com a Lei n. 13.178, o governo do Rio Grande do Sul, declara o Talian integrante do Patrimônio Histórico e Cultural do Estado. Seguindo a mesma linha, no mesmo estado, o município de Serafina Corrêa, em 13 de novembro do mesmo ano, reconhece o Talian como língua cooficial com a Lei n. 2.615.

---

46. Para mais informações sobre o levantamento feito em Colombo, consultar o Relatório final do Projeto - Piloto “Inventário do Talian” disponível em: <https://bit.ly/3SzYS61>. Acesso em: 03 fev. 2023.

Além de Serafina Corrêa, outras cidades gaúchas também aderiram à cooficialização: em 2015, Flores da Cunha, Nova Roma do Sul e Paraí; em 2016, Antônio Prado, Bento Gonçalves, Fagundes Varela e Guabiju; em 2017, Camargo e Caxias do Sul; em 2018, Ivorá; em 2019, Pinto Bandeira; em 2020, Nova Pádua; em 2021, Barão; e em 2022, Casca e Vila Flores. Já no estado de Santa Catarina, a cooficialização ocorreu em duas cidades: Nova Erechim, em 2015, e Ipumirim, em 2020<sup>47</sup>.

Com relação ao título de Capital do Talian, temos, em 2015, o reconhecimento de Serafina Corrêa/RS como capital nacional. Já em 2019, Nova Erechim/SC se tornou a Capital catarinense do Talian e Colombo, em novembro de 2021, por meio da Lei estadual 20.757, foi reconhecida como a Capital do Talian no Paraná.

### **3.6 Centro de Estudos Vênetos no Paraná e a Língua de herança**

Em 2018, graças à iniciativa da superintendência do IPHAN no Paraná, aos membros das associações italianas de Colombo e às professoras da Universidade do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro) e da Universidade Federal do Paraná, surge o Centro de Estudos Vênetos no Paraná. Trata-se de

Um grupo de pesquisadores de diferentes áreas, membros das comunidades italianas de Campo Largo, Colombo, Curitiba e instituições culturais, com o objetivo de resguardar, descrever e analisar esta língua com base, sobretudo, nas teorias sociolinguísticas. O Grupo está registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisas no Brasil do CNPq. (Cunha; Gabardo, 2020, p. 842)

Fazem parte deste grupo pesquisadores e alunos de diferentes áreas (Linguística, História, Arquitetura, Educação, Comunicação,

---

47. Dados disponíveis no site do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (Ipol). Lista de línguas cooficiais em municípios brasileiros. Disponível em: <http://bit.ly/3Y2y9QF>. Acesso em: 03 fev. 2023.

Antropologia, Design e Direito), assim como membros da comunidade italiana de Curitiba e Região Metropolitana, além das associações Italiana Padre Alberto Casavecchia e Veneti nel Mondo – Colombo e o Museu Municipal Cristóforo Colombo.

A partir das discussões realizadas por estes pesquisadores, foi adotado o conceito de língua de herança, cunhado por Ortale (2016, p. 27):

Língua de herança é a língua com a qual uma pessoa possui identificação cultural e sentimento de pertencimento a determinada comunidade que a usa, seja por laços ancestrais, seja por convivência no mesmo ambiente sociocultural com falantes dessa língua.

Com base nesse conceito, uma sequência de entrevistas sociolinguísticas foi realizada entre os anos de 2019 e 2020, somando 36 com falantes do Talian em Colombo. Este material vem servindo de suporte para análises acadêmicas e produção de materiais para salvaguarda da língua.

Entre agosto de 2020 e agosto de 2021, foram gravados mais de 20 vídeos com crianças, concentrando uma maior quantidade de produções com duas de Colombo (Bernardo e Maria Clara). A ideia de utilizar crianças como protagonistas foi propor algo além do estereótipo de criança vestida como “colono” e assim ressignificar também a língua para as novas gerações, com uma linguagem mais próxima da realidade tecnológica deles. Os assuntos foram diversos: números, dias da semana, cumprimentos, palavras populares na Internet, tempo, parlendas, oração, vídeo de sensibilização (Talian Língua de Herança), dias das línguas locais, talian *versus* italiano, risoto de Colombo e história da imigração italiana em Colombo.

Além do canal no Youtube que concentra esse material, os vídeos também foram veiculados no Facebook, na página “Talian – Língua e Cultura”, que conta ainda com um perfil no Instagram, e um grupo no WhatsApp, “Comunidade Talian PR”. Nessas redes sociais também foram inseridos posts relacionados à língua, buscando uma interação mais próxima com os falantes.

Em 2020, o CEVEP, a partir das associações culturais de Colombo, organizou e promoveu a divulgação do “XXIV Incontro dei Difusori del Talian”, a primeira versão virtual do evento, dadas as condições de isolamento social impostas pela pandemia.

### **3.7 Produções recentes do Talian em Colombo**

Durante a pandemia, a Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia participou de editais de fomento à cultura promovidos pelo Departamento de Cultura de Colombo, por meio da Lei Federal nº 14.017/2020 (Lei Aldir Blanc).

A primeira produção entregue foi a história em quadrinhos (HQ), intitulada “Bernardo e Maria Clara em: A máquina do tempo”<sup>48</sup>. A ideia foi introduzir, para crianças de 8 a 10 anos, o papel delas como protagonistas na salvaguarda e manutenção da cultura, além de valorizar a história da cidade. Com distribuição gratuita nas escolas, a iniciativa buscou realizar esta sensibilização, utilizando-se do mundo dos heróis e da máquina do tempo como meio na busca de respostas para as perguntas que eles têm sobre o passado. Para isso, houve a valorização de dispositivos como um baú de fotos. Como bem pontua Kossoy (2014, p. 84): “[...] a imagem fotográfica é um meio de conhecimento pelo qual visualizamos microcenários do passado; contudo, ela não reúne em si o conhecimento do passado”. Para preencher esta lacuna, entram as memórias de uma senhora, a Nona Dete. As crianças descobrem o que é o Talian e quais foram os motivos para ela não falar mais essa língua.

---

48. Material disponível em: <http://bit.ly/3IEZP8u>. Acesso em: 03 fev. 2023..



Figura 13. Imagem interna da HQ - A máquina do Tempo

Fonte: Acervo Iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Esta história em quadrinhos, protagonizada por Bernardo e Maria Clara, duas crianças de Colombo, descendentes de famílias italianas, serviu como base para um livro de vivências culturais, com o intuito de sensibilização histórica e linguística de crianças com a mesma faixa etária (de 8 a 10 anos). Nasceu assim “As curiosas palavras de Nona Dete”<sup>49</sup>, livro inspirado em um primeiro compêndio apresentado por alunos do Colégio Cenecista João Batista Lovato Sobrinho, no Seminário Regional da *Prima Settimana Italiana di Colombo*, em 2006.

49. Material disponível em: <http://bit.ly/3IEZP8u>. Acesso em: 03 fev. 2023..

“As curiosas palavras de Nona Dete” apresenta, de forma contextualizada, divertida e lúdica, o léxico do Talian inerente à família, à alimentação, ao trabalho, à escola e ao lazer. A personagem principal é Nona Dete, uma vovó adepta às tecnologias, mas que não esquece das histórias e tradições de família e a sua língua de herança. Com seu entusiasmo ela conduz as crianças, Bernardo e Maria Clara, pelo seu universo histórico e vocabular. A narrativa é composta não só de textos, mas permeada por um jogo de tabuleiro sobre a imigração italiana no Paraná, palavras cruzadas, um *story cubes*, super trunfo animal, uma amarelinha, a mora e um jogo de mensagens secretas. Esse último jogo conta para as crianças como foi o período de repressão às línguas estrangeiras no Brasil durante o período Vargas. O livro possui conteúdo interdisciplinar e pode ser utilizado como leitura independente a partir dos 8/9 anos ou como leitura compartilhada para todas as idades.



Figura 14. Capa do livro de vivências culturais “As curiosas palavras de Nona Dete”  
Fonte: Acervo Iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

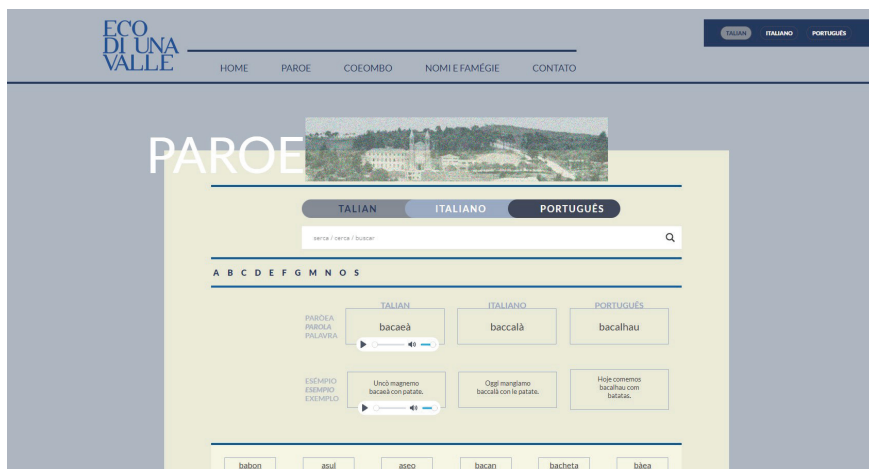


No final de 2021, nasceu o projeto “Eco di una valle” com o objetivo de criar um vocabulário online do Talian falado em Colombo. Trata-se, inicialmente, de 500 palavras com áudio gravado diretamente com os descendentes de vênetsos residentes na cidade. É a primeira fase de um projeto mais amplo de mapeamento e salvaguarda dessa língua em Colombo, cujas variantes não se encontram incluídas nos dicionários impressos do Talian já produzidos no Brasil. Alguns exemplos presentes no site serão objeto de análise no próximo capítulo, no qual entenderemos as particularidades, em Colombo, dessa língua de herança. Considerando que a grande maioria dos descendentes de vênetsos residentes nessa cidade tem suas raízes no Valbrenta, o nome faz alusão ao eco, do outro lado do Atlântico, deste vale. A escolha do nome foi inspirada no dicionário impresso “Voci di una Valle - Contributo per un dizionario dialettale della Valbrenta”, organizado por Giuseppe Gheno com o auxílio de Eugenio Campana, Claudio Ferrazzi, Alessandro Gheno, Sergio Gnesotto, Enrico Vanin, Pietro Vanin e Gianpaolo Zanella, publicado por Attilio Fraccaro Editore, em 2016.

O site “Eco di una Valle”<sup>50</sup> é um vocabulário trilingue (Talian-Português-Italiano) e traz ainda seções que abordam a história de Colombo, além de nomes de famílias e fotos dos imigrantes oriundos daquela localidade italiana.

---

50. <http://bit.ly/3ItW8mc>. Acesso em: 03 fev. 2023.



**Figura 15. Site Eco di una Valle**

Fonte: Site Eco di una Valle. Disponível em <http://bit.ly/3ItW8mc>. Acesso em: 03 fev. 2023.

Ainda com recursos provenientes da Lei Aldir Blanc, foi publicada a coletânea de dez contos que retratam a infância de uma descendente de vênets. “Mi me racordo”<sup>51</sup> é um livro de contos, uma obra bilíngue (Talian e Português) e a primeira literatura dessa língua de herança na cidade. Além de escritas em Talian, as histórias também são acompanhadas da narração feita pela própria autora, disponíveis por meio de QR Code que direciona o leitor para o Youtube.

51. Material disponível em: <https://bit.ly/3IEZP8u>. Acesso em: 03 fev. 2023.



Figura 16. Capa do livro “Mi me Racordo”

Fonte: Acervo Iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Em suma, percebemos que essas iniciativas voltadas ao Talian, ocorridas nas duas últimas décadas, surgiram com o intuito de sensibilizar os falantes dessa língua e a comunidade em geral sobre a importância de se manter esse patrimônio imaterial. Esse legado, deixado pelos imigrantes vênéticos e seus descendentes, tem diversas peculiaridades em comparação com outras variantes faladas no Brasil e que, como já apontamos anteriormente, não foram contempladas em dicionários impressos do Talian. No próximo capítulo, passamos a apresentar essas diferenças e as suas possíveis origens, dada a particular constituição das colônias italianas em Colombo.



## 4. O TALIAN DE E EM COLOMBO

Um povo [...] Torna-se pobre e escravo quando as palavras da sua língua não criam mais palavras e elas destroem umas às outras. Eu percebo isso agora enquanto afino o violão do dialeto que perde uma corda a cada dia. (Ignazio Buttitta. Tradução nossa)<sup>52</sup>

De acordo com o que apresentamos no primeiro capítulo desta obra, a emancipação política de Colombo se deu principalmente a partir das colônias italianas Alfredo Chaves, Antonio Prado, Colônia Faria e Eufrásio Correia. Estas quatro colônias, que hoje representam um contingente populacional significativo de descendentes de italianos na cidade, correspondem aos bairros de Colombo: Boicininga, Butiatumirim, Centro, Colônia Faria, São João e outras localidades (Águas Fervidas, Bacaetava, Campestre, Capivari, Colônia Antônio Prado, Imbuial, Itajacuru, Morro Grande, Poço Negro, Ribeirão das Onças, Roseira, Santa Gema, Sapopema, Serrinha e Uvaranal) que se encontram ilustradas na Figura 19, Mapa das regiões de Colombo.

Com base nos dados oficiais do último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, sabe-se que estes bairros contam com 14.789 habitantes.

A partir da população destes bairros, no primeiro semestre de 2022, foi realizada uma pesquisa<sup>53</sup> a partir de uma amostra, utilizando como base a estimativa da proporção populacional, metodologia estatística muito empregada em pesquisas eleitorais ou de opinião. Para essa pesquisa, considerou-se um nível de confiança de 90%, com uma margem de erro de 5% para mais ou para menos. É importante destacar que esse método utilizado com base na pesquisa estatística para a determinação de um número de falantes ou conhecedores de

---

52. Un populu [...] Diventa poviru e servu/ quannu i paroli non figghianu paroli/e si mancianu tra d'iddi./ Mi nn'addugnu ora,/mentri accordu la chitarra du dialettu/ca perdi na corda lu jornu.

53. Trata-se da mesma pesquisa apontada na nota número 3.

uma língua, é ainda pouco explorado por pesquisadores acadêmicos da área da linguística e, sobretudo, para assuntos relacionados à questão de línguas minoritárias ou minorizadas e os seus falantes.

Uma das informações que a pesquisa conseguiu inferir é que, nos bairros já citados de Colombo, entre 74,8% e 84,4% dos habitantes têm alguma ascendência italiana. Esses dados confirmam a hipótese do trabalho em selecionar estas localidades para a pesquisa e denominá-las de Bolsões de Cultura Italiana.



**Figura 17. Mapa da região de Colombo com os bairros das 4 colônias e as outras localidades**

Fonte: Autores.

O levantamento estatístico estimou que aproximadamente 9 mil pessoas da população dos bairros selecionados, têm algum grau de conhecimento do Talian. No comparativo com a população total da cidade, registrada no censo de 2010, isso representa cerca de 4,2%. Percebemos então que este percentual constitui uma minoria linguística que tem o direito e dever de ser salvaguardada. Isso é fundamental para a representatividade dessa cultura, independente de quantos integrantes a comunidade tenha hoje, já que percebemos uma relevante característica de identificação da população quantificada com a cultura dos imigrantes italianos que se estabeleceram em Colombo. Mapear e difundir a língua dessa população é afinar as cordas que ainda restam no violão do Talian.

#### 4.1 A denominação de uma língua

O termo glossônimo ou glotônimo é utilizado para fazer referência ao nome que se atribui às línguas, sendo que o primeiro elemento grego do termo “gloss-/glot-” significa língua e o segundo “-ônimo” exprime a ideia de designação de nome, ou seja, o nome de uma língua como acontece com a palavra sinônimo onde “sin-” seria igual/mesmo resultando em “mesmo nome”: sinônimo.

Quando analisamos os glossônimos, ou os nomes dados às línguas, percebemos que algumas refletem o nome do lugar onde são faladas como por exemplo a língua italiana para o país Itália. Bagno (2020), em “Conversas sobre a língua – Temporada 1”<sup>54</sup> aborda a reflexão sobre como a cultura europeia e o resto do mundo denominam as línguas faladas em seus territórios e, em relação à forma de nomear as línguas da Europa. O pesquisador diz que:

O nome das línguas está sempre vinculado a territórios específicos, mesmo quando se trata de modos de falar de um território que não constitui um estado independente elas recebem nomes dos lugares. As línguas nacionais oficiais da França, Itália, Alemanha, Espanha e Portugal se chamam francês,

---

54. Live transmitida pelo youtube no dia 24 de julho de 2020 e disponível em: <http://bit.ly/3SCdGRy>. Acesso em: 03 fev. 2023. Canal youtube Parábola Editorial, @parabolaed.

italiano, alemão, espanhol e português e existem também as línguas chamadas Galego, Catalão, Occitano Bretão, Alsaçiano, Piemontês e Napolitano que recebem esses nomes dos territórios onde são faladas apesar dos territórios não serem nações. O nome da língua está vinculado ao nome do território onde são faladas. Nos continentes colonizados, por exemplo América e África, os colonizadores deram para os povos colonizados os nomes das línguas das potências colonizadoras.

Decorrente dessa afirmação, percebemos que em muitos casos existem nomes iguais para modos de falar diferentes como é o caso do espanhol, se analisarmos a vasta região de ocorrência dessa língua nas Américas, ou do português falado em 4 continentes. Somos conscientes da existência de variantes dessas línguas, porém, a denominação que elas recebem é sempre a mesma: espanhol e português.

Nesta obra utilizamos outras denominações para falar do Talian como por exemplo “língua de herança” e “língua de imigração”. Os falantes do Talian nem sempre se referem a ele com essa denominação e isso acontece não somente em Colombo, mas no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Espírito Santo, no oeste do Paraná e em outros lugares em que essa língua, ou melhor, as variantes dessa língua, são faladas. Na pesquisa estatística citada no começo deste capítulo, havia uma questão para que os entrevistados dissessem como chamam a língua que falavam/conheciam e constatamos os seguintes nomes: dialeto, dialeto italiano, dialeto vêneto, italiano, italiano de Colombo, italiano puro, taliano, talian, vêneto e vêneto brasileiro. Essa variedade de denominações é uma característica de línguas não nacionais em que os falantes não possuem uma maneira unívoca para denominá-las, pois para eles o importante é a comunicação na língua que elegem para se comunicar e não o nome que ela recebe deles ou de outras pessoas.

A preocupação em denominar uma língua é de quem se dedica ao seu estudo e não dos falantes dela, tanto é que em alguns casos, nas entrevistas realizadas no mapeamento, surgiram para a pergunta “como se chama essa língua”, as respostas: “não sei” e “língua dos *nonos*”, além das denominações já mencionadas no parágrafo anterior.



No item 2.4 do Capítulo 2, “A Festa da Uva e a ‘projeção’ de uma italianidade”, verificamos que os cartazes representados na Figura 8 – Programação da 41ª e 42ª Festa da Uva apontam duas indicações para o nome da língua Talian: o primeiro traz na sua programação “Missa campal em dialeto italiano”, já o segundo, “Missa em dialeto vêneto”. O mesmo se repete no Capítulo 3 ao analisarmos o Quadro 1 – Relação das missas em Talian realizadas em Colombo (2006-2022) onde ora é escrito *Santa Messa in Talian*, ora *Santa Messa in Veneto* e no Quadro 2 – Relação dos encontros denominados *Filò/Fiò* em Colombo (2006-2022) onde a palavra *filó* aparece com a supressão da letra ‘l’ e ora com acento grave (*filò/fiò*) ora com o acento agudo (*filó/fiό*). Essa alternância de grafia justifica-se mais uma vez por a língua em questão não ser nacional e no período em que foram escritos os exemplos aqui analisados não existir uma preocupação em sua padronização para difundir-la, somente em utilizá-la.

Nós, enquanto pesquisadores, por uma questão normativa e política (já referida), tomamos a decisão de chamar essa língua de Talian, pois é assim que ela consta no site do Ipol (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística) e aparece definida no site do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional), o qual a reconheceu como Referência Cultural Brasileira, em 2014.

Luzzatto, de forma anedótica, conta o momento em que o termo Talian passou a ser usado no Rio Grande do Sul, no fim da década de setenta do século passado:

Em 1978 encontrei-me em Porto Alegre com os maiores expoentes dessa língua vernacular: o frade franciscano Rovílio Costa, o arquiteto Júlio Posenato e eu. Estávamos tentando padronizar a ortografia. A pronúncia e as palavras são diferentes, por exemplo, de um de Bérgamo para um de Belluno, mas no momento da escrita você tem que escrever da mesma maneira. E nos perguntamos: que nome vamos colocar nessa língua? Rovílio disse Vêneto Riograndense, eu fiquei do lado do Vêneto brasileiro. Posenato preferia Talian. Decidimos que três meses depois teríamos uma nova reunião especificamente para o nome a ser dado à nossa língua. [...] Eu estava esperando na porta da prefeitura porque eu tinha chegado

mais cedo. Havia apenas uma velhinha comigo. E então eu perguntei a ela: você me entende se eu falo com você em Veneto? Não querido, perdoe-me: talvez se me fale em talian. [...] Imediatamente telefonei para o Júlio e disse-lhe que tinha toda a razão: que era o Talian! E assim foi. (Tradução nossa)<sup>55</sup>

Pelo relato de Luzzatto constatamos que as palavras de Bagno (2019) corroboram a narrativa quando afirmam que “dar um nome a um modo de falar, rotulá-lo de língua, não é inocente [...], não há nada de natural no processo de nomear uma língua, inclusive a atribuição de rótulo de língua a um modo de falar já é um ato político”. Logicamente a nossa referência de “dar nome” não é em relação ao falante, detentor da língua, mas em relação a quem estuda, discute e verifica a normatização dela.

Ainda sobre as denominações da língua Talian, indicamos que alguns imigrantes a denominam dialeto, muito provavelmente por terem ouvido em algum momento alguém dizer que a língua que falam é um “dialeto italiano”.

É importante explicitar que o termo dialeto, do ponto de vista da cultura italiana, significa uma língua e não uma variedade regional de uma língua como é conhecido e empregado no Brasil. O traço semântico que as duas culturas, brasileira e italiana, comutam para esse termo é apenas a avaliação negativa, de inferioridade, em relação à língua nacional que o termo, muitas vezes, carrega.

---

55. Nel 1978 mi ero riunito a Porto Alegre con i massimi esponenti di questa lingua vernacola: il frate francescano Rovílio Costa, l'architetto Júlio Posenato ed io. Cercavamo di uniformare la grafia. La pronuncia e le parole sono differenti, per esempio, da un bergamasco a un bellunese, ma nel momento di scrivere si deve scrivere alla stessa maniera. E ci chiedemmo: che nome metteremo a questa lingua? Rovílio diceva Veneto Riograndense, io parteggiavo per Veneto Brasiliano. Posenato preferiva Talian. Decidemmo che tre mesi dopo avremmo fatto una nuova riunione espressamente per il nome da dare alla nostra lingua. [...] Aspettavo sulla porta del comune perché ero arrivato prima. C'era solo una vecchietta con me. E allora le chiesi: *nona, me capiu se ve parlo in Veneto? No caro, perdoname: forse se me parli in Talian.* [...] Ho telefonato subito a Júlio e gli ho detto che aveva proprio ragione: che era Talian! E così è stato”. Darcy Luzzatto: uma vita per la difesa del “Talian”, il veneto brasiliano disponível em: <https://bit.ly/3kAo9AC>, acesso em: 10 fev. 2023.

Dessa forma, muitos imigrantes quando dizem “dialeto”, esse já traz uma carga intrínseca de inferioridade, vergonha e desprestígio social. Nós, sempre que nos referirmos ao termo dialeto, o consideraremos do ponto de vista italiano, ou seja, uma língua com gramática e léxico próprios como uma língua nacional e não atribuímos valor social. Para tanto, citamos aqui a explicação de Gianna Marcato (2012, p. 17) para entendermos como o termo se construiu na língua italiana:

A palavra *dialeto*, entrada na nossa língua como palavra erudita, deriva pelo lat. DIALECTOS o DIALECTUS, pelo grego *diàlectos*: é a forma que se relaciona ao verbo *dialegomai* ‘falar’, e é então etimologicamente equivalente a ‘fala’, ‘conversação’, ‘colóquio’ (em italiano, pela mesma base, deriva, por exemplo, a palavra diálogo). Tradução nossa.<sup>56</sup>

Na Grécia antiga a palavra dialeto era utilizada para expressar as variedades de língua helênica e, dessa forma, percebemos que a acepção no Brasil compartilha os mesmos traços semânticos com aquela inicial grega.

Na Itália, o conceito de língua aparece com os humanistas no fim do século XV e logo em seguida há a relação ao conceito de dialeto. Até então, para referir-se à língua eram utilizados os vocábulos de origem latina como *vulgar* (língua do povo, do *vulgus*, popular), *sermus* e idioma.

Dante escreveu a obra em latim *De vulgari eloquentia*, provavelmente no início do século XIV, e nela, estudando os vernáculos falados na sua época em diferentes regiões da península, partindo dos alpes à Sicília, elencou 14 famílias de línguas, que chamou de vulgares. Esses vulgares passaram a ser denominados dialetos na segunda metade do século XVI com a eclosão da “questão da língua”<sup>57</sup>[6].

---

56. La parola *dialeto*, entrata nella nostra lingua come voce dotta deriva tramite il lat. DIALECTOS o DIALECTUS, dal greco *diàlectos*: è a forma che si collega al verbo *dialegomai* ‘parlare’, ed è quindi etimologicamente equivalente a ‘parlata’, ‘conversazione’, ‘colloquio’ (in italiano, dalla stessa base, deriva, ad esempio, *dialogo*).

57. A expressão “questão da língua” surgiu no âmbito literário e é usada para indicar o período em que existiu uma disputa para indicar o modelo linguístico a ser adotado na península italiana em meio aos vulgares existentes e a gradativa decadência da língua latina.

Segundo Carla Marcató (2007), a atestação do termo dialeto apresenta-se na língua italiana em 1546 com o escritor e lexicógrafo Niccolò Liburnio e após, em 1588, com Leonardo Salviati, principal fundador da *Accademia della Crusca*.

A propósito da “questão da língua”, o vulgar que obteve sucesso foi o florentino. Desde então os outros vulgares passaram, gradativamente, a serem chamados de dialetos e essa relação entre o florentino, vulgar hegemônico, modelo de língua literária, e os outros vulgares (dialeto) fez com que esses últimos perdessem cada vez mais prestígio social e político em detrimento da língua de Florença, na época, berço da renascença, mas nunca deixando de ser línguas, do ponto de vista da estrutura. E já que estamos tratando de dar nomes às línguas a língua italiana recebeu esse nome mesmo tendo o berço do seu nascimento Florença, pois precisou, depois da unificação da Itália, representar uma nação e, como nos disse Bagno (2020), a tradição europeia é que as línguas façam referências aos estados nações. Aos dialetos, também considerados língua, mas sem prestígio nacional, se aplica a mesma regra tanto é que uma das denominações do Talian é dialeto Vêneto pois faz referência à região do Vêneto, a qual mais mandou migrantes para a atual cidade de Colombo, nosso objeto de estudo.

## **4.2 As línguas variam no espaço e mudam com o tempo**

Em seu *Dicionário Crítico de Sociolinguística*, Bagno (2019, p. 470), nos aponta que o princípio da linguística variacionista é que “toda língua muda e varia, ou seja, muda com o passar do tempo e varia no espaço (geográfico e/ou social)”. Para o Talian não poderia ser diferente pois ele é uma língua e percebemos essa variação, “uma forma diferente de dizer a mesma coisa” quando analisamos espaços geográficos diversos onde a língua é falada. Essas variações são provocadas por vários fatores como o contato linguístico do Talian com outras línguas autóctones, no nosso caso, o português brasileiro e com outras línguas de migração e mesmo a língua italiana na sua forma padrão/standard. Aprofundaremos essa questão no item 4.3 – A formação do Talian de Colombo, quando abordaremos a questão dos estratos na composição do Talian.

É importante ressaltarmos que a mudança linguística não é uma deterioração da mesma, mas uma prova da sua vitalidade e sobretudo de que ela é ainda falada e por isso muda o que é intrínseco a qualquer língua.

#### 4.2.1 *Os contatos linguísticos e culturais*

Se pouco tempo depois de se estabelecerem em Colombo, no ano de 1882, conforme nos aponta Ferrarini (1992), já havia interesse dos imigrantes e de seus filhos a aprenderem o português, Oswaldo Ceccon, em sua obra *Quarteirão dos Veados*, revela que, na década de 1920, nesta localidade de Colombo, essa ainda não era uma língua de domínio dos descendentes de italianos: “as crianças da região falavam, em suas casas, um dialeto trazido da Itália pelos seus pais e avós. Na escola a professora ensinava e falava o português, não permitindo o uso daquele dialeto” [...] (Ceccon, 1987, p. 20).

Percebemos que por mais que o português fosse a língua utilizada fora de casa, as crianças possivelmente tinham como primeira língua aquela falada pelos seus pais e *nonos*: o(s) dialeto(s) vêneto(s). Nas duas primeiras décadas do século XX, parte da infância colombense também estava exposta à língua italiana ensinada na Escola/Colégio Santo Antonio.

Como vimos no segundo capítulo, o esmaecimento dessa língua de herança não foi um processo abrupto, mas gradativo, no qual a língua portuguesa foi assumindo um papel cada vez mais presente e significativo na vida destes sujeitos.

Fantin (1989) nos mostra que, no final dos anos de 1980, ao entrevistar descendentes de italianos de terceira e quarta gerações, a ideia do que seria a Itália e mesmo a língua eram algo distante dos interesses para as gerações mais jovens. Em contrapartida, para adultos de segunda geração (netos), a percepção era diferente. Assim diz o relato de João, trazido por Fantin (1989, p. 18), “[...] a gente faz questão de manter as tradições. Falar a língua mesmo o dialeto, que é lindo também, comer polenta, raditi, o bom vinho, essas coisas. Eu gosto de saber sobre a Itália, eu conto para meus filhos das regiões da Itália, dos dialetos...”.

Entretanto, não eram todos dessa geração de netos, e até mesmo filhos de imigrantes que sabiam essa língua de herança. Dona Maria revela: “Meus pais nunca falaram italiano, não aprenderam. E eu também nunca falei. Meus avós conversavam italiano bastante, eles tinham saudade da Itália...” (Fantin, 1989, p. 18).

Naquela época, a visão que os moradores do centro de Colombo tinham é que aqueles da área rural “conservavam muito mais que estes as tradições italianas (falar em italiano, cantar músicas italianas em festas, ter cardápio típico, ser extremamente rígido na educação dos filhos, etc.)” (Fantin, 1989, p. 2).

Nisso constatamos que as transformações pelas quais a sociedade colombense foi passando no decorrer de mais de um século de imigração impactaram diretamente na (des)continuidade da cultura e da língua dos imigrantes. O contato linguístico, como Weinreich aponta (2008, p. 9)<sup>58</sup> “considerado por alguns antropólogos como somente uma entre as várias formas de contato cultural, e a interferência como um aspecto da difusão cultural e de aculturação” ajudam a identificar os traços da italianidade na cidade de Colombo.

Se falamos da mudança da importância da língua no passar dos anos, o que dizer da sua própria variação enquanto língua?

Retomando o que trouxemos no Capítulo 1, temos informações que revelam a origem dos imigrantes que se estabeleceram em Colombo. Sabemos que isso não pode ser tomado como critérios para inferir o percentual de constituição da língua que temos hoje, porém serve de parâmetro para inferirmos as suas origens e entendermos os porquês de determinadas variantes serem tão particulares do falar Talian dos colombenses. Ampliamos essa discussão no próximo item deste capítulo.

### 4.3 A formação do Talian de Colombo

No Capítulo 1 fizemos um esboço do mosaico da formação de Colombo levando em consideração a zona de proveniência das primeiras famílias que aqui chegaram. Esses locais encontram-se ilus-

---

58. Original: “considerato da alcuni antropologi come solo una tra le varie forme del contatto culturale , e l’interferenza linguistica come un aspetto della diffusione culturale e dell’acculturazione”.

trados na Tabela 1 – Colônias italianas em Colombo. Ao analisar a tabela, depreendemos que as cinco colônias apresentavam famílias vindas do Vêneto sendo que duas delas são compostas por famílias prevalentemente dessa região: Eufrázio Correia e Maria José.

A língua que as famílias imigrantes do norte da Itália trouxeram sofreram contatos linguísticos que favoreceram as mudanças dessas línguas. É importante lembrarmos que a Itália tinha sido unificada há pouco tempo, em 1861, e as famílias que se estabeleceram nas cinco colônias italianas de Colombo, de 1878 a 1888, partiram de uma região que tornou-se Itália somente em 1866, por ocasião da terceira guerra de independência. Essa guerra ocorreu quando o Reino de Itália, aliado ao Reino da Prússia (atualmente grande parte da Alemanha), declarou guerra ao Império Austríaco. Com o fim do conflito, a Itália teve anexada ao seu reino o Vêneto e Mântua, antes pertencentes ao Império Austríaco.

A língua italiana como a conhecemos hoje e naquela época língua nacional, era dominada por poucos e dificilmente por pessoas que trabalhavam no campo e que diante a necessidades viam-se obrigadas a emigrar para outro continente. Este dado é importante para ressaltar que os imigrantes trouxeram as suas línguas (dialetos) e não a língua que representava a nação e que poucos a sabiam, o italiano.

Quando falamos das quatorze famílias de vulgares identificadas por Dante, no começo do século XIV, essa situação perdura, pois há a existência de variedades linguísticas na Itália, o que nos faz saber que, mesmo uma população morando em uma região e falando aquele dialeto/língua ou a família daquele dialeto/língua, haverá sempre variação. Outro dado relevante é ter consciência de que em estudos sobre línguas, limite geográfico não significa limite linguístico.

A título de ilustração desse mosaico linguístico, dentro da família do dialeto vêneta encontramos subdivisões e classificações como a de Zamboni (1974) que elenca quatro grupos e dentro deles outras subclassificações:

- vêneta central: paduano, vicentino, polesano;
- vêneta do norte: trevisano, feltrino e belunês;
- vêneta peninsular e de terra firme: veneziano;
- vêneta ocidental: veronês.

Tendo clara essa situação linguística da Itália e sabendo que os imigrantes do norte vieram prevalentemente para o sul do Brasil, mas que mesmo tendo imigrado de uma macrorregião (nordeste, norte e noroeste) da Itália, as suas falas já traziam diferenças, esse fato nos ajuda a entender um dos motivos da variação linguística do Talian dentro do Brasil.

Voltando ao contato linguístico, quando o mencionamos não podemos não falar da teoria do substrato, descrita pela primeira vez pelo dialetólogo italiano, Graziadio Isaia Ascoli, quando observou a diversidade dos dialetos italianos.

Ao contato linguístico são inerentes os termos estrato, substrato, superstrato e adstrato. Explicamos a seguir esses conceitos baseados em Câmara Júnior (2011); Cardoso e Cunha (1978) e Bagno (2014):

- **estrato:** língua a ser analisada, objeto de estudo. A língua do povo 'conquistador' adotada pelo povo 'conquistado' quando esses existem.
- **substrato:** língua nativa, autóctone, do povo 'conquistado' que desaparece, mas influencia o estrato nos níveis fonológico e morfossintático com pouca contribuição lexical, quando essa ocorre é do ponto de vista dos topônimos.
- **superstrato:** língua alóctone, do povo 'conquistador'. Influência de outras línguas sobre a primitiva. Conjunto de elementos linguísticos trazidos por uma língua vinda do exterior que coexistiu algum tempo com a língua local.
- **adstrato:** língua que prevalece ao lado de outra como num bilinguismo, interferindo no estrato lexicalmente por meio de empréstimos. Língua que conviveu ou convive geralmente em pé de igualdade com a língua local. Língua do 'conquistador' que não adota a língua dos 'conquistados' nem impõe a sua; a contribuição ao estrato é basicamente lexical.

Exemplificamos, utilizando as figuras que seguem, os termos descritos tendo o português do Brasil como objeto de análise, ou seja, o estrato linguístico, e logo após os aplicamos ao Talian para elucidarmos a sua formação.



## ESTRATO PORTUGUÊS DO BRASIL

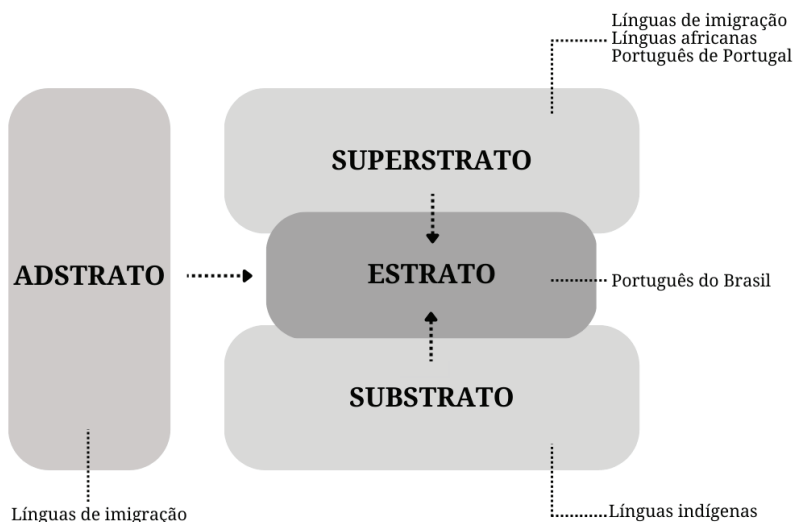


Figura 18. Português do Brasil como estrato linguístico

Fonte: Autores.

Partindo do **Português do Brasil** como **estrato** linguístico, temos como seu **substrato** as línguas indígenas existentes quando os portugueses aqui chegaram. A influência relacionada ao nível fonológico percebe-se em algumas regiões do Brasil onde é presente o “erre retroflexo” e que alguns linguistas defendem que é uma influência de algumas tribos indígenas. Já do ponto de vista lexical o que deixa muito evidente o substrato das línguas indígenas para o estrato do português brasileiro é a vasta lista de topônimos como por exemplo o nome da cidade Curitiba que na língua dos povos originários significa “muitos pinheiros”: Kuri (pinheiro) + tyba (muitos) e o nome do bairro de Colombo, antiga colônia italiana Alfredo Chaves, denominado atualmente Butiatumirim que, quanto ao significado, nos explica o professor Eduardo Navarro é a composição de butiá (palmeira ou o fruto dessa palmeira) + tyba (ajuntamento) + miri (pequeno) resultando em pequeno ajuntamento de butiás, pequeno butiazal.

Identificamos assim um traço do substrato (línguas dos povos originários) na formação de Colombo e por que não no Talian já que os habitantes deste local que falam essa língua ao se referirem ao bairro o chamam de Butiatumirim. Uma informação interessante e inerente ao assunto é que durante a Campanha de Nacionalização houve um movimento considerável para a mudança de topônimos que tinham como base antropônimos para outros topônimos que remetessem à *terra brasilis*. “Butiatumirim” por “Alfredo Chaves” ilustra essa ocorrência.

O **superstrato** é formado pelo português de Portugal (a língua do dominador), já com suas especificidades próprias de substrato, superstrato e adstrato; as línguas africanas e as línguas de imigração, exercendo essas duas últimas muita influência lexical sobre o estrato (português do Brasil).

Por fim, o **adstrato** que em algum momento foi formado também pelas línguas de imigração e as africanas que conviviam, não necessariamente em igualdade de uso – sobretudo em relação às línguas africanas – mas de existência. As línguas de imigração, antes da Campanha de Nacionalização de Vargas, ocupavam realmente um lugar de adstrato (ad> ao lado do estrato), atuando no estrato prevalentemente do ponto de vista lexical.

Partimos agora do **Talian** como língua a ser analisada, como **estrato** e verificamos inicialmente que, diferentemente do português, não há uma relação de povo dominado ou dominador, pois trata-se de uma língua de imigração e não de imposição.

O **substrato** é o português brasileiro já com as línguas indígenas incorporadas ou também, essas últimas, em forma de adstrato. O **superstrato** é composto pelos dialetos do norte da Itália os quais representam as línguas (dialetos) de todos os imigrantes dessa região que vieram para Colombo e o italiano padrão que, eventualmente, alguns deles falavam, em prevalência, os sacerdotes que atendiam esses imigrantes e seus descendentes. Como **adstrato**, o italiano padrão estará sempre presente, assim como outras línguas de imigração e também o português brasileiro que, neste caso, também exerce a função de adstrato já que as duas línguas eram utilizadas, por exemplo, pelas crianças que frequentavam a escola

e aprendiam o português e o italiano nas duas primeiras décadas do século passado e que, nas suas casas, falavam (ou) escutavam os dialetos dos pais como narramos no começo deste capítulo. A língua de imigração, enquanto estrato, possui o adstrato diferente de uma língua de dominação/ocupação, pois ao mesmo tempo em que é adstrato é também substrato (português brasileiro) e essa composição se repetiria se analisássemos outras línguas de imigração como o pomerano ou o hunsrückisch.

Uma especificidade do Talian como língua de estrato é que, sendo também uma língua de imigração, a sua normatização ortográfica é recente, já que a tendência é que línguas de imigração sejam praticamente orais com poucos relatos que as documentem do ponto de vista da escrita.

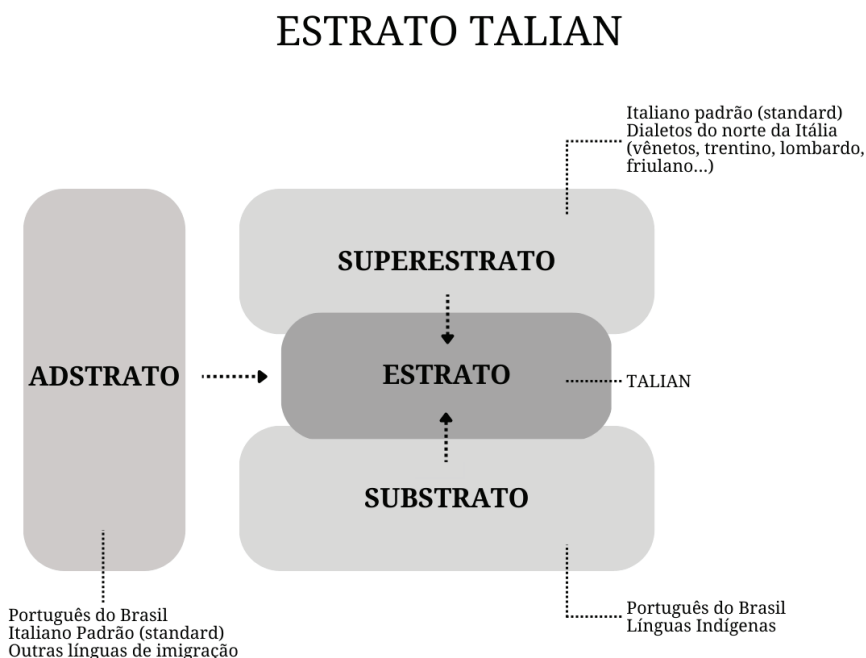


Figura 19. Talian como estrato linguístico

Fonte: Autores.

### 4.3.1 A normatização da língua

Geralmente os elementos que dão valor e status a uma língua são um dicionário e uma gramática. Esses dois instrumentos normatizadores funcionam como a certidão de identidade, de atestação da existência de uma língua. E para se fazer uma gramática ou um dicionário é necessário que exista uma ortografia definida, já que essa é considerada a “sistematização simbólica de uma língua” e para tal a variação não é uma regra, mas quase uma exceção se levado em consideração o número de ocorrências.

Quando nos referimos à sistematização simbólica de uma língua que resulta na ortografia, tratamos organização simbólica para aquilo que falamos e aqui é importante pensar que para a fala existe uma variação de pronúncia muito maior do que a ortografia consegue e “pode” expressar.

No caso do Talian de Colombo sabemos que existe uma variação em relação à pronúncia e também ao léxico se comparado, por exemplo, com aquele do Rio Grande do Sul ou mesmo o falado no oeste do estado do Paraná, que possui muitos migrantes ítalo-gaúchos. Mesmo sabendo dessas diferenças, quando realizamos as obras de divulgação do Talian de Colombo, descritas no Capítulo 3 (dicionário on-line *Eco di una Valle* e os materiais de vivências linguísticas e culturais), usamos a ortografia proposta pela gramática *Talian par cei e grandi: gramática e stòria* (Dal Castel *et al.*, 2021), pois somos conscientes da variação da língua no nível da fala e da sua uniformização do ponto de vista da escrita.

A ortografia descrita na gramática é a convenção mais recente do Talian idealizada e discutida há muito tempo pelos componentes da Assodita, a Associação dos Difusores do Talian.

No caso do Talian de Colombo, para o dicionário *Eco di una valle* tentamos eleger e registrar as palavras como são pronunciadas em Colombo, valendo-nos da possibilidade, quando necessária, da dupla grafia das palavras como ocorre na língua portuguesa e a título de exemplos citamos: assobiar/assoviar; descarrilar/descarrilhar; loura/loira; quatorze/catorze; voleibol/volibol. Segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, “o número de palavras abrangi-

das pela dupla grafia é de cerca de 0,5% do vocabulário geral da língua, o que é pouco significativo, ou seja, pouco mais de 575 palavras em cerca de 110.000<sup>59</sup>. O Acordo institui a dupla grafia no caso em que não houver a uniformidade entre as pronúncias dos países e nós a defendemos para o Talian de forma a abarcar todas as pronúncias.

Para o Talian não sabemos quantificar, porque a obra lexicográfica de Colombo – o dicionário on-line – encontra-se em construção, tendo sido publicadas somente as primeiras 500 palavras.

A propósito de pronúncia gostaríamos de registrar as especificidades do Talian de Colombo em relação ao falado em outras regiões do país, assim como um traço morfológico da língua em relação a uma preposição. Para tanto, apresentamos a seguir essas especificidades e sempre que possível ilustradas com exemplos extraídos da obra *Eco di una valle*. Os exemplos do dicionário contarão com a indicação ‘EUV’ e os criados por nós contarão com a indicação ‘Autores’. Abordaremos seis pontos.

Para o ponto 1, 4 e 5 ilustramos a palavra em caixa alta como ocorre no Talian de Colombo; entre parênteses como é registrada em obras no Talian do Rio Grande do Sul; uma frase, em itálico, que indica o uso desse léxico o qual apresenta-se grafado em negrito; a tradução para o português entre parênteses e, por fim, a indicação da proveniência do exemplo.

### **1) dos processos de assimilação das consoantes ‘l’ e ‘v’ em posição intervocálica e em começo de palavra;**

É muito comum a assimilação no início de palavra ou a vocalização da consoante ‘l’ em posição intervocálica (epêntese vocálica pela lenição da consoante ‘l’). Já para a consoante ‘v’ o que percebe-se é somente a assimilação em posição intervocálica, conforme os exemplos a seguir:

- a) ANA (lana) – *El ga tagià a **ana** dee pegore.* (Ele cortou a lã das ovelhas) – Autores
- b) ATE (late)<sup>60</sup> – *El tosato ga bevesto una cicra de **ate**.* (O menino bebeu uma xícara de leite) – EDV

59. Disponível em: <https://bit.ly/41yx0C8>. Acesso em: 18 fev. 2023.

60. As palavras leite e sal em alguns dialetos vênéticos são consideradas femininas e

- c) AVRO (labro) – *A ava ga becà el avro del omo.* (A abelha picou o lábio do homem.) – Autores.
- d) BÀEA (bala) – *I omi duga a bàea sol campo.* (Os homens jogam bola no campo.) – EDV
- e) BAEAR (balar) – *Iuri ga baeà fin stufarsi.* (Eles dançaram até se cansar.) – EDV
- f) BRÌSCOEA (brìscola) – *A ze medo brìscoea.* (Ela é meio maluca)
- g) EA (ela) – *Uncó ea ze maeà.* (Hoje ela está mal.)
- h) ÉNGUA (lêngua) – *I porta schiti i ga a éngua onga.* (Os fofoqueiros têm a língua comprida.) – EDV
- i) FIÒ (filò) – *Sol fiò gien fora tante s-ciàcoe.* (No sarau surgem muitos causos.) – EDV
- j) FIÓEO/FIOO; FIÓEA; FIOA (fiolo; fiola) – *A me fióea a fâ ani di quatro de abrie.* (A minha filha faz aniversário dia quatro de abril.); *Altrodì, mi son nata a casa da me fioa.* (Outro dia fui na casa da minha filha.)<sup>61</sup> – EDV
- k) FRADEO (fradelo) – *El me fradeo l'è un pàndega.* (O meu irmão é um pândega.) – EDV
- l) IU (lu) – *Iu l'è pròpio un mato.* (Ele é mesmo um doido). – Autores
- m) IURI (lori) – *Iuri i ze rivà giri.* (Eles chegaram ontem) – Autores
- n) POENTA (polenta) – *Uncó ghimo magnà poenta e tócio.* (Hoje comemos polenta e molho) – Autores.
- o) QUEO; QUEA (quelo, quela) *El no se racorda mia se gera quea a strada drita.* (Ele não se lembra se era aquela a estrada certa.) – EDV
- p) SAE (sale) – *El ga desmentegà de mètere a sae sol damagnar.* (Ele esqueceu de colocar o sal na comida). – Autores
- q) SAEADO; SAADO (salado/salame) – *El saeado ghea gusto de mufa.* (O salame tinha gosto de mofo.) – EDV
- r) SAEATA; SAATA (salata) – *A ga ciapà a saeata sol orto.* (Ela pegou a alface na horta). Autores

---

assim também é no Talian de Colombo.

61. Aqui percebemos a variação já que o exemplo, extraído do EDV, configura mais de uma forma de se dizer a palavra filho por uma mesma pessoa. O pai da informante é de origem vicentina e a mãe de origem trevisana. Essa alternância linguística comprova que as variantes convivem na forma de adstrato.

s) SCOEA; SCOA (scola) – *Doman ze di de nar scoea* (Amanhã é dia de ir para a escola) – Autores.

t) SOREA (sorela) – *Mi go una sorea che a ze massa bona, ea me dà de tuto.* (Tenho uma irmã que é muito boa, ela me dá de tudo.) – EDV

### **Exemplos com a assimilação da consoante V intervocálica**

a) LAORO (lavoro) – *El me ga domandà con che cossa laoro mi.* (Ele me perguntou qual é o meu trabalho.) – EDV

b) UA (uva) – *A ua a ze bona quando a ze maura* (A uva é boa quando está madura) – Autores

### **2) da pronúncia das letras 'X' e 'J' e do dígrafo 'CH';**

Os falantes do Talian de Colombo quando se deparam com palavras que apresentam uma grafia e pronúncia inerentes à língua portuguesa, pronunciam-nas como em português. Exemplos: Caxias, abacaxi, José, Jorge, jabuticaba, jeito, chá e churrasco. Esse fato reforça a característica do português brasileiro como sendo língua de substrato que proporcionou a herança fonética voltada ao português e não ao italiano (adstrato) como poderia ocorrer.

### **3) realização da africada alveolar [dʒ] em presença posterior de ditongo**

Cunha *et al.* (2021) ao analisarem os aspectos linguísticos presentes no jornal *La Libertà* de 1909 e 1910, identificaram a ocorrência da epêntese da consoante 'G' diante de palavras com ditongo em que podemos definir como a realização da africada alveolar em presença posterior de ditongo:

Em relação ao grupo do vêneta central (paduano, vicentino, polesano), em especial o vicentino, percebemos que quando o som lateral palatal do grafema gl(i) [ʎ] ocorre em palavras do italiano, no dialeto vicentino temos a realização da africada alveolar [dʒ] em presença posterior de ditongo como *Italgia*, *Lugio*, *tordigio*, *consegio*, *megio*, *sfogio*, *vogio*, *megiorare*.

Em Colombo essa realização não é uma exceção, mas uma regra e talvez a possamos explicar devido ao significativo número de famílias migrantes da região do Vêneto vicentino. Esse fenômeno é ampliado quando fazemos referência à epêntese da consoante 'g' em ditongos em -ia mas que não necessariamente tenha o som lateral palatal na palavra base em italiano (*voglia X misèria*):

famégia x faméia; vógia x vóia; meravégia x meravéia (lateral palatal)

àrgia x ària; misèrgia x misèria; ingùrgia x ingùria; (não lateral palatal)

A seguir ilustramos com alguns exemplos em forma de frases como fizemos nos pontos 1 e 2 deste subitem:

- a) *El voe farse **maravégia**, parché el ga tre giachete.* (Ele quer impressionar porque tem dois paletós.) – EDV
- b) *A me **famégia** ze granda.* (A minha família é grande) – Autores
- c) *Quel dóveno à no ga mia **vógia** de laorar.* (Aquele jovem ali não tem vontade de trabalhar) – EDV
- d) *Giri mi go piantà sto àgio.* (Ontem eu plantei este alho) – EDV
- e) *El **cunìgio** ga scampà e ga magnà saeata sol orto.* (O coelho fugiu e comeu a salada na horta.) – EDV
- f) *Pa far el formàgio, bisogna métere **coàgio** soa ate.* (Para fazer o queijo precisa colocar coalho no leite.) – EDV

#### 4) mudança de fricativa para oclusiva;

A propósito dessa mudança, Cunha *et al.* (2021) explicam que uma realização típica do vicentino é a fricativa interdental [d] substituindo a fricativa alveolar surda ou sonora [s] e [z], por exemplo: medo>mezo/mezzo > medo fiorin (meio florim).

Esse fenômeno não é característico somente de Colombo, mas ocorre também em Santa Felicidade e Campo Largo.

- a) DÀEO; DALO – (zalo) – *Qua in coeònia a cesa a ze **dàea**.* (Aqui na colônia a igreja é amarela.) – EDV
- b) DÓBIA – (zóbia) – ***Dóbia** ghe ocor nar in sità.* (Quinta-feira é preciso ir para a cidade.) – EDV
- c) DUGO (zugo) – *El **dugo** che i òmini ghe piase ze coe carte.* (O jogo que os homens gostam é com as cartas.) – EDV



d) DENÒCIO; DANÒCIO (zenòcio) – *Mi go un danòcio che me fà mae.* (Tenho um joelho que dói.) – EDV

e) DONTAR (zontar) – *Bisogna dontar tute quee fógie seche dea pianta par dopo brusarle.* (É preciso juntar todas aquelas folhas da árvore para depois queimá-las.) – Autores

### 5) mudança de africada para fricativa;

Ocorrência de consoante africada /g/ no lugar da fricativa /z/

a) GENTE (zente) – *Soa prossission ghe gera un mùcio de gente.* (Na procissão tinha um monte de gente.) – EDV

b) GENARO (zenaro) – *El mese de genaro ze caldo.* (O mês de janeiro é quente.) – EDV

### 6) a preposição “sol” X “ntel”.

A gramática de Dal Castel *et al.* (2021) traz uma descrição muito geral sobre as preposições e não comenta as articulações que podem resultar quando empregadas com os artigos definidos. Percebemos a ocorrência da preposição “in” (in+el= ntel) em toda a gramática. Para essas ocorrências, o Talian de Colombo usaria a preposição “su” com as suas articulações, como ilustramos a seguir, apesar de existir também a ocorrência para “ntel”, porém pouco significativa em relação ao uso se comparada à preposição “su”:

Formação	Exemplo (EDV e Autores)	Tradução
SU + EL = SOL	<b>Sol</b> ghebo dei màs-cii se metia el bebaron.	No cocho dos porcos se colocava a lavagem.
SU + LA = SOA	Go perso el me giè <b>soa</b> festa.	Perdi o meu colete na festa.
SU + I = SUI	El ga piantà el àgio <b>sui</b> orti.	Plantei o alho nas hortas.
SU + LE = SOE	I metia su el campaneio <b>soe</b> vache par catale pi presto.	Colocavam sineta nas vacas para achá-las mais rápido.

Quadro 3. Articulação da preposição Su em Talian Colombense

Fonte: Autores.

Gianna Marcato (2004, p. 176, tradução nossa) descreve as preposições e para “su” coloca:

Su em vêneto pode ser usado também em casos em que o italiano exigiria o uso de 'in': *el abita su na casa vècia* – mora em uma casa velha; *te ghe ne trovi uno su uno paese* – encontras um em um país; *el sta su na carobera* – está em um barracão.<sup>62</sup>

Dessa forma percebemos que o uso de “su” em Colombo é representativo, ocorrendo também em algumas áreas do Vêneto e sendo importante registrar aqui essa característica do Talian colombense.

#### 4.4 O Talian (não) está só no museu

Pelo descrito até aqui percebemos que o Talian não está presente apenas no museu. Ele ainda vive e permanece no falar de alguns colombenses, mesmo que inconscientemente. Percebemos que, como a atuação das primeiras famílias que aqui chegaram era na agricultura, essa língua tem um léxico inerente sobretudo ao meio rural, aos afazeres domésticos e às práticas religiosas católicas, pois esse era o universo do imigrante vêneto de Colombo, no fim do século XIX. Hoje em dia, a atividade econômica da cidade é baseada nas indústrias de extração mineral e na agricultura com destaque para a produção de hortifrutigranjeiros<sup>63</sup>.

As palavras utilizadas pelos imigrantes para denominar os objetos do trabalho cotidiano foram passando entre gerações e se as seguintes permaneceram trabalhando com a agricultura, essas tiveram a chance de manter “vivas” algumas palavras e expressões em Talian. Essa língua está presente nas plaquinhas de indicações dos instrumentos no Museu Cristóvão Colombo<sup>64</sup>, mesmo sabendo que o maquinário agrícola evoluiu e os utensílios domésticos também. Palavras como *cargioa* (carrinho de mão), *sapa* (enxada), *caliera* (caldeirão) e *corteo* (faca) ainda hoje são comuns em comunidades

62. Su in veneto può venir usato anche in casi in cui l'italiano imporrebbe l'uso di 'in': *el abita su na casa vècia* - *abita in una vecchia casa*; *te ghe ne trovi uno su uno paese* - *ne trovi uno in un paese*; *el sta su na carobera* - *sta in una catapecchia*.

63. Colombo é considerado o principal município da Região Metropolitana de Curitiba e o segundo no estado na produção de hortaliças, abastecendo em grande parte os mercados e as feiras de rua de Curitiba. Fonte: <https://bit.ly/3ID3TWR>. Acesso em: 17 fev. 2023..

64. Como consta na Figura 14 – Objeto com a identificação em Talian – Museu Municipal Cristóforo Colombo no item 3.4 desta obra.

de origem italiana e às vezes são ouvidas até por pessoas que não compartilham a mesma origem dos antepassados, mas sim as vivências. A seguir montamos um quadro com uma amostra dos objetos presentes no museu que possuem na descrição o nome em Talian:

<b>Talian</b>	<b>Português</b>
<i>tórcio dea ua</i>	moedor de uva
<i>mastea</i>	tina
<i>stira vignai</i>	estica parreira
<i>scagiariol</i>	plaina
<i>lìveo</i>	nível de construção
<i>bigoearo</i>	máquina de fazer macarrão
<i>pignata</i>	panela
<i>caliera</i>	caldeirão
<i>scudeeta</i>	tigelinha
<i>careta</i>	carroça
<i>scàtoea</i>	caixa
<i>varsoro</i>	arado
<i>tòea de copar màs-cio</i>	tábua de abater porco
<i>corteo</i>	faca
<i>masenin</i>	moedor de cozinha
<i>massa</i>	marreta
<i>marteo</i>	martelo
<i>sésoa</i>	foice de mão
<i>bigóeo</i>	cangalha
<i>râcoea</i>	matraca
<i>cargioa</i>	carrinho de mão
<i>scapeo</i>	pé-de-ferro de sapateiro
<i>sòcoi</i>	tamancos
<i>ferae</i>	lampião
<i>ronca</i>	foice
<i>false</i>	gadanha
<i>sapa</i>	enxada
<i>ceciaro</i>	pia de madeira
<i>carega</i>	cadeira
<i>pagion</i>	colchão
<i>bocae</i>	penico
<i>cussin</i>	travesseiro
<i>traversa</i>	aventail de cozinha

**Quadro 4. Exemplos de objetos expostos no museu que têm na descrição o nome em Talian**

Fonte: Autores.

Este quadro é apenas uma amostra da ocorrência do Talian presente no Museu Cristóvão Colombo que como já citamos possui cerca de 500 objetos doados por descendentes de italianos e que apresentam os seus nomes escritos seja em português, seja em Talian.

## PALAVRAS FINAIS

Tendo em vista que o grupo de imigrantes que se estabeleceu em Colombo era composto sobretudo por vênetos, majoritariamente vicentinos e trevisanos, entendemos que esta origem repercutiu na formação cultural e linguística da comunidade analisada.

Uma das principais marcas desses sujeitos era a sua forte relação com o catolicismo, que se deu desde antes da saída do Canal do Brenta até a instalação e desenvolvimento das antigas colônias que ajudaram a formar a cidade de Colombo. Esse elo com o lugar de origem se mostrou mais evidente até 1913, quando faleceu o último padre oriundo daquela mesma localidade italiana. Acreditamos que essa relação entre comunidade e Igreja possivelmente se dava também pelos dialetos vênetos. Após esta data, a paróquia de Colombo continuou contando com o atendimento de padres italianos, até 1955, porém, provenientes de outras regiões daquela península, ressignificando a noção de italianidade desses sujeitos. Entretanto, mesmo até os dias de hoje, o catolicismo na cidade mantém uma relação intrínseca com a Itália, por meio da atuação dos Padres e Irmãs Passionistas, já que muitos religiosos são descendentes de italianos. Segundo o mapeamento já citado neste trabalho, realizado em 2022 na cidade, cerca de 77% dos habitantes da área central e dos bairros rurais se declaram católicos, locais estes que compõem os Bolsões Culturais onde residem os descendentes dos imigrantes vênetos.

Ao longo dos anos, essa italianidade foi sendo externada por meio da incorporação da bandeira daquele país, provavelmente enxergada como um símbolo pelo catolicismo e não pelo Estado-nação. Assim também a criação de uma festa, que associava religião e costumes campestres (Festa da Uva), contribuiu para a projeção da cidade como um local marcado pela cultura italiana, fato que também foi exaltado na comemoração do centenário da chegada dos imigrantes.

Um período muito discutido pelas pesquisas quando se referem à imigração italiana e às línguas é a Campanha de Nacionalização. Percebemos, porém, que a proibição de utilizá-las era principalmente em ambientes públicos, onde existia um forte controle. No

ambiente doméstico, ao invés, criaram-se subterfúgios que contribuíram para a manutenção dessa língua de herança até hoje. No entanto, com a difusão da televisão, a partir da segunda metade do século XX, adentrando nas casas, a língua portuguesa ganha um poder simbólico e passa a ser um objetivo a ser atingido, pois dominá-la, em detrimento da língua de imigração, era um traço de ascensão social. A televisão conseguiu o esmaecimento da língua sem imposições e de maneira mais efetiva quando comparada com a Campanha de Nacionalização. Isso também se deu no contexto italiano, no qual os dialetos das várias regiões foram suprimidos pela televisão que proporcionou a alfabetização em língua italiana, sendo mais eficiente do que a campanha fascista contra o uso deles.

Quando os imigrantes vênéticos chegaram ao Brasil trazendo as suas diversas formas de falar se depararam com outras realidades linguísticas que mudavam de acordo com a região onde se estabeleciam. Assim, temos pelo menos dois fatores que influenciaram na formação das variantes do Talian que conhecemos hoje, sendo eles: a) o local de proveniência desses imigrantes com as suas línguas (dialetos) de origem e b) a(s) língua(s) faladas no local onde se estabeleceram.

O contato linguístico resultante desses fatores determina a variação presente no Talian de diversas zonas do Brasil. Geralmente, essa variação é do ponto de vista lexical (das palavras) já que o léxico é a parte da língua com maior plasticidade. A segunda variação que se pode perceber é a de ordem fonológica (pronúncia) que influencia, por sua vez, a língua portuguesa falada na região, como é o caso das consoantes interdentalis como a ocorrência da palavra *leite*, na qual o “t” é pronunciado como interdental e não como palatal.

Sendo assim, o Talian exemplifica a máxima da Sociolinguística variacionista em que “toda língua é um feixe de variedades linguísticas”. Por isso, podemos dizer que essa língua de herança não é única, estanque e uniforme no espaço e nas sociedades em que está presente. Portanto, cabe realizar e incentivar a produção acadêmica neste âmbito com o objetivo de valorizar e conhecer as particularidades de cada contexto que recebeu imigrantes e tem essa língua como um patrimônio.

Como o Talian é uma língua prevalentemente oral, para descrevê-lo e ensiná-lo às novas gerações fez-se necessária a adoção de uma convenção ortográfica que proporcionasse a difusão de obras escritas nesta língua. No caso de Colombo, a primeira manifestação deste gênero, ainda sem colocar a “ordem no caos”, ou seja, adotar uma normativa ortográfica, foi por meio dos folhetos da *Santa Messa in Talian*, que de certa forma já se aproximava daquela proposta por Luzzatto. Já as produções recentes como o dicionário on-line, o livro de contos e os materiais de vivências culturais e linguísticas, utilizaram a norma adotada pela Assodita, em 2021, cuja base também se encontra na obra de Luzzatto, com novas propostas, sobretudo, do ponto de vista da acentuação.

Por fim, acreditamos que esta obra é uma contribuição para o registro e divulgação da variedade do Talian de Colombo. As análises aqui apresentadas não tomaram a língua pela língua, mas levaram em consideração o contexto histórico da comunidade que a conhece e a usa, além de retratar as vozes dos detentores. Temos ciência que o processo de contato linguístico não é instantâneo, o que faz com que as línguas estejam em lenta, mas constante transformação.

Estudos futuros podem ser realizados com outras localidades, com o intuito de dar visibilidade a outras variedades do Talian, pouco contempladas nas obras já publicadas nesta língua, como a de Campo Largo e Santa Felicidade, na região de Curitiba/PR; Pedrinhas Paulista, no interior de São Paulo; Nova Venda do Imigrante, no Espírito Santo, entre outras.





## REFERÊNCIAS

- ALVIM, Zuleika M. F. **Brava gente!** Os italianos em São Paulo (1870-1920). São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ANDREAZZA, Maria L.; NADALIN, Sergio O. O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 11, n. 1, p. 61-87, 1994.
- AZZI, Riolando. **A igreja e os migrantes**. São Paulo: Paulinas, 1987, v. 1.
- BAGNO, Marcos. **Dicionário Crítico de Sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2017.
- BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem e linguística**. Pondo os pontos nos ii. São Paulo: Parábola, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Objeto língua**. São Paulo: Parábola, 2019.
- BALHANA, Altiva Pilati. História Demográfica do Paraná. In: WEST-PHALEN, Maria Cecília (org.). **Un Mazzolino de Fiori**. Vol. I. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.
- BALHANA, Altiva Pilati. **Santa Felicidade, uma paróquia vêneta no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1978.
- BALL, Christopher. Fazendo das línguas objetos: línguas em perigo de extinção e diversidade cultural. In: IPHAN (ed.). **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 32. Brasília: MinC/ Iphan, 2005, p. 206-221.
- BENEDUZI, Luís Fernando. **Mal di paese**: As reelaborações de um Vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'Eu (1885-1925). 2004. 324f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 28 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- CAMILOTTO, Samara. **Relações de hospitalidade/acolhimento no filó doméstico atual** – o caso de Arvorezinha/RS/Brasil. 2018. 124f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.
- CARBONI, Florence. O mito da “lei do silêncio”: Política e identidade lingüística. In: CONGRESSO SUL-AMERICANO DE HISTÓRIA, 2., 2005, Passo Fundo. **Anais** [...] Passo Fundo, 2005.

CARDOSO, Fabíola Nogueira da Gama. **Línguas como patrimônio imaterial: etnografia de um debate.** 2010. 129f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília.

CARDOSO, Wilton; CUNHA, Celso. **Estilística e gramática histórica; português através de textos.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

CAVANHA, Jussara Nena. **Colônia Alessandra.** Curitiba: Progressiva, 2012.

CECCON, Oswaldo. **Quarteirão dos Veados.** Curitiba: Ciranda, 1987.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. **Conviver e Sobreviver: Estratégias Educativas de Imigrantes Italianos (1880-1920).** 2000. 266f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

CORREA, Weslen Thiago. **Tradição e conflitos de interesses: as mudanças de significado da Festa da Uva de Colombo (1959-1992).** 2020. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.

CORSETTI, Berenice. O crime de ser italiano: a perseguição do Estado Novo. *In: DE BONI, Luis Alberto (org.). A presença italiana no Brasil.* Porto Alegre: EST – Fondazione Giovanni Agnelli, 1987, p. 363-382.

CUCCHINI, Chiara. **A proposito di agenti di emigrazione: la vicenda di Don Angelo Cavalli - Parroco, agente ed emigrante (1872-1879).** 1996. 132f. Tesi di Laurea (Corso di Storia Contemporanea) – Università di Padova, Padova.

CUNHA, Karine Marielly Rocha; GABARDO, Diego. Talian: língua negada e (re)conhecida pelos descendentes vênéticos de Curitiba e região metropolitana. **Revista X**, Curitiba, v. 15, n. 6, p. 840-858, 2020.

CUNHA, Karine Marielly Rocha; MOTIN, Mara Francieli; GABARDO, Diego. Vanti de Nanetto Pipetta: aspectos culturais e linguísticos dos imigrantes italianos nas origens do Staffetta Riograndense - *Jornal La libertà (1909-1910).* **Revista de Letras Norte@mentos.** Dossiê temático: Línguas Minoritárias no Brasil, Sinop, v. 14, n. 37, p. 241-262, 2021.

DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul: EST/UCS, 1984.

FALCÃO, Luiz Felipe. Brasileiros e italianos: reflexões sobre a instituição de uma identidade italiana no Brasil contemporâneo. *In: RADIN, José Car-*

los (org.). **Cultura e identidade italiana no Brasil**: algumas abordagens. Joaçaba: Unoesc, 2005, p. 55-74.

FANTIN, Maria Eneida. **Italianos de Colombo**: notas sobre um grupo étnico. Curso de Especialização em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: [s.n.], 1989.

FERRARINI, Sebastião. **O município de Colombo**. Curitiba: Champagnat, 1992.

FORNASIER, Rosângela Maria Laurindo; ORTALE, Fernanda; CUNHA, Karine Marielly Rocha da. Do ensino da língua de herança à formação de uma comunidade de prática: o caso do italiano em Pedrinhas Paulista. **Revista CBTeCLE**, São Paulo, vol. 6, n. 2, p. 214-232, 2022.

FRANZINA, Emilio. **A grande emigração**: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

GABARDO, Diego. Santa messa in Talian e Filò: iniciativas de associações étnicas para valorização do patrimônio cultural imaterial em Colombo/PR. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA (RBA), 33., 2022, Curitiba. **Anais** [...] Curitiba: ABA, 2020, Artigos, p. 1-12.

GABARDO, Diego; LOPES, Franciele Aparecida. A redescoberta da identidade étnica dos descendentes de imigrantes vênéticos em Colombo. In: MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. **Memórias de uma colônia italiana**: Colombo-Paraná (1878-2013). Porto Alegre: EST Edições, 2013, p. 177-199.

GROSSELLI, Renzo Maria. **Vencer ou morrer**: camponeses Trentinos (Vênéticos e Lombardos) nas florestas brasileiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.

HOBSBAWM, Eric. **A era do capital**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

KATZINSKY, Luciane. **A análise da relação Colombo e Curitiba à luz da teoria dos dois circuitos da economia urbana**. 2004. 109f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

KEANE, Webb. The evidence of the senses and the materiality of religion. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 14, n. s1, p. S110-S127, 2008.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 6. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

KREUTZ, Lúcio. Identidade étnica e processo escolar. **Cadernos de Pesquisa**, n. 107, p. 79-96, 1999.

LOPES, Franciele Aparecida. **A (re)descoberta da italianidade**: o papel das associações étnicas culturais na cidade de Colombo/PR. 2012. 64f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

LOPES, Franciele Aparecida. **Estigma e estima**: memórias de idosos descendentes de imigrantes vênéticos acerca da língua de imigração (Colombo, PR). 2016. 168f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LORENZONI, Júlio. **Memórias de um Imigrante Italiano**. Porto Alegre: Sulina, 1975.

LUCHESE, Terciane Ângela; BARAUSSE, Alberto. Celebrações de italianidade: a imigração italiana no Rio Grande do Sul e a escola, entre memória e história (1924-1926). *In*: LUCHESE, Terciane Ângela; MALIKOSKI, Adriano (orgs.). **Italianidades, polonidades e germanidades**. Caxias do Sul: Educs, 2021, p. 31-69.

MACHIOSKI, Fábio Luiz. **A preservação da identidade cultural em um grupo imigrante italiano curato de Colombo, Paraná, 1888-1910**. 2004. 87f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

MACHIOSKI, Fábio Luiz. **Uma luta ultramontana**: o discurso do padre Pietro Colbacchini e o forjar da identidade dos imigrantes italianos em Curitiba no final do século XIX (1886-1901). 2018. 201f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

MARCATO, Carla. **Dialetto, dialetti e italiano**. Bologna: Il Mulino, 2007.

MARCATO, Gianna. **Guida allo studio dei dialetti**. Padova: Cleup, 2012.

MARCATO, Gianna. **Parlar Veneto**. Padova: Unipress, 2004.

MARTINS, Romário. **Quantos somos e quem somos**. Dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná. Curitiba: Gráfica Paranaense, 1941.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. **A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e es-**

**tratégias de italianità e brasilitá (1875-1930).** 2012. 341f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. Iniciativas Escolares Públicas entre Imigrantes Italianos no Paraná do Século XIX. *In:* LUCHESE, Terciane Ângela; KRUTZ, Lúcio (orgs.). **Imigração e educação no Brasil:** história, práticas e processos escolares. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2011, Cap. 10, p. 221-238.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. Os Imigrantes Italianos, seus Descendentes e suas Escolas Frente às Campanhas de Nacionalização do Ensino em Curitiba/Paraná (1900-1930). *In:* QUADROS, Claudemir de (org.). **Uma gota amarga:** itinerários da nacionalização do ensino no Brasil. Santa Maris: Ed. da UFSM, 2014, Cap. 8, p. 259-289.

MOLETTA, Susete. **Da Itália para o Brasil.** Porto Alegre: EST, 2002.

MOTIN, Mara Francieli. **Entre Igreja, escola e sociedade:** as Irmãs Passionistas na construção de uma representação identitária em Colombo/PR, (1927 – 1978). 2016. 192f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba. Disponível em: <https://bit.ly/3KFajaR>. Acesso em: 04 fev. 2023.

MOTIN, Mara Francieli; MASCHIO, Elaine Falcade. Na escola para aprender, a scuola para não esquecer: a materialidade dos livros bilíngues para educar a infância ítalo-brasileira. *In:* CORDEIRO, Andréa Bezerra. **A teia das coisas:** cultura material escolar e pesquisa em rede. Curitiba: Nepie-UFPR, 2021, p. 116-133.

MOURA, Rosa. Paraná: meio século de urbanização. **RA'E GA – O Espaço Geográfico em Análise,** Editora UFPR, Curitiba, n. 8, p. 33-44, 2004.

NIEHUES, Leandro Garcia. A industrialização do Paraná: abordagens de um processo de desenvolvimento concentrado. **Geographia Opportuno Tempore,** v. 1, p. 454-466, 2014.

ORTALE, Fernanda Landucci. **A formação de uma professora de italiano como língua de herança:** o pós-método como caminho para uma prática docente de autoria. 2016. 163f. Tese (Livre Docência em Língua italiana) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades:** jogos de poder no Médio Vale do Itajaí-Açu e no sul de Santa Catarina. 2005. 271f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

POSSAMAI, Paulo César. **“Dall’Italia siamo partiti”**: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2004.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias de etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

SALVETTI, Patrizia. Governo italiano, diplomacia e escolas italianas no exterior. *In*: LUCHESE, Terciane Ângela (org.). **História da escola dos imigrantes italianos em terras brasileiras**. Caxias do Sul: Educus, 2014, Cap. 2, p. 57-77.

SANT’ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. **A terra prometida. Emigração italiana**: Mito e realidade. Itajaí: Univali, 1998.

SCARPIM, Fábio Augusto. **Bens simbólicos em laços de pertencimento**: família, religiosidade e identidade étnica nas práticas de transmissão de nomes em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo-PR, 1878-1937). 2010. 230f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SEVERINO, José Roberto. Representações da imigração italiana em Santa Catarina. *In*: RADIN, José Carlos (org.). **Cultura e identidade italiana no Brasil**: algumas abordagens. Joaçaba: Unoesc, 2005, p. 75-98.

SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. *In*: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 199-228.

SILVA, Marilda R. G. Checcucci Gonçalves da. **Imigração italiana e vocações religiosas no Vale do Itajaí**. Campinas: Editora da Furb/ Editora da Unicamp/ Centro de Memória da Unicamp, 2001.

TERRAGNI, Giovanni. **P. Pietro Colbacchini con gli emigrati negli Stati di S. Paolo, Paraná e Rio Grande do Sul, 1884-1901, Corrispondenza e Scritti**. Napoli: Grafica Elettronica, 2016.

TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1988.

VILLA, Deliso. **Storia Dimenticata**. Porto Alegre: EST, 2002.

WEINREICH, Uriel. **Lingue in contatto**. Torino: UTET, 2008.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. O Estado Novo e os descendentes de imigrantes italianos: entre feridas, fatos e interpretações. In: DALMOLIN, Cátia (org.). **Mordaça verde e amarela: imigrantes e descendentes no Estado Novo**. Santa Maria: Pallotti, 2005.

ZANNINI, Andrea; GAZZI, Daniele. **Contadini, emigranti, “colonos”**. Tra le Prealpi venete e il Brasile meridionale: storia e demografia, 1780 – 1910. Treviso: Edizioni Canova Treviso, 2003, tomo II.

## Fontes

ACERVO da Paróquia Nossa Senhora do Rosário. Colombo, Paraná.

ACERVO do Museu Municipal Cristóforo Colombo. Colombo, Paraná.

ACERVO Iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia. Colombo, Paraná.

BRASIL. **Lei Complementar Nº 14**, de 8 de junho de 1973.

CALVÁRIO. **Condecoração**. Ano XXXIV, n. 7, julho 1955.

CAVAZZUTI, Pietro; CORTI, Siro. **Il Sillabario Italo-Portoghese**. Milano: Antonio Vallardi, [s.d.].

COLBACCHINI, Pietro. **Intorno alle condiziona presenti dell’emigrazione italiana negli Stati Uniti del Brasile**, 1895.

COLBACCHINI, Pietro. **Le condiziona degli emigrati nello stato del Paraná in Brasile**, 1892.

COLOMBO. **Caminhos para uma cidade sustentável**. Prefeitura de Colombo. 2011.

CORRESPONDÊNCIA do Governo do Estado, livro 567, ano de 1879. Arquivo Público do Estado do Paraná.

CORRESPONDÊNCIA Oficial da Província do Paraná, 8 de dezembro de 1877.

DIARIO DO PARANÁ. **Colombo festeja seu 78º aniversário**. Curitiba, 14 de Janeiro de 1968.

DIARIO DO PARANÁ. **Colombo prepara sua festa da uva.** Curitiba, 9 de fevereiro de 1977.

DIARIO DO PARANÁ. **Colombo vai realizar sua 1ª Festa da Uva.** Curitiba, n. 1147, ano IV, 11 de jan. de 1959.

DIARIO DO PARANÁ. **Título.** 22 de agosto de 1980.

FEDALTO, Pedro Antonio Marchetti. **Reminiscências:** 90 anos de idade – 50 anos de Bispo. Curitiba: Gráfica Infante, 2017.

GHIANDONI, Candido. **Memorie del Brasile.** Vol. II – An. 1916-1917. Manuscrito. 1952-1953.

GHIANDONI, Candido. **Memorie del Brasile.** Vol. III – An. 1918. Manuscrito. 1953-1955.

IBGE. **População, área e densidade demográfica dos municípios, por Unidades da Federação.** Censo, 1968.

IPEA. **Projeto:** governança metropolitana no Brasil (Relatório). Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), dez. 2013.

JORNAL Dezenove de Dezembro, Curitiba, 17 de novembro de 1877.

JORNAL Dezenove de Dezembro, Curitiba, 5 de dezembro de 1877.

JORNAL Dezenove de Dezembro, Curitiba, 9 de janeiro de 1879.

LEIS do Estado do Paraná, volume dos anos 1890-1891.

LIVRO TOMBO, número II. Acervo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, 1910 a 1966.

MOTTIN. Depoimento concedido a Mara Francieli Motin em 3/10/2015.

PARANÁ. Departamento Estadual de Arquivo Público. Ofício. Livro 2311, 1930.

PASSIONISTAS. **Histórico da casa.** Colombo/PR. 1951-1987.

PASSIONISTAS. **Livro das Crônicas do Convento do Calvário (1911-1952).** Acervo da Paróquia do Calvário, 1911.

PLANTA da Colônia Alfredo Chaves. Acervo da Secretaria do Meio Ambiente do Estado Paraná.

RELATÓRIO do Presidente da Província, Exmº Sr. Manuel Pinto de Souza Dantas Filho, 1879.



## BIOGRAFIA DOS AUTORES



**Karine Marielly Rocha da Cunha** é bacharela em Letras Tradução (Francês e Italiano) pela UNESP/SJRP (2000). Fez a Especialização na Università per Stranieri Dante Alighieri di Reggio Calabria seguindo o curso *Formazione Docente di Lingua e Cultura Italiana* (2003); o mestrado em Filologia e Língua Portuguesa no DLCV/FFLCH - USP (2005); o *Master* em Didattica della Lingua Italiana come LS/L2 na Università per Stranieri di Perugia (2005); o doutorado em Linguística no DL/FFLCH - USP (2010) e o pós-doutorado na Accademia della Crusca - Florença (2017). É professora Associada III do DELEM/UFPR onde ministra principalmente as disciplinas de Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Tradução; Dialectologia Italiana; História da Língua Italiana e Intercapreensão em Línguas Românicas. É Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Italiana da FFLCH/USP. Faz parte dos grupos de pesquisa 1) CEVEP - Centro de Estudos Vênetos no Paraná; 2) FLORES: Intercapreensão, Didática do Plurilinguismo e Políticas de Línguas - UFPR; 3) GELHE - Grupo de Estudos sobre Língua de Herança no Brasil - USP e 4) LUPA - Lugar da Palavra e seus contextos - USP; é membro fundadora do NuCLiH - Núcleo de Cultura e Língua de Herança - USP.



**Mara Francieli Motin** é licenciada em Matemática pela PUCPR (2012), onde recebeu o Prêmio Marcelino Champagnat de Mérito Acadêmico. Fez o mestrado em educação na mesma instituição (2016), na linha de pesquisa “história e políticas da educação”, estudando a atuação das Irmãs Passionistas na educação em Colombo. Defendeu sua tese de doutorado em educação no ano de 2022 pela UFPR, na linha de pesquisa “história e historiografia da educação”, adentrando nas práticas educativas dos Padres Passionistas para com a infância e a juventude da cidade de Colombo, dentro e fora dos muros escolares. É professora da Escola Politécnica

da PUCPR, ministrando disciplinas do Eixo de Matemática. Integra os grupos de pesquisa CEVEP (Centro de Estudos Vênetos no Paraná) e GELHE (Grupo de Estudos sobre Língua de Herança no Brasil). É natural de Colombo/PR e descendente de imigrantes vênetos. Dedicar-se a pesquisas sobre a educação católica da cidade, além de participar de projetos de produção de materiais de sensibilização da cultura ítalo-colombense e do talian, como a HQ “A máquina do tempo”, o livro “As curiosas palavras de Nona Dete”, a pesquisa “Mapeamento linguístico e cultural do talian em Colombo/PR”, o canal do youtube “Talian - Língua e Cultura”, entre outros.



**Diego Gabardo** é formado em Comunicação Empresarial e Institucional pela UTFPR (2008) e especialista em Marketing pela UFPR (2012) e em Antropologia Cultural pela PUCPR (2023). Atualmente é mestrando em Antropologia pelo PPGAA/UFPR na linha de Práticas de conhecimento: sentidos, espaços e objetos. É conselheiro e fundador da Associazione Veneti nel Mondo - Colombo e associado benemérito da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Também é natural de Colombo/PR e bisneto de imigrantes vênetos. Desde 2005, estuda, pesquisa e é detentor do Talian, além de tradutor de missas nesta língua de herança. Suas produções acadêmicas e literárias se voltam para as seguintes temáticas: imigração italiana, catolicismo, memória e Talian, com especial destaque para materiais de sensibilização da comunidade e dicionário on-line dessa língua. Participa, desde 2018, do Centro de Estudos Vênetos no Paraná (CEVEP); desde 2022, do Núcleo de Estudos de Cultura e Língua de Herança (NUCLiH)/USP e é integrante do Grupo de Estudos sobre Língua de Herança no Brasil (GELHE)/CNPq. É organizador da Settimana Italiana di Colombo, coordenador musical do Gruppo Vocale Luce dell'Anima e professor de língua italiana.



**Fábio Luiz Machioski** é licenciado e bacharel em História pela UFPR (2005) e especialista em Patrimônio Cultural pela UTP (2008). Em 2018, concluiu seu mestrado pelo PPGHIS/UFPR, junto à linha de pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimento na História, onde como doutorando desenvolve sua tese por meio da análise de trajetórias e sociabilidades de indivíduos dentro do macrofenômeno

da imigração italiana no Brasil meridional. É natural de Colombo/PR e, desde 2007, atua como gestor do Museu Municipal Cristoforo Colombo, vinculado ao Departamento de Cultura de sua cidade. É professor de Língua Italiana, franqueado ao Centro di Cultura Italiana PR/SC. Integra o Centro de Estudos Vênetos no Paraná (CEVEP) e o Núcleo de Estudos de Cultura e Língua de Herança (NUCLIH)/USP, fazendo parte também do Grupo de Estudos sobre Língua de Herança no Brasil (GELHE)/CNPq. É associado benemérito da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia e fundador da Associazione Veneti nel Mondo – Colombo. Além de detentor e defensor do Talian, é autor de artigos e capítulos de livros que versam sobre as práticas discursivas e representações identitárias dos imigrantes e descendentes na Região de Colonização Italiana do Paraná.



# ÍNDICE REMISSIVO

## A

Adstrato 17, 128, 130, 131, 134, 135  
Africada 135, 137  
Agricultura 37, 43, 49, 75, 79, 84, 138  
Alfredo Chaves 34, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 59, 65, 117, 129, 130  
Alvim 29  
A máquina do Tempo 11, 110, 111  
América 23, 26, 30, 32, 33, 34, 35, 39, 41, 43, 63, 120  
Angelo Cavalli 33, 34, 35, 36, 39, 41, 44, 50, 55, 59  
Angelo Macagnan 60  
Anticlerical 26, 28  
Antonio Prado 46, 50, 65, 117  
Ascoli 128  
As curiosas palavras de Nona Dete 111, 112  
Assimilação 133, 135  
Assistência religiosa 45, 47, 61  
Associação Italiana 15, 64, 66, 70, 93, 95, 96, 102, 103, 106, 110, 111, 112, 115  
Associações culturais 15, 93, 107, 110  
Associazione Veneti 15, 93, 95, 100, 102, 103, 106  
Assodita 100, 107, 132, 143

## B

Bagno 119, 122, 124, 128  
Balhana 37, 39, 42, 51, 52  
Ball 93  
Bassano del Grappa 22, 34, 35, 40, 54, 55, 56, 59  
Belluno 29, 34, 41, 52, 53, 54, 106, 122  
Bolsões de Cultura Italiana 118  
Boschilia 43  
Braccianti 31  
Brasil 11, 12, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 32, 33, 34, 36, 37, 45, 51, 60, 61, 63, 67, 69, 72, 73, 74, 78, 83, 87, 90, 91, 106, 107, 108, 112, 113, 115, 122, 123, 128, 129, 130, 142  
Brenta 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 50, 54, 55, 56, 141

## C

Camilotto 101  
Campanha de Nacionalização 16, 72, 92, 130, 141, 142  
Campanilismo 31  
Camponeses 16, 19, 20, 21, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 42, 43, 58  
Canal do Brenta 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 50, 54, 55, 56, 141

Cândido Ghiandoni 61, 62  
Capital do Talian no Paraná 11, 108  
Carboni 91, 92  
Castello di Godego 54  
Católica 16, 21, 23, 31, 59, 66, 71, 82, 86, 88, 99, 101  
Catolicidade 10, 20, 22, 34, 87, 94  
Catolicismo 10, 22, 57, 59, 60, 61, 72, 74, 88, 95, 99, 141  
Católicos 16, 19, 32, 57, 67, 77, 78, 141  
Cavalli 33, 34, 35, 36, 39, 41, 42, 44, 50, 55, 56, 59, 95  
Cavanha 38  
Centenário da imigração italiana 16, 72, 81, 84, 86, 94  
Certeau 99, 100  
CEVEP 110  
Circuito Italiano 15  
Clerical 28, 33, 41  
Clero 26, 33, 34, 35, 36, 70  
Colbacchini 22, 23, 26, 27, 28, 32, 37, 40, 44, 45, 47, 59  
Colégio católico 72  
Colégio Santo Antônio 71  
Colombo 9, 11, 12, 15, 16, 17, 19, 26, 34, 43, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56,  
57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80,  
81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101,  
102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118, 119,  
120, 121, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138,  
140, 141, 143  
Colônia 34, 39, 41, 42, 44, 46, 47, 49, 50, 54, 61, 65, 71, 88, 97, 98, 99, 117  
Colônias italianas 22, 25, 46, 51, 53, 57, 115, 117, 127  
Colonização 19, 22, 34, 36, 42, 44, 45, 46, 47, 51, 86  
Colonos 16, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 52, 56, 70, 71  
Congregações religiosas 16, 57  
Contato linguístico 68, 124, 126, 128, 142, 143  
Cooficialização 11, 108  
Cucagna 34  
Cucchini 30, 35  
Cultura de herança 5, 9  
Cunha e Gabardo 91, 95, 107  
Cunha et al. 135, 136  
Curitiba 22, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 51, 53, 61, 68, 83, 84, 85,  
106, 108, 109, 129, 138, 143  
Curitibano 42, 43, 46, 50, 51

## D

Dante 123, 127  
Descendentes 10, 15, 16, 44, 60, 61, 63, 67, 68, 69, 71, 74, 77, 82, 84, 85, 87, 89,  
91, 92, 94, 95, 99, 104, 105, 106, 111, 113, 115, 117, 125, 130, 140, 141  
Dialeto 71, 72, 79, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 135

Dialetos 68, 74, 75, 91, 92, 95, 123, 124, 125, 127, 128, 130, 131, 134, 141, 142  
Dicionário 17, 113, 124, 132, 133, 143

## E

Emigração 22, 23, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 59, 66  
Emigrante 24, 25, 26, 30, 33, 34, 35, 40, 60  
Era Vargas 92  
Escalabriniano 22  
Escola católica 71, 86, 88  
Escolarização 57, 65, 68, 72  
Esmacimento 75, 79, 91, 92, 125, 142  
Estado Novo 73  
Estigmas 91, 92  
Estrato 17, 128, 129, 130, 131  
Etnia 68, 81  
Etnicidade 10, 57, 63, 71, 74, 77, 88, 89, 93, 94  
Eufrásio Correia 51, 54, 65, 117, 127

## F

Falares do vêneta 59  
Festa da Uva 11, 15, 16, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 88, 97, 98, 105, 121, 141  
Filò/fiò 101, 104, 105, 121, 134  
Forni di Sopra 54  
Francisco Bonato 59  
Franzina 25, 26, 58  
Fricativa 136, 137

## G

Gabardo 59, 92, 94, 95, 98, 103, 107, 108  
Gabardo e Lopes 59, 94  
Glossônimo 119  
Glotônimo 119  
Grosselli 20, 21

## H

História 9, 16, 22, 47, 108  
Historiador 20, 25, 99  
Hobsbawm 20, 99, 100, 101, 104  
Hunsrückisch 131

## I

Identificações culturais 66  
Igreja 20, 21, 26, 28, 31, 33, 36, 57, 60, 61, 63, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 82, 88, 94,  
100, 141

- Imigração 9, 10, 15, 16, 36, 37, 42, 46, 51, 57, 72, 81, 84, 86, 87, 92, 93, 94, 100, 101, 109, 112, 120, 126, 130, 131, 141, 142
- Imigrante 15, 36, 41, 42, 63, 70, 92, 138
- Imigrantes 9, 10, 15, 16, 19, 22, 23, 24, 32, 36, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 78, 79, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 101, 105, 113, 115, 119, 122, 125, 126, 127, 128, 130, 138, 141, 142
- Imigrantes vênéticos 44, 53, 56, 57, 91, 94, 105, 115, 141, 142
- INDL 107
- Invenção das tradições 104
- Iphan 107, 108, 121
- Ipol 108, 121
- Irmãs do Sagrado Coração de Jesus 66, 68, 69
- Irmãs Passionistas 62, 69, 71, 86, 141
- Itália 16, 19, 20, 24, 26, 28, 29, 32, 33, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 57, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 88, 90, 91, 101, 106, 119, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 141
- Italiana 10, 15, 16, 19, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 32, 34, 37, 38, 42, 44, 45, 46, 47, 51, 52, 54, 57, 60, 61, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 77, 78, 81, 84, 86, 87, 88, 94, 95, 103, 104, 109, 112, 113, 118, 119, 122, 123, 124, 125, 127, 129, 139, 141, 142
- Italianidade 11, 12, 16, 57, 62, 67, 74, 75, 87, 89, 94, 106, 121, 126, 141
- Italiano 22, 24, 26, 28, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 44, 53, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 79, 85, 87, 88, 92, 94, 95, 103, 109, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 130, 135, 138, 142
- Italianos 9, 15, 20, 22, 24, 27, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 52, 53, 55, 57, 59, 61, 62, 67, 68, 71, 74, 77, 78, 79, 82, 84, 88, 91, 92, 94, 95, 99, 101, 104, 105, 117, 119, 125, 128, 140, 141
- Ítalo-colombenses 15, 57

## J

João Batista Lovato 60, 65, 66, 67, 94, 111

## L

- Lenição 104, 133
- Liberal 20, 26, 28, 33
- Língua de contato 17
- Língua de herança 9, 10, 11, 15, 17, 91, 109, 112, 113, 114, 120, 125, 126, 142
- Língua de imigração 10, 16, 92, 93, 94, 100, 120, 130, 131, 142
- Listas de entrada dos imigrantes 16
- Listas de serviço militar 16
- Lopes 59, 92, 94, 95, 106
- Lorenzoni 36
- Luzzatto 100, 121, 122, 143



## M

Machioski 22, 95  
Macinato 29  
Marcato 123, 124, 137  
Maria José 51, 54, 127  
Mi me Racordo 103, 114, 115  
Missionário 22, 23, 26, 46  
Moletta 35  
Motin 68, 69, 71  
Motin e Maschio 68

## N

Nacionalização 16, 72, 73, 75, 92, 130, 141, 142  
Navarro 129  
Normatização 17, 122, 131, 132  
Nova Itália 38, 39, 41, 42, 43

## O

Oclusiva 136  
Ortale 5, 12, 109

## P

Padova 29, 47, 52, 53  
Padre 15, 50, 62, 63, 64, 70, 79, 82, 93, 94, 95, 96, 109, 110, 111, 112, 115  
Padres Passionistas 61, 77, 86  
Paraná 9, 11, 15, 16, 19, 22, 24, 25, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 46, 47,  
49, 50, 52, 59, 61, 71, 76, 77, 78, 82, 83, 84, 87, 88, 95, 101, 108, 112, 120, 132  
Passionistas 16, 61, 62, 63, 69, 70, 71, 77, 86, 141  
Patrimônio imaterial 5, 11, 15, 93, 101, 104, 106, 107, 115  
Pesquisa estatística 117, 120  
Pietro Colbacchini 22, 37, 44, 59  
Planalto 42, 43, 44, 46, 50, 51  
Pomerano 131  
Português 31, 65, 68, 71, 72, 74, 91, 92, 95, 98, 106, 113, 114, 120, 124, 125, 128,  
129, 130, 131, 133, 135, 139, 140  
Possamai 21, 33  
Preconceito 92, 93  
Presidente Faria 50, 54, 65  
Processo de identificação 91

## R

Referência cultural brasileira 11, 16, 106, 107, 121  
Religiosas 16, 31, 57, 58, 69, 71, 74, 77, 90, 138

Repreensão 93  
Ressignificação 9, 85, 91, 93, 101  
Ressignificar 93, 109  
Rovigo 29  
Rural 15, 94

## S

Sacerdotes 59, 63, 130  
Santa Messa 11, 95, 97, 98, 99, 100, 104, 121, 143  
Sant'Anna 106  
Scarpim 52  
Scuola Santo Antonio 65  
Settimana Italiana 11, 16, 94, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 111  
Substrato 17, 128, 129, 130, 131, 135  
Superstrato 17, 128, 130

## T

Talian 9, 11, 15, 16, 17, 91, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106,  
107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 125,  
126, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143  
Terragni 22, 23, 26, 32, 40, 45  
Trento 24, 29, 53, 54, 70, 81, 82  
Treviso 29, 47, 51, 52, 53  
Tripoti 38, 39

## U

Udine 29, 52, 53  
Unificação 19, 26, 27, 28, 30, 124  
Urbano 21, 38, 43, 44, 85

## V

Valbrenta 113  
Valstagna 35, 55, 56, 59  
Variação 124, 126, 127, 128, 132, 134, 142  
Vêneto 16, 19, 21, 24, 25, 29, 30, 32, 33, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 47, 50, 51, 52,  
53, 54, 55, 56, 57, 62, 68, 69, 86, 87, 95, 102, 103, 104, 106, 122, 124, 127,  
136, 138  
Veneza 24, 29, 53, 54, 55  
Verona 29, 52  
Vicenza 22, 29, 34, 40, 41, 47, 50, 51, 52, 53, 55, 63  
Villa 34, 64

## Z

Zamboni 127

<b>Título</b>	Imigração vêneta, cultura e língua de herança: O Talian em Colombo-Paraná
<b>Autor</b>	Karine Marielly Rocha da Cunha Mara Francieli Motin Diego Gabardo Fábio Luiz Machioski
<b>Assistência Editorial</b>	Andressa Marques Taís Rodrigues
<b>Capa e Projeto Gráfico</b>	Leticia Nisihara
<b>Ilustração da Capa</b>	Paula Schmidlin
<b>Preparação</b>	Talita Franco
<b>Revisão</b>	Marcia Santos
<b>Formato</b>	16x23
<b>Número de Páginas</b>	164
<b>Tipografia</b>	Book Antiqua
<b>Papel</b>	Pólen 80 gr/m <sup>2</sup>
<b>1ª Edição</b>	Abril de 2023

---

Caro Leitor,  
Esperamos que esta obra tenha  
correspondido às suas expectativas.

Compartilhe conosco suas dúvidas e sugestões:

sac@editorialpaco.com.br

 11 98599-3876

---

## Publique sua obra pela Paco Editorial

EDIÇÃO DE QUALIDADE, DIVULGAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO NACIONAL



### Teses e dissertações

Trabalhos relevantes que representam contribuições significativas para suas áreas temáticas.



### Grupos de estudo

Resultados de estudos e discussões de grupos de pesquisas de todas as áreas temáticas.



### Capítulo de livro

Livros organizados pela editora dos quais o pesquisador participa com a publicação de capítulos.




### Técnicos e Profissionais

Livros para dar suporte à atuação de profissionais das mais diversas áreas.

Envie seu conteúdo para avaliação:

[livros@pacoeditorial.com.br](mailto:livros@pacoeditorial.com.br)

11 4521-6315  
 11 95394-0872

[www.editorialpaco.com.br/publique-na-paco/](http://www.editorialpaco.com.br/publique-na-paco/)

**Todo mês novas chamadas são abertas:**

[www.editorialpaco.com.br/capitulo-de-livros/](http://www.editorialpaco.com.br/capitulo-de-livros/)

---

Conheça outros títulos em  
[www.pacolivros.com.br](http://www.pacolivros.com.br)

---

PACO  EDITORIAL

Av. Carlos Salles Block, 658  
Ed. Altos do Anhangabaú – 2º Andar, Sala 21  
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100

A cultura linguística brasileira foi estruturada em torno do mito da “unidade linguística” do país, considerada um verdadeiro “milagre”: uma língua supostamente única falada num território de dimensões continentais. Essa concepção, tão enraizada na sociedade, é responsável pela invisibilização social de uma realidade multilíngue que faz do Brasil um dos dez países com a maior diversidade linguística do mundo. Para isso contribuem as mais de duzentas línguas indígenas ainda faladas entre nós, as línguas da imigração mais recente (espanhol boliviano e venezuelano, francês e crioulo haitiano, entre outras) e as que foram trazidas para cá ao longo do século 19 (e início do 20, como o japonês) e que hoje constituem uma herança cultural dos descendentes daquelas vagas migratórias: línguas faladas na Itália e na Alemanha, mas não as que recebem os nomes oficiais de “italiano” e “alemão”, construtos sociopolíticos que tentam criar uma unidade linguística em territórios secularmente plurilíngues. Assim, por exemplo, o pomerano não é “alemão”, assim como não o é o hunsrückisch. Tampouco é “italiano” a variedade de vêneto oitocentista que recebe no Brasil o nome de talian e se instalou em comunidades de diferentes regiões, com destaque para a região Sul. Este livro trata precisamente desta língua em sua dinâmica social no município de Colombo, na zona metropolitana de Curitiba, capital do Paraná. É um trabalho que traça a história das e dos imigrantes que ali se instalaram, as razões que suscitaram sua migração, as características socioculturais dessas pessoas, as figuras humanas que colaboraram para a dinâmica sociolinguística da comunidade. Também apresenta a situação do talian na contemporaneidade, sua situação como língua de herança, os movimentos culturais que tentam preservá-la, o que significa falar um idioma minoritário diante da pressão hegemônica da língua dominante. É de esperar que trabalhos semelhantes se inspirem neste para fazer uma cartografia e uma etnografia confiáveis das múltiplas variedades que compõem a nossa grande diversidade linguística.

*Marcos Bagno*

Universidade de Brasília



ISBN 978-85-462-2298-8



9 788546 222988



/PacoEditorial



@PacoEditorial



@Paco\_Editorial